

EEEFM CÂNDIDA PÓVOA



Livro de Contos



Projeto
"Conte um Conto"

9º ANO



ORGANIZAÇÃO

**Prof. Josimar
Rodrigues**

E.E.E.F.M. Cândida Póvoa

LIVRO DE CONTOS

9º Ano

Projeto "Conte um Conto"

Apiacá
2023

E.E.E.F.M. Cândida Póvoa

Apiacá - ES

*Superintendência Reginal de Educação Comendadora
Jurema Moretz Sohn - Guaçuí*

Secretaria do Estado de Educação

2023

Capa, Seleção, Organização e Diagramação

Josimar de Souza Rodrigues Junior

contato@josimar.com.br

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

Contos de fada não dizem às crianças que dragões
existem. Crianças já sabem que dragões existem.
Contos de fada dizem às crianças que dragões
podem ser mortos.

G. K. Chesterton

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

O ESTUDANTE

Anton Tchékhov¹

Começou fazendo tempo bom, quieto. Os pássaros berravam e, das vizinhanças do brejo vinha um zumbido queixoso, como se alguém soprasse numa garrafa vazia. Uma galinha aparece e leva um tiro, que ecoa cortante e alegre pelo ar primaveril. A chegada da noite, depois, que vem do Leste e cai sobre a floresta soprando um vento frio impróprio, faz tudo silenciar. Pequenas agulhas de gelo começam a brotar pelas poças d'água, e tudo, tudo na floresta torna-se incômodo, mudo e hostil. Cheira a inverno.

Ivan Velikopólski, estudante seminarista e filho do diácono, voltava para casa apressado pela trilha que cortava o pântano. Os dedos já entorpeciam e o vento queimava o rosto. Parecia que aquele vento repentino chegara para destruir toda a ordem e o consentimento, de uma forma tão estranha à própria natureza que, por isso mesmo, a noite engrossara antes do que devia. Os arredores estavam desertos e especialmente sombrios. Uma fogueira luzia na horta das viúvas, e só. Lá longe, onde ficava a aldeia, a umas quatro verstas, tudo mergulhava inteiramente no gelado breu da noite. O estudante se lembrou de como, ao sair de casa, sua mãe limpava o samovar sentada no chão, descalça. Lembrou de como seu pai se esquentava deitado aos pés do forno, tossindo. Lembrou de como não se cozinava nada em casa naquela sexta-feira da Paixão, e de como queria-se dolorosamente comer. Encolheu-se de frio e pensou em como aquele mesmo vento já soprava nos tempos de Riúrik. Depois, pensou em como já soprava também nos tempos de Ivan o Terrível e nos tempos de Pedro,

1 Tradução do conto por Diego Moschkovich.

o Grande². Pensou em como existia, também, a mesma pobreza feroz, a fome, os mesmos telhados esburacados de palha, a ignorância, a angústia, aquele mesmo deserto ao redor, as trevas, o sentimento de opressão. Todos horrores que existiam, existem e existirão, e poderiam passar mais mil anos que a vida não se tornaria melhor. Ivan não quis ir para casa.

Chamava-se “horta das viúvas” porque era uma horta de duas viúvas, mãe e filha. Uma fogueira queimava calorosa, aos estalidos, iluminando longe a terra lavrada. A viúva Vacilissa, velhota alta e gorda, metida num capote masculino, estava parada em pé ao lado do fogo e olhava pensativa para a labareda; sua filha, Lukéria, pequena, sardenta e de rosto estúpido, estava sentada no chão de terra e lavava um caldeirão e algumas colheres. Obviamente tinham acabado de jantar. Ouviam-se as vozes masculinas dos serviçais, que davam de beber aos cavalos no rio ali perto.

--Olhem só, não é que o inverno voltou, mesmo? -- disse o estudante, se aproximando da fogueira. -- Olá!

Vacilissa se assustou, mas logo em seguida se lembrou do menino e abriu um sorriso amigável.

- Nem te reconheci, você vai ficar rico!³ - disse ela. - Deus o guarde.

Conversaram. Vacilissa - mulher experiente, serva ama-de-leite por algum tempo, depois babá - se expressava delicadamente e seu rosto abria sorrisinhos leves, aos poucos; sua filha, Lukéria, mulher da aldeia surrada pelo

2 Riúrik, Ivan (o Terrível) e Pedro (o Grande) - foram tsares da Rússia. Riúrik (830-879 d.C.) é considerado o primeiro tsar. Ivan (1530-1584), é considerado unificador do Império Russo. Pedro (1672-1725) é considerado o modernizador da Rússia, tendo criado a face moderna do Império. (N.T.)

3 Trata-se de uma antiga superstição russa que diz que a pessoa que não for reconhecida num encontro enriquecerá. (N.T.)

marido, olhava vesga e calada para o estudante, com uma expressão estranha, quase surdomuda.

- Foi assim que o apóstolo Pedro se esquentou numa fogueira, - disse o estudante, estendendo as mãos para o fogo. - Ou seja, naquela época também fazia frio. Que noite mais estranha, não, tia? Uma noite extraordinariamente triste, e longa!

Olhou ao redor para a escuridão. Perguntou, suspirando:

- Suponho que você já tenha ido às leituras dos doze evangelhos, tia?

- Fui, sim - respondeu Vacilíssa.

- Lembra o que Pedro disse a Jesus, na última ceia? "Contigo eu estou pronto para ir até a escuridão, e até a morte." E o senhor lhe respondeu: "Te digo, Pedro, não cantará o galo hoje até que você me tenha negado três vezes, dizendo que não me conhece." Depois, enquanto Jesus sofria mortalmente no jardim, o pobre Pedro, de alma cansada, fraco, sentia os anos pesados em suas costas. Sem forças para lutar contra o sono acabou adormecendo e o resto você já sabe. Judas, na mesma noite beijou Jesus e o traiu para seus inimigos. Foi levado acorrentado até o sacerdote e espancado. Pedro, prostrado, incomodado pela angústia e pela ansiedade, entende. Ele pressentiu, sem ter dormido, que aqui na terra estava para acontecer algo terrível, e seguiu. Pedro amava Jesus apaixonada e incondicionalmente, e agora via de longe como o espancavam.

Lukéria deixara as colheres e agora mantinha um olho fixo no estudante.

- Chegaram ao sacerdote, - continuou, - começaram a interrogar Jesus e, ao mesmo tempo, os trabalhadores acenderam uma fogueira no meio do pátio. Estava frio, eles precisavam se esquentar. E ali do lado do fogo, com eles, estava Pedro, e se esquentava também, assim como eu, agora. Uma mulher o viu e disse: "Este aqui também

estava com Jesus”, ou seja: ele também precisava ser levado ao interrogatório. E todos os trabalhadores acorados em volta da fogueira olharam desconfiados e severos para ele, porque Pedro se incomodara e dissera: “Não o conheço.” Um pouquinho depois mais alguém reconheceu nele um dos discípulos de Jesus e disse: “Você também é um deles.” Mas Pedro mais uma vez negou. E pela terceira vez alguém se dirigiu a ele: “Não foi você que vi com ele hoje no jardim?” E Pedro negou pela terceira vez. Depois disto, imediatamente cantou o galo e Pedro, assistindo de longe a Jesus, lembrou-se das palavras que este lhe dissera durante a ceia. Lembrou, voltou a si, saiu do pátio e amargo, amargo chorou. Nos evangelhos está escrito: “E partira, chorando amargamente”. Eu fico imaginando: o jardim quieto, quieto, escuro, escuro, na escuridão mal se ouve o chorinho surdo...

O estudante suspirou e pensou. Continuando a sorrir, Vacilissa de repente soluçou e lágrimas grandes e abundantes começaram a deslizar sobre suas bochechas. Ela afastou com as mãos o rosto do fogo, com vergonha de seu próprio pranto. Lukéria corou olhando fixamente para o estudante, e sua expressão ficou pesada, tensa, como numa pessoa que suporta uma dor imensa.

Os serviços voltavam do rio. A luz do fogo já tremeluzia na figura do primeiro, que vinha montado a cavalo. O estudante desejou às viúvas uma boa noite e seguiu em frente. Mais uma vez rodearam-no as trevas e seus dentes começaram a ranger. O vento soprava cruel. De fato, retornava o inverno, e não parecia nada que depois de amanhã seria Páscoa.

O estudante pensava em Vacilissa: se tinha chorado, é que tudo que passara naquela noite estranha com Pedro fazia, para ela, algum sentido...

Olhou em torno. O fogo solitário piscava calmo na escuridão, e ao seu redor já não se viam as pessoas. O estu-

dante novamente pensou que, se Vacilissa chorara, e sua filha se incomodara, então obviamente aquilo que contara, ocorrido dezenove séculos atrás, possuía relação com o presente - com as duas mulheres, e claro, com aquela aldeia deserta, com ele próprio, com todos os homens. Se a velhinha havia chorado não era porque ele sabia contar histórias, mas porque Pedro lhe era próximo, e porque ela se interessara, com todo o seu ser, por aquilo que acontecera na alma de Pedro.

De repente sentiu uma alegria levantar-se em sua alma. Uma alegria tão grande que teve até mesmo de parar por um minuto, a recobrar o fôlego. O passado, pensou, liga-se ao presente por uma corrente ininterrupta de acontecimentos, que brotam um do outro. A impressão que tinha era que acabara de ver as duas pontas desta corrente: tocara uma delas, distanciara-se da outra.

Ao se aprumar no barquinho para cruzar o rio, viu sua aldeia natal levantando-se sobre a montanha ao leste, por onde, como uma fita, a fina e gélida aurora carmim inundava o céu. Pensou que a verdade e a beleza, que haviam dirigido a vida dos homens lá no pátio do sacerdote continuavam ininterruptamente até os dias de hoje, e, ao que lhe parecia, sempre seriam o principal na vida humana, e na Terra de forma geral; a sensação de juventude, saúde, força - ele tinha apenas vinte e dois anos - e a inexpressável doce espera da felicidade, da invisível e secreta felicidade, tomaram conta dele aos pouquinhos. A vida lhe parecia deliciosa, maravilhosa, e cheia do sentido mais elevado.

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

A APOSTA

Anton Tchékhev

I

Era uma noite escura de outono. O velho banqueiro media a passadas o seu gabinete e recordava como, quinze anos atrás, no outono, dera uma festa. Nessa reunião estivera muita gente inteligente e houvera muitas conversas interessantes. Entre outros assuntos, falara-se da pena de morte. Os convidados, entre os quais havia não poucos sábios e jornalistas, na sua maioria tinham uma atitude negativa para com a pena de morte. Achavam esse método de punição obsoleto, impróprio para os Estados cristãos e imoral. A opinião de alguns deles era que a pena de morte deveria ser definitivamente abolida e substituída pela prisão perpétua.

— Não estou de acordo — disse o banqueiro, dono da casa. — Nunca experimentei nem a pena de morte nem a prisão perpétua, mas, se é possível julgar a priori, a minha opinião é que a pena de morte é mais moral e mais humana do que a prisão. A execução mata dumavez, ao passo que a prisão perpétua mata aos poucos. Que carrasco é, pois, mais humano — aquele que mata de repente ou o que arranca a vida no decorrer de muitos anos?

— Tanto uma coisa como outra são igualmente imorais — observou um dos convidados —, porque ambas têm a mesma finalidade — tirar a vida. O Estado não é Deus. Não tem o direito de tirar aquilo que não pode devolver, se quiser.

Entre os convidados estava um jurista, jovem de uns

vinte e cinco anos. Quando lhe perguntaram a sua opinião, ele disse:

— Tanto a pena de morte como a prisão perpétua são igualmente imorais, mas, se me oferecessem a escolha entre a morte e a prisão perpétua, eu certamente escolheria a segunda. Viver de qualquer maneira é melhor do que não viver de todo.

Começou uma discussão animada. O banqueiro, que era então mais jovem e mais nervoso, súbito ficou fora de si, deu um murro na mesa e gritou para o jovem advogado:

— Não é verdade! Aposto dois milhões que o senhor não agüentaria numa cadeia nem cinco anos.

— Se o senhor fala sério — respondeu-lhe o advogado —, eu aposto que posso agüentar a prisão não por cinco, mas por quinze anos!

— Quinze? Aceito! — gritou o banqueiro. — Senhores, eu ponho na mesa dois milhões!

— De acordo! O senhor põe dois milhões, e eu, a minha liberdade! — disse o jurista.

E essa aposta selvagem e insensata realizou-se! O banqueiro, que naquele tempo não tinha conta dos seus milhões, mimado e leviano, estava encantado com a aposta. Durante a ceia, ele pilheriava com o jurista e dizia:

— Caia em si, jovem, enquanto ainda não é tarde. Para mim, dois milhões são uma ninharia, mas o senhor se arrisca a perder três ou quatro dos melhores anos de sua vida. Eu digo três ou quatro, porque o senhor não agüentará mais do que isso. Não esqueça tampouco, infeliz, que a prisão voluntária é muito mais penosa do que a compulsória. O pensamento de que, a cada momento, o senhor pode sair para a liberdade vai lhe envenenar toda a existência na prisão. Eu tenho pena do senhor!

E, agora, o banqueiro, andando dum lado para outro, recordava tudo isso e se perguntava:

— Para que foi essa aposta? Qual era o proveito disso? O jurista perdeu quinze anos de sua vida, e eu jogo fora dois milhões? Será que isso poderá provar aos outros que a pena de morte é pior ou melhor que a prisão perpétua? Não e não — é tolice e insensatez. De minha parte, isso foi um capricho de homem enfasiado, e, da parte do jurista, nada mais que avidez de dinheiro...

E ele continuou recordando o que aconteceu depois da famosa noitada. Ficou resolvido que o advogado passaria a sua reclusão, sob a mais severa vigilância, numa das alas construídas no jardim do banqueiro. Combinou-se que, no decorrer de quinze anos, ele ficaria privado do direito de atravessar a soleira da sua ala, de ver gente, ouvir vozes humanas e receber cartas e jornais. Permitiu-se que ele possuísse um instrumento musical, lesse livros, escrevesse cartas, tomasse vinho e fumasse. Pelo trato, suas comunicações com o mundo exterior poderiam ser apenas mudas, através de uma janelinha especialmente construída para esse fim. Tudo aquilo de que precisasse, livros, notas musicais, vinho e o resto, ele receberia, por intermédio de bilhetes, em qualquer quantidade, mas somente pela janelinha. O contrato previa todos os detalhes e minúcias, que faziam a reclusão rigorosamente solitária, e obrigava o advogado à permanência de quinze anos exatos, das doze horas de 14 de novembro de 1870 até às doze horas de 14 de novembro de 1885. A menor tentativa, da parte do jurista, de quebrar qualquer das condições, ainda que dois minutos antes do término do prazo, libertava o banqueiro da obrigação de pagar-lhe os dois milhões.

Durante o primeiro ano o jurista, conforme se podia julgar pelos seus lacônicos bilhetes, sofreu muito da solidão e do tédio. Da sua ala, constantemente, dia e noite, ouviam-se os sons do piano. Ele recusou o vinho e o tabaco. O vinho, escrevia ele, excita os desejos, e os desejos são os primeiros inimigos do prisioneiro; além disso, não existe nada mais aborrecido do que tomar bom vinho sem ver

ninguém. Quanto ao tabaco, poluía o ar do seu quarto. No primeiro ano, mandaram-lhe livros, de preferência de conteúdo leve: romances com complicadas intrigas amorosas, contos policiais e fantásticos, comédias etc.

No segundo ano, a música silenciou na ala, e o jurista, nos seus bilhetes, exigia somente os clássicos. No quinto ano, novamente ouviu-se música, e o prisioneiro pediu vinho. Aqueles que o observavam através da janelinha diziam que todo esse ano ele só comia, bebia e ficava deitado na cama, bocejava muito e falava consigo mesmo, em tom irado. Não lia livros. Às vezes, durante a noite, ele se punha a escrever, escrevia longamente e, pela madrugada, rasgava em pedaços tudo o que escrevera. Mais de uma vez ouviram-no chorar.

No sexto ano de reclusão, o prisioneiro dedicou-se com afinco ao estudo de línguas, filosofia e história. Ele se entregou a esses estudos com tamanha avidez, que o banqueiro mal tinha tempo de fazer vir os livros necessários. No decorrer de quatro anos, por exigência do prisioneiro, foram importados cerca de seiscentos volumes. No período dessa paixão, o banqueiro recebeu, entre outras, esta carta:

“Meu caro carcereiro! Escrevo-lhe estas linhas em seis idiomas. Mostre-as a pessoas competentes, para que as leiam. Se não encontrarem nem um erro, peço-lhe encarecidamente que mande dar um tiro de espingarda no jardim. Esse tiro me informará que os meus esforços não foram vãos. Os gênios de todos os séculos e países falam línguas diversas, mas em todos eles arde a mesma chama. Oh, se soubesse que inefável felicidade experimenta hoje a minha alma porque agora eu os posso compreender!” O desejo do prisioneiro foi atendido. O banqueiro mandou dar dois tiros de espingarda no jardim.

Mais tarde, depois do décimo ano, o jurista ficou sentado, imóvel, à mesa, e lia somente o Evangelho. Parecia estranho ao banqueiro que um homem que assimilara em

quatro anos seiscientos tomos eruditos gastasse um ano inteiro na leitura de um único livro, de fácil compreensão e pouca espessura. Depois do Evangelho, vieram a história das religiões e a teologia.

Nos últimos dois anos de reclusão, o encarcerado leu em quantidade enorme, sem nenhum critério. Ora ele se ocupava de ciências naturais, ora exigia Byron ou Shakespeare. Havia bilhetes seus em que pedia que lhe mandassem simultaneamente uma obra de química, um compêndio de medicina, um romance e um tratado de filosofia ou de teologia. Suas leituras pareciam algo como se ele, boiando no mar entre os destroços de um navio naufragado e querendo salvar sua vida, se agarrasse convulsivamente ora a um destroço, ora a outro!

II

O velho banqueiro relembra tudo isso e pensava:

“Amanhã às doze horas ele recuperará a liberdade. Pelo contrato, eu terei de lhe pagar dois milhões. Se eu pagar, tudo estará perdido — eu estarei definitivamente arruinado”.

Quinze anos atrás ele não tinha conta dos seus milhões, mas agora tinha medo de se perguntar o que tinha mais: dinheiro ou dívidas? Jogadas imprudentes na Bolsa, especulações arriscadas e a impulsividade, da qual ele não conseguira se libertar nem mesmo na velhice, pouco a pouco minaram os seus negócios, e o ricoço orgulhoso, destemido e auto-suficiente transformou-se num banqueiro de categoria mediana, que tremia a cada alta ou baixa das ações.

— Maldita aposta — balbuciava o velho, apertando cabeça, em desespero. Por que esse homem não morreu? Ainda está com quarenta anos apenas. Ele me tirará os últimos recursos, casar-se-á, gozará a vida, jogará na Bolsa, e eu, como um mendigo, ficarei a olhá-lo com inveja e a ouvir dele, todos os dias, a mesma frase: “Eu lhe devo toda a feli-

cidade da minha vida, permita-me que o ajude!” Não, isso é demais! A minha única salvação da bancarrota e da vergonha é a morte desse homem!

Soaram as três horas. O banqueiro ficou atento: na casa todos dormiam e só se ouvia, atrás das janelas, o farfalhar das árvores friorentas. Procurando não fazer nenhum ruído, ele tirou do cofre-forte a chave da porta que não fora aberta durante quinze anos, vestiu o capote e saiu da casa.

O jardim estava escuro e frio. Chovia. Um vento áspero e gelado uivava no jardim e não dava sossego às árvores. O banqueiro forçava a vista, mas não conseguia distinguir nem a terra, nem as alvas estátuas, nem a ala, nem as árvores. Aproximando-se do lugar onde ficava a ala, ele chamou o guarda por duas vezes. Não houve resposta. Decerto, o guarda se abrigara do mau tempo e agora dormia em algum canto da cozinha ou do caramanchão.

“Se eu tiver coragem suficiente para executar o meu plano”, pensou o velho, “as primeiras suspeitas recairão sobre o guarda.”

Ele encontrou, tateando no escuro, os degraus e a porta, e entrou no vestíbulo da ala; depois, tateando sempre, entrou no pequeno corredor e acendeu um fósforo. Ali não se via viva alma. Havia uma cama sem colchão e, num canto, a mancha escura de uma estufa de ferro. Os lacres da porta que dava para o quarto do prisioneiro estavam intactos.

Quando o fósforo se apagou, o velho, tremendo de emoção, espiou pela janelinha.

No quarto do prisioneiro ardia a chama baça de uma vela. Ele mesmo estava sentado diante da mesa. Só se viam as suas costas, os cabelos e as mãos. Sobre a mesa, nas duas poltronas e no tapete junto à mesa, espalhavam-se livros abertos.

Cinco minutos transcorreram sem que o prisioneiro se mexesse uma só vez... Quinze anos de reclusão tinham-

-no ensinado a permanecer perfeitamente imóvel. O banqueiro bateu na janelinha, e o prisioneiro não respondeu às batidas com um movimento que fosse. Então o banqueiro arrancou, com cuidado, os lacres da porta e introduziu a chave no buraco da fechadura. A fechadura enferrujada emitiu um som rouco e a porta rangeu. O banqueiro esperava que imediatamente se ouvisse uma interjeição de espanto e passos, mas transcorreram uns três minutos e atrás da porta tudo continuava silencioso como antes. Ele decidiu-se a penetrar no quarto.

Diante da mesa estava sentado um homem que não se parecia com os homens comuns. Era um esqueleto coberto de pele, com longos cachos femininos e barba hirsuta. Sua tez era amarela, com matizes terrosos, as faces encovadas, as costas longas e estreitas, e a mão que sustentava a cabeça descabelada era tão fina e magra que dava arrepios olhar para ela. Nos seus cabelos já brilhavam fios de prata e, olhando o seu rosto encovado de velho, ninguém acreditaria que ele tinha apenas quarenta anos. Ele dormia... Diante da sua cabeça inclinada, na mesa, estava uma folha de papel, na qual estava escrita alguma coisa em letra miúda.

“Homem lamentável!”, pensou o banqueiro. “Dorme e, decerto, sonha com os seus milhões! E, no entanto, basta que eu segure esse semimorto, atire-o na cama, abafe-o de leve com o travesseiro, e a mais minuciosa diligência policial não encontrará sinal algum de morte violenta. Mas leiamos primeiro o que ele escreveu aí...”

O banqueiro apanhou o papel da mesa e leu o seguinte:

“Amanhã às doze horas eu receberei a liberdade e o direito de comunicação com os meus semelhantes. Mas, antes de deixar este quarto e rever o sol, julgo necessário dizer-vos algumas palavras. Em sã consciência e diante de Deus, que me vê, eu vos declaro que desprezo a liberdade,

a vida, a saúde, e tudo aquilo que nos vossos livros é chamado de bens da vida.

“Durante quinze anos estudei atentamente a vida terrena. É verdade que eu não via a terra e os homens, mas, nos vossos livros, sorvia vinhos aromáticos, entoava canções, caçava nos bosques cervos e porcos selvagens, amava mulheres... Beldades, leves como nuvens, criadas pela magia dos vossos poetas geniais, visitavam-me de noite e me sussurravam contos encantados que embriagavam a minha mente. Nos vossos livros, eu escalava cumes do Elbruz e do monte Branco e via de lá como nascia o sol de madrugada e, ao anoitecer, como ele inundava o firmamento, o oceano e os cumes das montanhas de ouro rubro; eu via de lá os relâmpagos fendendo as nuvens por cima da minha cabeça; eu via os campos verdejantes, os rios, os lagos, as cidades, ouvia o canto das sereias e a música das flautas dos pastores, sentia as asas de formosos demônios que vinham conversar comigo a respeito de Deus... Nos vossos livros, eu mergulhava em abismos sem fundo, fazia milagres, matava, queimava cidades, pregava novas religiões, conquistava reinos inteiros...”

“Os vossos livros deram-me sabedoria. Tudo aquilo que a infatigável mente humana criou durante séculos está comprimido no meu cérebro num pequeno novelo. Eu sei que sou mais sábio do que todos vós. E eu desprezo os vossos livros, desprezo todos os bens terrenos e a sabedoria. Tudo é mesquinho, perecível, espectral e ilusório, como a miragem. Podeis ser orgulhosos, sábios e belos, mas a morte vos apagará da face da terra, assim como às ratazanas, e a vossa descendência, a vossa história, a imortalidade dos vossos heróis serão congelados ou queimados junto com o globo terrestre.

“Vós enlouquecestes e tomastes o caminho errado. Tomais a mentira pela verdade e a deformidade pela beleza. Vós ficaríeis admirados se, em consequência de circunstâncias imprevistas, nascessem, nas macieiras e

laranjeiras, em vez de maçãs e laranjas, sapos e lagartixas, ou se as rosas de repente começassem a exalar odores de cavalo suado. Assim eu me admiro de vós, que trocastes o céu pela terra. Não vos quero compreender.

“Para demonstrar-vos na prática o meu desprezo para com tudo o que é a vossa vida, renuncio aos dois milhões com os quais sonhei em outros tempos como se fossem o paraíso que hoje eu desdenho. Para me privar do direito a eles, sairei daqui cinco horas antes do prazo combinado e, desse modo, quebrarei o trato...”

Tendo lido isso, o banqueiro repôs a folha na mesa, beijou a cabeça do estranho homem e, chorando, saiu da ala. Nunca antes, em tempo algum, mesmo após uma perda pesada na Bolsa, ele sentira por si mesmo um desprezo tamanho, como naquele momento. Chegando em casa, ele se deitou na cama, mas a emoção e as lágrimas não o deixaram adormecer...

No dia seguinte de manhã os guardas vieram correndo, pálidos, e lhe comunicaram que tinham visto o homem que vivia na ala se esgueirar pela janela para o jardim, dirigir-se para o portão e desaparecer. O banqueiro dirigiu-se imediatamente para a ala e, diante dos criados, constatou a fuga do seu prisioneiro. Para não dar azo a comentários supérfluos, tirou da mesa o papel com a renúncia e, voltando para o seu gabinete, trancou-o no cofre-forte.

Fontes:

- TCHEKHOV, Anton. O malfeitor e outros contos da Velha Rússia. RJ: Ediouro.

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

ANGÚSTIA

Anton Tchékhev

A quem comunicar a minha tristeza?

Boca da noite. Uma neve úmida, em grandes flocos, remoinhava preguiçosa à volta dos lampiões que acabavam de se acender, e em camadas espessas e moles pou-sava sobre os telhados, as costas dos cavalos, os chapéus e as espáduas da gente. Jonas Potapof, o cocheiro de trenó, estava branco feito um espectro, tão encolhido quanto a um corpo humano é possível encolher-se, sem se mexer, no alto da boleia. Caísse-lhe em cima todo um montão de neve, e ele nem julgaria necessário sacudir os ombros. O rocim também estava branco e imóvel. Na imobilidade das suas formas angulosas, na rigidez das suas pernas, que pareciam varas, lembrava até os cavalinhos de pão de mel de um copeque. Com toda a probabilidade, achava-se mergulhado em suas reflexões. A quem arrancaram ao arado, à habitual paisagem cinzenta, para lançá-lo nesta voragem cheia de luzes incompreensíveis, de barulho incessante, de gente a correr, é impossível não pensar...

Havia muito que Jonas e o rocim não se movimentavam. Tinham saído de casa antes do almoço, e ainda não aparecera nenhum ganho. E a névoa da noite já ia baixando sobre a cidade. A pálida luz das lâmpadas colora-se, torna-se mais brilhante; aumenta o rebrulço das ruas.

— Ó cocheiro, para Viborgskaia!⁴ — Jonas ouve gritar.
— Ó cocheiro!

4 Viborgskaia: bairro de São Petersburgo.

Jonas estremece e por entre as pestanas coladas de neve vê um militar de capote e capuz.

— Para Viborgskaia! — repete o militar. — Estás dormindo? Para Viborgskaia!

Em sinal de assentimento, Jonas puxa as rédeas, fazendo que se esbague a neve acumulada nas costas do cavalo e nos seus próprios ombros. O militar senta-se no trenó. O cocheiro dá um estalo com a língua, estica o pescoço à maneira de cisne, ergue-se e faz silvar o chicote mais por costume que por necessidade. O cavalo também estica o pescoço, dobra as pernas de vara e indecisamente se arranca do lugar.

— Aonde sobes, peste? — ouve logo Jonas alguém exclamar dentro da escuridão, na massa de transeuntes que se cruzam em todos os sentidos. — Para onde é que os diabos te carregam? Conserva a direita!

E o militar, por sua vez:

— Não sabes guiar! Conserva a direita!

O transeunte que atravessava a rua a correr e bateu com o ombro no focinho do cavalo xinga o cocheiro e o carro, lança um olhar de raiva e sacode do braço a neve. Jonas mexe-se inquieto na boleia, como se estivesse sentado em espinhos, empurra os cotovelos para os dois lados, olha ao redor como um possesso: dir-se-ia que não compreende onde está e por que está ali.

— Mas como toda essa gente é infame! — troça o militar. — Como aguardam a ocasião de esbarrar em ti ou de cair debaixo do cavalo! É uma combinação!

Jonas olha para o passageiro, abrem-se-lhe os lábios... Vê-se que deseja dizer alguma coisa, mas da garganta não lhe sai senão um ronco.

— Que tens? — pergunta o militar.

Jonas torce a boca para um sorriso, força a garganta e diz em voz rouca:

— É que... meu senhor... é... meu filho morreu esta semana.

— Hum... de que morreu?

Jonas volta-se para o passageiro com todo o corpo a fim de responder:

— Quem sabe! Deve ter sido de febre... Passou três dias no hospital e morreu. Era a vontade de Deus.

Do escuro parte uma voz:

— Desvia-te, diabo! Estás cego, velho cachorro? Onde estás com os olhos?

— Anda, anda... — diz o passageiro. — Assim não chegaremos nem amanhã. Açoita!

O cocheiro estica de novo o pescoço, ergue-se um pouco, e com pesada graça vibra o chicote. Em seguida, volta-se repetidas vezes para olhar o passageiro, mas este fechou os olhos: evidentemente, não está disposto a ouvi-lo. Leva-o a Viborgskaia; depois, fica parado ao pé de um botequim, encolhe-se na boleia, e imobiliza-se de novo. Mais uma vez a neve pinta-o de branco, a ele e ao cavalo. Escoa-se uma hora, e mais outra.

Na calçada, arrastando ruidosamente as galochas e brigando, passam por ele três moços, dois magros e altos e um baixinho e corcunda.

— Ó cocheiro, para a Ponte Policial! — grita o corcunda em voz surda. — Os três... vinte copeques.

Jonas puxa as rédeas e dá um estalo com os lábios. O preço de vinte copeques não é razoável... mas que lhe importa o preço? Rublo ou piataca,⁵ tanto faz agora, contanto que tenha fregueses. Acotovelando-se e trocando palavrões, os moços trepam no assento, os três ao mesmo tempo. Começam por discutir o problema de saber quais os dois que poderão sentar-se e qual o terceiro que permanecerá em pé. Após longa troca de palavras feias, após

5 Piataca: moeda de cinco copeques.

recriminações e discussões, chega-se à conclusão de que é o corcunda quem deverá viajar em pé, por ser o menor de todos.

— Bem, vai para a frente! — berra este depois de instalado.

O seu hálito fere a nuca de Jonas:

— Corre! Mas que gorro tens, irmãozinho! Não se encontra pior em toda São Petersburgo...

Jonas ri-se:

— Hi-hi... É isso mesmo...

— Seja como for, toca para a frente! Pretendes fazer todo o percurso nesta marcha? Olha que apanharás no pescoço!

— Minha cabeça vai estalar — diz um dos moços altos.
— Ontem, em casa dos Dukmassofs, eu e o Vasca⁶ bebemos, os dois, quatro garrafas de conhaque.

— Não compreendo por que essas mentiras — diz o outro rapaz alto, aborrecido. — Mentos pelos cotovelos.

— Deus me castigue se não é verdade...

— É verdade como a tosse do piolho.

— Hi-hi... Os senhores estão de bom humor! — declara Jonas sorrindo.

— O diabo te leve! — xinga de novo o corcunda. — Andas ou não andas, peste velha? Será que te arrastarás assim? Chicote nele, diabo! Vai, açoita-o melhor!

Jonas sente atrás de si o agitar-se do corpo do corcunda, sente na nuca o frêmito da sua voz, ouve as palavras grosseiras que lhe são dirigidas, e o sentimento de solidão vai aos poucos caindo-lhe do peito. O corcunda xinga-o, até que se engasga com os palavrões enormes, rebuscados, sufocado numa crise de tosse. Os dois pernudos falam de

6 Vasca: diminutivo de Vássili.

certa Nadejdia Petrovna. Jonas olha para trás. Aguarda uma breve pausa, espreita outra vez e balbucia:

— Esta semana o meu... morreu o meu filho.

— Todos morremos — diz o corcunda num suspiro, enxugando os lábios depois da tosse. — Bem, anda, anda! Decididamente, senhores, eu não aguento mais. Quando chegaremos, afinal?

— Incita-o de leve — no pescoço!

— Estás ouvindo, peste velha? Vou bater no teu pescoço! Não adianta fazer cerimônia com gente da tua laia... antes ir logo a pé. Ouviste, bicho-papão? Parece que cospes no que nós dizemos.

E Jonas ouve mais do que sente o ruído de uma palmada na nuca.

— Hi-hi... Os senhores estão de bom humor. Deus lhes dê saúde.

— Ó cocheiro, és casado? — perguntou um dos pernaltos.

— Ah-ah-ah... Os senhores estão de bom humor. A minha mulher, agora... é a terra úmida... ah-ah-ah... quer dizer, a cova... Morreu o meu filho, e eu estou vivo... Coisa esquisita: a morte se enganar de porta! Em vez de me levar, foi levar o meu filho.

E Jonas volta-se para contar como seu filho morreu; mas neste momento o corcunda solta um suspiro de alívio e declara que, graças a Deus, acabam de chegar. Recebidos os vinte copeques, Jonas fica muito tempo a seguir com os olhos os três farristas, que desaparecem atrás de um portão escuro.

Está sozinho de novo, e de novo o silêncio o agride... A angústia, desaparecida por algum tempo, reaparece, oprimindo-lhe o peito ainda com mais força. Alarmados e agoniados, os olhos do cocheiro correm a multidão que vai e vem nos dois lados da rua: entre aquele milhar de pessoas

não se encontra uma só, pelo menos, que lhe dê atenção. A multidão passa e não o nota, nem a ele nem à sua angústia, uma angústia imensa, sem limites. Se ela rebentasse o peito de Jonas, derramar-se-ia e inundaria o mundo inteiro; e, entretanto, ninguém a vê. Ela conseguiu abrigar-se numa concha tão humilde que não se deixa perceber nem sequer à luz do dia.

Jonas vê um porteiro com um saco e resolve conversar com ele.

– Que horas serão, meu caro? – pergunta-lhe.

– Dez. Mas por que paraste? Anda, vai para a frente.

Jonas avança alguns passos, torce-se, e entrega-se todo à angústia. Dirigir-se aos transeuntes não vale a pena. Mal decorridos cinco minutos, reergue-se, abana a cabeça, como sacudido por uma dor aguda, e puxa as rédeas. Não aguenta mais.

– “Para a hospedaria – pensa –, para a hospedaria!”

O rocim, como se entendesse o pensamento do cocheiro, põe-se a correr a trote. Ao cabo de hora e meia, Jonas já está sentado ao pé de um grande forno sujo. Em cima do forno, no chão e nos bancos ronca gente. Jonas fita os adormecidos, coça-se, e sente-se arrependido de ter voltado tão cedo.

– “Nem o preço da aveia ganhei; por isso é que veio a angústia. Um homem que sabe fazer o seu trabalho... come à vontade, tem o cavalo farto e anda sempre tranquilo.”

Num dos cantos, levanta-se um jovem cocheiro, boceja meio adormecido e estira-se para o balde com água.

– Queres beber?

– Naturalmente!

– Então, bom proveito... Pois a mim, irmão, meu filho morreu. Ouviste? Morreu no hospital esta semana... E um caso sério!

Jonas procura o efeito das suas palavras: não vê

nenhum. O rapaz cobre a cabeça, e já dorme. O velho suspira e coça-se. Assim como o outro teve vontade de beber, assim está ele com vontade de falar. Dentro em pouco haverá uma semana que lhe morreu o filho, e ele ainda não pôde falar razoavelmente com ninguém... É necessário falar sem pressa, claramente... É preciso contar como o filho adoeceu, como sofreu, o que disse antes de morrer, como morreu... É preciso descrever o enterro e a viagem ao hospital para receber as roupas do defunto... Sua filha Anísia ficou lá na aldeia; dela também é preciso falar... Porém ele pouco pode falar agora de tudo isso! O ouvinte deveria espantar-se, lamentá-lo, gemer com ele. Com mulheres até se entenderia melhor. Ainda que tolas, bastam duas palavras para fazê-las chorar.

— “Vamos olhar para o cavalo — diz entre si. — Para dormir, sempre tens tempo. Sem dúvida, dormirás bastante...”

Veste-se e vai à estrebaria, onde o cavalo está descansando. Pensa na aveia, no tempo que fará. No filho é que não pode pensar quando está sozinho. Falar com alguém sobre ele, isto sim... mas pensar nele, sozinho, e evocar a imagem dele, é penoso, é insuportável...

— Estás mastigando? — pergunta Jonas ao cavalo, vendo-o com os olhos brilhantes. — Mastiga, mastiga... Já que não ganhamos bastante para comprar aveia, vamos comer feno... Pois é... Já estou velho para guiar... Meu filho — ele é que deveria guiar, e não eu... Ele é que era cocheiro de verdade... Homem para viver muito ainda!

Cala-se um momento e recomeça:

— É assim mesmo, irmão cavalo... Não existe mais Cosme Jonitch. Mandou-nos viver muito tempo⁷. Pegou e foi morrer à toa... Faz de conta que tu tinhas um poldri-

⁷ Mandou-nos viver muito tempo: modismo russo que primitivamente significa “mandou-nos viver demais”, isto é, “é pena termos sobrevivido a ele”, e que na língua cotidiana se emprega como eufemismo para simplesmente dizer “morreu”.

nho... para esse cavaliinho tu eras o pai... E de repente, faz de conta, esse mesmo cavaliinho te mandava viver muito tempo... Não seria uma lástima?

O rocim escuta, mastigando, e sopra na mão do dono. Então, arrebatado, Jonas põe-se a contar-lhe tudo...

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

Lima Barreto

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

- Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!
- Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho agüentado lá, no consulado!
- Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.
- Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!
- Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?
- Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.
- Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

— Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

— Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no Jornal do Comércio o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas etc.” Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os “cadáveres”. Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a *Grande Encyclopédie*, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A *Encyclopédie* dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronunciação figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras. Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas;

entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu “a-b-c” malaio, e,

com tanto afincio levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos:

– Senhor Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

– Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e...

Por aí o homem interrompeu-me:

– Que diabo vem a ser isso, Senhor Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

– É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênuo! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

– Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, Senhor Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacuecanga, à Rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que numero. E preciso não te esqueceres que entrementes

continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder “como está o senhor?” - e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico.

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil - podes ficar certo - aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, Com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei porque me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortíferas. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se

diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

– Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.

– Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?

– Não, sou de Canavieiras.

– Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo, – Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu. – Onde fez os seus estudos?

– Em São Salvador.

– Em onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos.

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

– E ele acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

– Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha

pele basané podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio...Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaio, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

– Bem, fez o meu amigo, continua.

– O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:

– Então está disposto a ensinar-me javanês?

– A resposta saiu-me sem querer: – Pois não.

– O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

– Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...?

– O que eu quero, meu caro senhor...

– Castelo, adiantei eu.

– O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do Conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: “Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faz com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz.” Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele mo

deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriqueei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro, que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o

Senhor Barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa Única! Ele não se cansava de repetir: “É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!”

O marido de Dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...

Ficava extático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribui muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a cousa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que

soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao Visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. — “Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!” Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

O diretor chamou os chefes de seção: “Vejam só, um homem que sabe javanês — que portento!”

Os chefes de seção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: “Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!”

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: “É verdade, mas eu sei canaque. O senhor sabe?” Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o pince-nez no nariz e perguntou: “Então, sabe javanês?” Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. “Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bale, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller, e outros!”

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro

para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas maleo-polinésicas; mas não havia meio!

Bem jantado, bem-vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English-Oceanic Association*, *Archivo Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: “Lá vai o sujeito que sabe javanês.” Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi, no *Jornal do Comércio* um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

– Como, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

– Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografias, e depois citei a mais não poder.

– E nunca duvidaram? perguntou-me ainda o meu amigo.

– Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzeado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês – uf!

Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para

a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na seção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no Mensageiro de Bale o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela seção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a seção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do Mensageiro de Bale, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo Senador Gorot. Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase toda a herança do crédulo e bom Barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da república, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

— É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

— Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?

— Que?

— Bacteriologista eminente. Vamos?

— Vamos.

Gazeta da Tarde, Rio - 28/4/1911

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

DE QUANTA TERRA PRECISA UM HOMEM

Liev Tolstói

Uma mulher veio visitar sua irmã mais nova que vivia no campo; a primeira estava casada com um mercador da cidade, a outra com um camponês da aldeia; quando estavam a tomar o chá, começou a mais velha a gabar a vida da cidade, dizendo que se vivia por lá com todo o conforto, que toda a gente andava bem arranjada, que as filhas tinham vestidos lindíssimos, que se bebiam e comiam coisas magníficas e que se ia ao teatro, a passeios e a festas. A irmã mais nova, um pouco despeitada, mostrou todos os inconvenientes da vida do comércio e exaltou as vantagens da existência dos camponeses.

- Não trocaria a minha vida pela vossa; é certo que vivemos com alguma rudeza, mas, pelo menos, não estamos sempre ansiosos; vocês vivem com mais conforto e mais elegância, mas ganham muitas vezes mais do que precisam e estão sempre em riscos de perder tudo; lá diz o ditado:

«Estão juntos na merca o ganho e a perda»; quem está rico num dia pode, no dia seguinte, andar a pedir pão pelas portas; a nossa vida é mais segura; se não é farta é, pelo menos, comprida; nunca seremos ricos, mas sempre teremos bastante que comer.

A irmã mais velha replicou com zombaria:

- Bastante? Sim, bastante, se vocês se contentarem com a vida dos porcos e das vitelas. Que sabem vocês de elegância e de boas maneiras? Por mais que o teu marido trabalhe como um escravo, vocês hão de morrer como têm vivido - num monte de estrume; e os vossos filhos na mesma.

Bem, e depois? - retorquiui-lhe a outra. - Não nego que o nosso trabalho seja rude e grosseiro; mas em compensação é seguro e não precisamos de nos curvar diante de ninguém; vocês, na cidade, vivem rodeados de tentações; hoje tudo corre bem, mas amanhã o Diabo pode tentar o teu marido com a bebida, o jogo ou as mulheres - e lá se vai tudo. Bem sabes que é o que sucede muitas vezes.

Pahóm, o dono da casa, estava deitado à lareira e escutava a conversa das mulheres.

- «É realmente assim - pensava ele -. Os lavradores ocupados desde meninos no amanho da terra não têm tempo para pensar em tolices; só o que nos consome é não termos terra bastante; se tivesse toda a terra que quero, nem o Diabo seria capaz de meter-me medo.» As mulheres acabaram o chá, palraram ainda um bocado sobre vestidos, depois arrumaram a louça e deitaram-se a dormir. Mas o Diabo tinha estado sentado num desvão da lareira e tinha ouvido tudo o que se dissera; ficara contentíssimo quando vira que a mulher do camponês arrastara o marido para a gabarolice e quando percebera que o homem pensava que, se tivesse terra à vontade, não temeria o Diabo. -

«Muito bem! - pensou o Diabo. Vamos lutar um com o outro; dou-te toda a terra que quiseres e há de ser por essa terra que te hei de apanhar.»

II

Perto da aldeia vivia uma senhora, pequena proprietária, que possuía um terreno de cerca de cento e vinte hectares. Tinha mantido sempre com os camponeses excelentes relações, até o dia em que tomou como feitor um antigo soldado que se pôs a multar toda a gente. Por mais cuidado que Pahóm tivesse, ora um cavalo lhe fugia para os campos de aveia da senhora, ora uma vaca ia para os jardins, ora as vitelas andavam pelos prados; e a multa lá vinha.

Pahóm pagava, resmungava e, irritado, tratava mal

a família; todo o Verão, o camponês teve conflitos com o feitor e só o alegrou a chegada do Inverno em que o gado tinha de ir para o estábulo; dava-lhe a ração de má vontade, mas ao menos estava livre de sustos. Durante o Inverno, correu que a senhora ia vender as terras e que o estalajadeiro se preparava para lhas comprar; toda a aldeia ficou alarmada.

- Bem - pensavam os camponeses - se o estalajadeiro comprar as terras, as multas serão mais fortes ainda; o caso é sério.

Foram então, em nome da Comuna, pedir à senhora que não vendesse as terras ao estalajadeiro, porque estavam dispostos a pagar-lhe melhor; a senhora concordou e os camponeses reuniram-se para que o campo fosse comprado por todos e cultivado por todos; houve duas assembleias, mas o Diabo semeava a discórdia e não chegaram a nenhuma combinação; cada um compraria a terra que pudesse; a senhora acedeu de novo.

Pahóm ouviu dizer que um seu vizinho ia comprar vinte hectares e que a proprietária receberia metade em dinheiro e esperaria um ano pela outra metade; sentiu inveja e pensou:

- «Ora vejam isto; vão comprar toda a terra e eu não apanho nenhuma.»

Falou depois à mulher:

- Toda a gente está a comprar terras; vamos nós comprar também uns dez hectares; a vida assim é impossível; o feitor mata-nos com multas.

A mulher concordou e consideraram sobre a maneira de realizar o seu desejo; tinham uns cem rublos de parte; venderam um potro e metade das abelhas, meteram um filho a jornaleiro, recebendo a soldada adiantada, e pediram emprestado a um cunhado o que faltava para perfazer metade da quantia necessária.

Feito isto, escolheu Pahóm um campo de uns quinze

hectares, com um pouco de bosque, e foi ter com a senhora para tratarem do negócio; chegaram a acordo e o camponês pagou adiantada uma certa quantia; depois foram à cidade e assinaram a escritura em que ficava estabelecido pagar ele logo metade da quantia e entregar o resto dentro de dois anos.

Agora tinha Pahóm terra sua; pediu sementes emprestadas, semeou-as na terra que comprara; como a colheita foi boa, pôde, dentro de um ano, pagar ao cunhado e à senhora; tornou-se assim proprietário, lavrando e semeando a sua terra, fazendo feno na sua terra, abatendo as suas árvores, alimentando o seu gado nos seus pastos. Sentia-se cheio de contentamento quando ia lavar ou olhava para os trigais ou para os prados; a erva que ali crescia e as flores que ali desabrochavam pareciam-lhe diferentes de todas as outras; a princípio parecera-lhe que a sua terra era igual a qualquer outra; agora, porém, via-a totalmente diversa.

III

O contentamento de Pahóm teria sido completo se os vizinhos não lhe atravessassem as searas e os prados; falou-lhes muito delicadamente, mas os homens continuaram; umas vezes eram os pastores da comuna que deixavam ir as vacas para as suas pastagens, outras vezes os cavalos que se soltavam à noite e lhe iam para as searas. Pahóm enxotava-os, perdoava aos donos e, durante muito tempo, não fez queixa de ninguém; por fim, perdeu a paciência e queixou-se ao tribunal; bem sabia que era a falta de terra dos camponeses e não qualquer má intenção que os fazia proceder daquele modo, mas pensava: «Se não tomo cuidado, dão-me cabo de tudo; tenho que lhes dar uma lição.»

Foi o que fez: deu-lhes uma lição, depois segunda, e dois ou três camponeses foram multados; ao fim de certo tempo, os vizinhos tinham-lhe raiva e era de propósito que lhe metiam o gado pelas terras; houve mesmo um que, uma

noite, lhe cortou cinco limoeiros para lhes tirar a casca; Pahóm passou pelo bosque e viu umas coisas brancas: aproximou-se e deu com os troncos sem casca estendidos no chão; quase ao lado estavam os cepos; Pahóm, furioso, pensou: «Já bastaria para mal que este patife tivesse cortado uma árvore aqui e além; mas foi logo uma fila inteira; ah! se o apanho!...»

Pôs-se a ver quem poderia ter sido; finalmente, disse consigo: «Deve ter sido o Simão; ninguém mais ia fazer uma coisa destas.» Deu uma volta pelas propriedades de Simão, mas nada viu e só arranjou a zangar-se com o vizinho; tinha, no entanto, a certeza que era ele e apresentou queixa; Simão foi chamado, julgado e absolvido porque não havia provas; Pahóm ficou ainda mais furioso e voltou-se contra os juízes:

- A gatunagem unta-vos as mãos; se aqui houvesse vergonha, não iam os ladrões em paz. As zangas com os juízes e com os vizinhos trouxeram como resultado ameaças de lhe queimarem a casa; Pahóm tinha mais terra do que dantes, mas vivia muito pior. E foi por esta altura que se levantou o rumor de que muita gente ia sair da terra. «Por mim, não tenho que me mexer - pensou Pahóm -. Mas se os outros se fossem embora, haveria mais terra para nós; havia de comprá-la e de arredondar a minha pequena propriedade; então é que era viver à farta; assim, ainda estou muito apertado.»

Estava um dia Pahóm sentado em casa quando calhou de entrar um camponês que ia de viagem; deu-lhe licença para passar ali a noite e, à ceia, puseram-se de conversa; Pahóm perguntou- lhe donde vinha e o forasteiro respondeu que de além do Volga, onde tinha estado a trabalhar; depois disse o homem que havia muita gente que se estava a fixar por aqueles lados, mesmo lavradores da sua aldeia; tinham entrado na comuna e obtinham setenta e cinco hectares; a terra era tão boa que o centeio crescia à altura de um cavalo e era tão basto que com meia dúzia de foçadas

se fazia um feixe; havia um camponês que tinha chegado de mãos a abanar e possuía agora seis cavalos e duas vacas.

O peito de Pahóm inflamava-se de cobiça: «Para que hei-de eu continuar neste buraco se noutra parte se pode viver tão bem? Vou vender tudo e, com o dinheiro, vou começar a vida de novo; aqui há muita gente e sempre sarilhos; mas, primeiro, vou eu mesmo saber as coisas ao certo.» Pelos princípios do Verão, preparou-se e partiu; desceu o Volga de vapor até Samara, depois andou a pé noventa léguas; por fim chegou; era exatamente o que o forasteiro tinha dito; os camponeses tinham imensa terra: cada homem possuía os setenta e cinco hectares que a comuna lhe dera e, se tivesse dinheiro, podia comprar as terras que quisesse, a três rublos o hectare. Informado de tudo o que queria saber, voltou Pahóm a casa no Outono e começou a vender o que lhe pertencia; vendeu a terra com lucro, vendeu a casa e o gado, saiu da comuna; esperou pela Primavera e largou com a família para os novos campos.

IV

Logo que chegaram à nova residência, pediu Pahóm que o admittessem na comuna de uma grande aldeia; tratou com os dirigentes e deram-lhe os documentos necessários; depois, concederam-lhe cinco talhões de terra para ele e para o filho, isto é, trezentos e setenta e cinco hectares em campos diferentes, além do direito aos pastos comuns. Pahóm construiu as casas precisas e comprou gado; só de terra da comuna tinha ele três vezes mais do que dantes e toda ela era excelente para trigo; estava incomparavelmente melhor, com terra de cultivo e de pastagem, e podia ter as cabeças de gado que quisesse.

A princípio, enquanto durou o trabalho de se estabelecer, tudo satisfazia Pahóm, mas, quando se habituou, começou a pensar que ainda não tinha bastante terra; no primeiro ano, semeou trigo na terra da comuna e obteve

boa colheita; queria continuar a semear trigo, mas a terra não chegava e a que já tinha não servia porque, naquela região, era costume semear o trigo em terra virgem, durante um ou dois anos, depois deixar o campo de pouso, até se cobrir de novo de ervas de prado. Havia muitos que desejavam estas terras e não havia bastantes para todos, o que provocava conflitos; os mais ricos queriam-nas para semear trigo e os que eram pobres para as alugar a negociantes, de modo a terem dinheiro para pagar os impostos. Pahóm queria semear mais trigo e tomou uma terra de renda por um ano; semeou muito, teve boa colheita, mas a terra era longe da aldeia e o trigo tinha de ir de carro umas três léguas. Certo tempo depois, notou Pahóm que alguns camponeses viviam em herdades não comunais e enriqueciam; pensou consigo: «Se eu pudesse comprar terra livre e arranjar casa, então é que as coisas me haviam de correr bem.»

A questão de comprar terra livre preocupava-o sempre; mas continuou durante três anos a arrendar campos e a cultivar trigo; os anos foram bons, as colheitas excelentes, ele começou a pôr dinheiro de lado. Podia ter continuado a viver assim, mas sentia-se cansado de ter que arrendar terras de outros todos os anos e ainda por cima disputando-as; mal aparecia uma terra boa todos os camponeses se precipitavam para a tomarem, de modo que, ou se andava ligeiro, ou se ficava sem nada. Ao terceiro ano, aconteceu que ele e um negociante arrendaram juntos a uns camponeses uma pastagem: já a tinham amanhado quando se levantou qualquer disputa, os camponeses foram para o tribunal e todo o trabalho se perdeu. «Se fosse terra minha - pensou Pahóm - já eu era independente e não me via metido nestas maçadas.»

E começou a procurar terra de compra; encontrou um camponês que tinha adquirido uns quinhentos hectares, mas que, por causa de dificuldades, os queria vender barato; Pahóm regateou com o homem e assentaram por

fim num preço de 1 500 rublos, metade a pronto, a outra metade a pagar depois. Tinham arrumado o negócio, quando se deteve em casa de Pahóm um comerciante que queria forragem para os cavalos; tomou chá com Pahóm e travou-se conversa; o comerciante disse que voltava da terra dos Baquires, que era muito longe, e onde tinha comprado cinco mil hectares de terra por cem rublos. Pahóm fez-lhe mais perguntas e o negociante respondeu:

- Basta fazer-nos amigos dos chefes. Dei-lhes coisa de cem rublos de vestidos de seda e de tapetes, além duma caixa de chá, e mandei distribuir vinho por quem o quisesse; e arranjei a terra a cinco kopeks (a centésima parte da rublo) o hectares.

E, mostrando a Pahóm as escrituras, acrescentou:

- A terra é perto dum rio e toda ela virgem. Pahóm continuou a interrogá-lo e o homem respondeu:

- Há por lá mais terra do que aquela que se poderia percorrer num ano de marcha; e toda ela pertence aos Baquires. São como cordeirinhos e arranja-se a terra que se quer, quase de graça.

- «Bem - pensou Pahóm - para que hei-de eu, com os meus mil rublos, arranjar para os quinhentos hectares e aguentar ainda por cima com uma dívida? Na outra terra compro dez vezes mais, e pelo mesmo dinheiro.»

V

Perguntou Pahóm de que maneira havia de ir lá ter e, logo que o negociante o deixou, preparou-se para empreender a viagem; ficou a mulher a tomar conta da casa e ele partiu com o criado; pararam numa cidade e compraram uma caixa de chá, vinho e outros presentes, conforme o conselho do negociante. Foram andando sempre até que, já percorridas mais de noventa léguas, chegaram ao lugar em que os Baquires tinham levantado as suas tendas; era exatamente como o homem tinha dito: viviam nas estepes, junto

dum rio, em tendas de feltro; não lavravam a terra, nem comiam pão: o gado e os cavalos andavam em rebanhos pelos pastos da estepe; os potros estavam peados atrás das tendas e duas vezes por dia lhes levavam as éguas; ordenhavam-nas e do leite faziam kumiss (Leite fermentado); eram as mulheres quem preparavam o kumiss e faziam queijo; quanto aos homens, passavam o seu tempo a beber kumiss e chá, a comer carneiro e a tocar gaitas de foles; eram gorduchos e prazenteiros, e, durante todo o Verão, nem pensavam em trabalhar; eram ignorantes de todo, não sabiam falar russo, mas eram de boa qualidade.

Mal viram Pahóm, saíram das tendas e juntaram-se à volta do visitante; apareceu um intérprete e Pahóm disse-lhes que tinha vindo à procura de terra; os Baquires, segundo parecia, ficaram muito contentes; levaram Pahóm para uma das melhores tendas onde o fizeram sentar numas almofadas de pernas postas num tapete, sentando-se eles também à volta; deram-lhe chá e kumiss, mataram um carneiro para a refeição; Pahóm tirou os presentes do carro, distribuiu-os pelos Baquires e dividiu também o chá; os Baquires ficaram encantados; conversaram muito uns com os outros e depois disseram ao intérprete que traduzisse:

- O que eles estão a dizer é que gostaram de ti e que é nosso costume fazermos tudo o que podemos para agradar aos hóspedes e lhes pagar os presentes; tu deste presentes: tens que dizer agora que te agrada mais de tudo o que possuímos, para que to entreguemos.

- O que me agrada mais - respondeu Pahóm - é a vossa terra. A nossa está cheia de gente e os campos já não dão; vocês têm muita e boa; nunca vi coisa assim.

O intérprete traduziu. Os Baquires falaram um bocado, sem que Pahóm compreendesse o que diziam; mas percebeu que estavam muito divertidos e viu que gritavam e se riam; depois se calaram e olharam para Pahóm, enquanto o intérprete dizia:

- O que eles me mandam dizer é que, em troca dos teus presentes, te darão a terra que quiseres; é só apontá-la a dedo.

Os Baquires puseram-se outra vez a falar e discutiram; Pahóm perguntou o motivo da discussão e o intérprete respondeu que uns eram de opinião que não deviam resolver nada na ausência do chefe e outros que não havia necessidade de esperarem que voltasse.

VI

Enquanto os Baquires discutiam, entrou um homem com um barrete de pele de raposa; todos se levantaram em silêncio e o intérprete disse:

- É o chefe!

Pahóm foi logo buscar o melhor vestuário e cinco libras de chá e ofereceu tudo ao chefe; o chefe aceitou, sentou-se no lugar de honra e os Baquires começaram a contar-lhe qualquer coisa; o chefe escutou, depois fez um sinal com a cabeça para que se calassem e, dirigindo-se a Pahóm, disselhe em russo:

- Está bem. Escolhe a terra que queres; há bastante por aí.

- «A que eu quiser?» - pensou Pahóm - Como é isso possível? Tenho que fazer uma escritura para que não voltem com a palavra atrás.» Depois disse alto:

- Muito obrigado pelas suas boas palavras: os senhores têm muita terra, e eu só quero uma parte; mas que seja bem minha; podiam talvez medi-la e entregá-la. Há morrer e viver... Os senhores, que são bons, dão-me, mas os vossos filhos poderiam querer tirar-me.

- Tens razão - disse o chefe -; vamos doar-te a terra.

- Soube que esteve cá um negociante - continuou Pahóm - e que os senhores lhe deram umas terras, com uns papéis assinados... Era assim que eu gostava.

O chefe compreendeu:

- Bem, isso é fácil; temos aí um escrivão e podemos ir à cidade para ficar tudo em ordem.

- E o preço? - perguntou Pahóm.

- O nosso preço é sempre o mesmo: mil rublos por dia.

- Por dia? Que medida é essa? Quantos hectares?

- Não sabemos; vendemos terra a dia; fica a pertencer-te toda a terra a que puderes dar volta, a pé, num dia; e são mil rublos por dia. Pahóm ficou surpreendido.

- Mas num dia pode-se andar muito!...

O chefe riu-se:

- Pois será toda tua! Com uma condição: se não voltares no mesmo dia ao ponto donde partiste, perdes o dinheiro.

- Mas como hei de eu marcar o caminho?

- Vamos ao sítio que te agradar e ali ficamos. Tu comes a andar com uma pá; onde achares necessário fazes um sinal; a cada volta cavas um buraco e empilhas os torrões; depois nós vamos com um arado de buraco a buraco. Podes dar a volta que quiseres, mas antes do sol-posto tens que voltar; toda a terra que rodeares será tua.

Pahóm ficou contentíssimo e decidiu-se partir na manhã seguinte; falaram ainda um bocado, depois beberam mais kumiss, comeram mais carneiro, tomaram mais chá; em seguida, caiu a noite; deram a Pahóm uma cama de penas e os Baquires dispersaram-se, depois de terem combinado reunir-se ao romper da madrugada e cavalgar antes que o Sol nascesse.

VII

Pahóm estava deitado, mas não podia dormir, a pensar na terra. «Que bom bocado vou marcar! - pensava ele. - Faço bem dez léguas por dia; os dias são compridos e, dentro de dez léguas, quanta terra! Vendo a pior ou arren-

do-a a camponeses e faço uma herdade na melhor; compro duas juntas e arranjo dois jornaleiros; ponho aí sessenta hectares a campo, o resto a pastagens.

Ficou acordado toda a noite e só dormitou pela madrugada; mal fechava os olhos, teve um sonho; sonhou que estava deitado na tenda e que ouvia fora uma espécie de cacarejo; pôs-se a pensar o que seria e resolveu sair: viu então o chefe dos Baquires a rir-se como um doido, de mãos na barriga; Pahóm aproximou-se e perguntou: «De que se está a rir?» Mas viu que já não era o chefe: era o negociante que tinha ido a sua casa e lhe falara da terra. Ia Pahóm a perguntar-lhe: «Está aqui há muito?» quando viu que já não era o negociante: era o camponês que regressava do Volga; nem era o camponês, era o próprio Diabo, com cascos e cornos, sentado, a cacarejar: diante dele estava um homem descalço, deitado no chão, só com umas calças e uma camisa; e Pahóm sonhou que olhava mais atentamente, para ver que homem era aquele ali deitado e via que estava morto e que era ele próprio; acordou cheio de horror. «Que coisas a gente vai sonhar» - pensou ele. Olhou em volta e viu, pela abertura da tenda, que a manhã rompia. «É tempo de os ir acordar; já devíamos estar de abalada». Levantou-se, acordou o criado, que estava a dormir no carro, e mandou-o aparelhar; depois foi chamar os Baquires:

- Vamos para a estepe medir a terra.

Os Baquires levantaram-se, juntaram-se e o chefe apareceu também; depois, beberam kumiss e ofereceram chá a Pahóm, mas ele não quis esperar mais:

- Se querem ir, vamos; já é tempo.

VIII

Os Baquires aprontaram-se e partiram; uns iam a cavalo, outros de carro; Pahóm ia no seu carrinho, com o criado e uma pá; quando chegaram à estepe, já se via

no céu o rosado da aurora; subiram a um cabeça, a que os Baquires chamavam shikhan, e, apeando-se dos carros e dos cavalos, juntaram-se num sítio. O chefe veio ter com Pahóm e, estendendo o braço para a planície:

- Olha para isto - disse ele -, tudo o que vês é nosso; poderás ficar com o que quiseres.

Os olhos de Pahóm rebrilharam: era tudo terra virgem, plana como a palma da mão, negra como semente de papoila; e as diferentes espécies de erva cresciam à altura do peito.

O chefe tirou o barrete de pele de raposa, colocou-o no chão e disse:

- O sinal é este; partes daqui e voltas aqui; é tua toda a terra a que deres volta.

Pahóm puxou do dinheiro e pô-lo no barrete; depois tirou o casaco e ficou em colete; desapertou o cinto e ajustou-o logo por baixo do estômago, pôs um saquinho de pão ao peito, atou um cantil de água ao cinto, puxou os canos das botas, pediu a pá ao criado e ficou pronto a largar; considerou por alguns momentos sobre o caminho que havia de tomar, mas era uma tentação por toda a parte.

- Não faz mal - concluiu -; vou para o nascente.

Voltou-se para leste, espreguiçou-se e esperou que o Sol aparecesse acima do horizonte.

- Não há tempo a perder - disse ele - e é melhor ir já pela fresquinha.

Mal apareceu o primeiro raio de sol, desceu Pahóm a colina, de pá ao ombro; nem ia devagar, nem depressa; ao fim de um quilómetro, parou, fez um buraco e pôs os torrões uns sobre os outros; depois continuou e, como ia aquecendo, apressou o passo; ao fim de um certo tempo, fez outra cova. Pahóm olhou para trás: a colina estava distintamente iluminada pelo Sol e viam-se os Baquires e os aros cintilantes das rodas; Pahóm calculou que teria

andado uma légua; como o calor apertava, tirou o colete, pô-lo ao ombro e continuou a caminhar; estava quente a valer: olhou para o Sol e viu que eram horas de pensar no almoço.

- A primeira tirada está feita; mas posso ainda fazer mais três, porque é cedo para voltar; o que tenho é de tirar as botas.

Sentou-se, descalçou as botas, pendurou-as ao cinto e continuou; agora, andava à vontade. «Mais uma leguazita - pensou ele -; depois volto para a esquerda; este bocado é tão bom que era uma pena perdê-lo; quanto mais se anda, melhor a terra parece.» Avançou a direito durante algum tempo e, quando olhou à volta, viu que a colina mal se enxergava e que os Baquires pareciam formiguinhas; e havia qualquer coisa que brilhava.

- Já andei bastante para este lado - pensou Pahóm -, é tempo de voltar; e já estou a suar e com sede.

Parou, cavou um grande buraco e amontoou os torrões; depois, desatou o cantil, sorveu um gole e voltou à esquerda; foi andando, andando sempre; a erva era alta, o sol quentíssimo. Começou a sentir-se cansado: olhou para o Sol e viu que era meio-dia.

- Bem, vou descansar um bocado.

Sentou-se, comeu um naco de pão, bebeu uma pinga de água; mas não se deitou, com medo de adormecer; depois de estar sentado uns momentos, levantou-se e continuou. A princípio, andava bem: a comida tinha-lhe dado forças; mas o calor aumentava, sentia sono; apesar de tudo, continuava, e repetia consigo:

- Um dia de dor, uma vida de amor.

Andou muito tempo na mesma direção e estava para rodar à esquerda, quando viu um sítio úmido: «Era uma pena deixar isto; o linho deve dar-se bem aqui.» Deu uma volta, cavou um buraco e olhou para a colina; com o calor,

o ar tremia e a colina tremia também, mal se vendo os Baquires.

«Os outros lados ficaram muito grandes; tenho que fazer este mais curto.» E pôs-se a andar mais depressa. Olhou para o Sol: estava quase a meio caminho do horizonte e não tinha ainda andado três quilômetros do lado novo; e ainda lhe faltavam três léguas para a colina.

- «Bem - pensou ele - não me fica a terra quadrada, mas agora tenho que ir a direito; podia ir longe demais e assim já tenho terra bastante.»

Abriu um buraco a toda a pressa e partiu em direção à colina.

IX

Ia sempre a direito, mas caminhava com dificuldade. Estava tonto de calor, tinha os pés cortados e moídos e as pernas a fraquejarem; estava ansioso por descansar, mas era impossível fazê-lo se queria chegar antes do sol-posto; o Sol não espera por ninguém e cada vez ia mais baixo.

- Justos céus! Oxalá não tenha querido de mais! E se chego tarde?

Olhou para a colina e para o Sol; Pahóm estava ainda longe do seu objetivo e o Sol perto do horizonte. Continuou a andar; era custoso a valer, mas cada vez andava mais depressa; estugou o passo, mas estava longe ainda; começou a correr, atirou fora o casaco, as botas, o cantil e o barrete e ficou só com a pá, a que se apoiava, de quando em quando.

- Santo Deus! Abarquei de mais e perdi tudo; já não chego antes de o Sol se pôr.

O medo cortava-lhe a respiração; Pahóm continuava a correr, mas a transpiração colava-lhe ao corpo as calças e a camisa; tinha a boca seca e o peito arquejava como um fole de ferreiro; o coração batia que nem um martelo e as

pernas quase nem pareciam dele; Pahóm sentia-se aterrorizado com a idéia de morrer de fadiga. Apesar do medo da morte, não podia parar. «Se depois de ter corrido tudo isto, parasse agora, chamavam-me doido». E corria mais e mais e já estava mais próximo e já ouvia os Baquires a gritar; os gritos mais lhe faziam pulsar o coração; reuniu as últimas forças e deu mais uma carreira. O Sol estava já perto do horizonte e, envolvido na névoa, parecia enorme e vermelho como sangue. Ia-se a pôr, o Sol! Estava já muito baixo, mas ele também estava perto da meta; podia ver os Baquires na colina, a agitarem os braços, para que se apressasse; podia ver o barrete no chão com o dinheiro em cima e o chefe, sentado, e de mãos nas ilhargas. Pahóm lembrou-se do sonho.

- Tenho terra bastante, mas permitirá Deus que eu viva nela? Perdi a vida, perdi a vida! Já não chego àquele lugar.

Pahóm olhou para o Sol que já tinha atingido o horizonte: um lado já tinha desaparecido; com a força que lhe restava atirou-se para a frente, com o corpo tão inclinado que as pernas mal podiam conservar o equilíbrio; ao chegar à colina, tudo escureceu: o Sol pusera-se; deu um grito: «Tudo em vão!» e ia parar, quando ouviu os brados dos Baquires e se lembrou de que eles ainda viam o Sol, lá de cima do outeiro; tomou um hausto de ar e trepou pela colina; ainda havia luz: no cimo lá estava o barrete e o chefe a rir-se, de mãos na barriga; outra vez Pahóm lembrou o sonho; soltou um grito, as pernas falharam-lhe e foi com as mãos que agarrou o barrete.

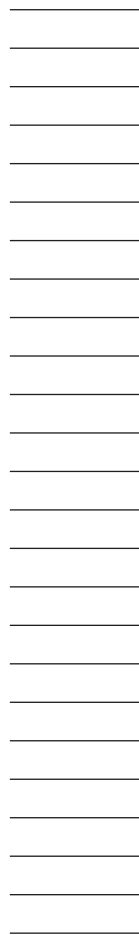
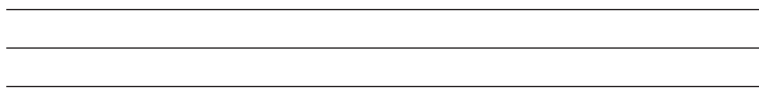
- Grande homem, grande homem! - gritou o chefe. - A terra que ele ganhou! O criado de Pahóm veio a correr e tentou levantá-lo, mas viu que o sangue lhe corria da boca. Pahóm morrerá!

Os Baquires davam estalos com a língua, para mostrar a pena que sentiam. O criado pegou na pá, fez uma cova

em que coubesse Pahóm e meteu-o dentro; sete palmos de terra: não precisava de mais.

Extraído de Liev Tolstói: Contos Completos. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>



Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

OS TRÊS ANCIÃOS

Das lendas populares da região do Volga

Liev Tolstói

E quando orardes não faleis muito, como os gentios: pois cuidam que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não queirais portanto parecer-vos com eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, primeiro que vós lho peçaís. (Mateus 6,7-8)

Era uma vez um bispo que viajava em um navio da cidade de Arcângel para Solovki. O navio levava peregrinos aos lugares santos. O vento era favorável, o tempo muito belo, o navio não balançava. Alguns peregrinos se deitavam, outros petiscavam, outros formavam grupos e conversavam sentados. O bispo surgiu na coberta e pôs-se a passear de um lado para outro do tombadilho. Chegando à proa, viu reunido ali um magote de gente. Um camponesinho estava apontando com a mão alguma coisa no mar, e falava, enquanto os outros escutavam. Deteve-se o bispo, e olhou para onde apontava o camponesinho: não se via nada, a não ser o mar brilhando ao sol. O bispo se aproximou para melhor ouvir. O camponesinhoviu o bispo, tirou o barrete e calou-se. Os outros viram o bispo, tiraram também os barretes e cumprimentaram.

— Não vos incomodeis, irmãos — disse o bispo. — Eu também vim ouvir o que estás contando, bom moço.

— O pescadorzinho estava-nos falando dos anciãos — disse um comerciante, mais corajoso que os outros.

— Dos anciãos? — perguntou o bispo.

Aproximou-se da amurada e sentou-se numa caixa:

— Conta-me a mim também, vou escutar. Que estavas contando?

— Ali se enxerga uma ilhazinha — disse o camponês indicando um ponto na frente, do lado direito. — Naquela ilha vivem os anciãos e cuidam da sua salvação.

— Onde a ilhazinha? — perguntou o bispo.

— Olhe V. Em.a, por favor, na direção da minha mão. Está vendo uma nuvenzinha? À esquerda dela, mais para baixo, vê-se como uma espécie de faixa.

O bispo olhou, olhou; a água resplandecia ao sol; ele, porém, nada percebia de insólito.

— Não a vejo — diz ele. — Então, como vivem na ilha esses anciãos?

— São gente de Deus — respondeu o camponês. — Fazia muito tempo que eu ouvia falar neles, porém só tive ocasião de vê-los no último verão, quando os conheci.

E o pescador pôs-se a contar como tinha saído atrás de peixe e como fora jogado àquela ilha, e ele mesmo não sabia onde estava. De madrugada, pegou a caminhar, e chegou a uma choça de taipa, e viu perto dela um ancião, e depois viu mais dois; eles deram-lhe de comer, puseram-lhe a roupa a enxugar e ajudaram-no a consertar o barco.

— Como são eles? — perguntou o bispo.

— Um deles é pequeno, curvado, muito idoso, vestido numa batina surrada; deve ter mais de cem anos; os fios brancos de sua barba já principiam a amarelecer; está sempre sorrindo, sereno, como um anjo do Céu. O outro, mais alto, também é velho, usa um cafetã esfarrapado, tem a barba longa, de um branco amarelecido; é um homem forte, virou o meu barco como se fosse uma tina, nem tive tempo de lhe acudir. E, também, alegre. O terceiro é alto, a barba comprida e alva como neve desce-lhe até os joelhos; tem um ar sombrio, as sobranceiras caem-lhe sobre

os olhos; anda totalmente nu, apenas com uma tanga de esteira.

– De que falavam eles contigo? – perguntou o bispo.

– Faziam quase tudo calados e falavam pouco. Era um deles olhar para os outros, e os outros já compreendiam. Perguntei ao mais alto se fazia muito tempo que viviam ali. Ele franziu as sobrancelhas, começou a dizer alguma coisa como se estivesse zangado, porém o mais velho de todos, o baixinho, tomou-o logo pela mão, sorriu – e logo o mais alto se acalmou. O velho disse apenas: – “Perdoa-nos!” – e sorriu.

Enquanto o camponês falava, o navio se aproximava da ilha.

– Agora está bem visível – disse o comerciante. – V. Em.a queira ver – acrescentou, apontando.

O bispo olhou, e realmente viu uma faixa preta: a ilha. Olhou, olhou, da proa dirigiu-se à popa e foi ter com o timoneiro.

– Que ilhazinha é aquela que se avista ali? – perguntou.

– Aquela? Não tem nome. Há muitas delas por aí.

– Dizem que lá existem uns anciãos que cuidam da própria salvação. É verdade?

– Dizem, Eminência, mas não sei se é verdade. Os pescadores dizem que os viram, mas também muitas vezes eles falam à toa.

– Eu desejo parar na ilha e ver os anciãos – disse o bispo. – Como seria possível consegui-lo?

– O navio não pode encostar – respondeu o timoneiro. – Pode-se ir de barco, mas é preciso pedir ao capitão.

Chamaram o capitão.

– Eu gostaria de visitar esses anciãos – disse o bispo.
– Seria possível levar-me até lá?

O capitão entrou a dissuadir o bispo. Possível era, decerto, mas iam perder muito tempo, e:

— Atrevo-me a dizer a V. Em.a: não vale a pena. Ouvi dizer que vivem lá uns velhos inteiramente malucos, que não entendem nada, nem sabem mais falar, são mudos como os peixes.

— Mas eu quero ir lá — replicou o bispo. — Pagarei o incômodo; mande levar-me lá.

Não havia jeito: o capitão ordenou aos marinheiros que virassem as velas. O timoneiro desviou o navio em direção à ilha. Trouxeram ao bispo uma cadeira e a colocaram na proa. Ele sentou-se e começou a olhar. Todos os viajantes se reuniram na proa, olhavam todos para a ilha-zinha, e os que tinham os olhos mais agudos viam a chaminé e mostravam a choça de barro. Um deles até avistou os três anciãos. O capitão trouxe uma luneta, olhou por ela e passou-a ao bispo:

— Olhe: perto da praia, à direita daquela pedra grande, há três homens.

O bispo olhou pela luneta, dirigindo-a para onde devia; com efeito, ali estavam os três: um alto, o segundo mais baixo, o terceiro pequenino; ali estavam, na praia, de mãos dadas.

O capitão dirigiu-se ao bispo:

— Aqui, Eminência, o navio tem de parar. Se lhe aprouver, digne-se, de ora em diante, de ir no barco; nós lançaremos a âncora aqui.

Imediatamente afrouxaram a corda, lançaram a âncora, amainaram as velas — o navio estremeceu. Arriaram o barco, uns remadores saltaram nele, e o bispo desceu pela pequena escada. Entrou no barco, sentou-se no banco, os remadores pegaram os remos, rumaram para a ilha. Chegaram à distância de uma pedrada, e viram: estavam ali os três anciãos: o mais alto, nu, cingido apenas de uma tanga de esteira; o segundo, no seu cafetã em farrapos; e o

velhinho encurvado, na batina gasta; ali estavam os três, de mãos dadas.

Chegaram os remadores à praia, atracaram a embarcação com o gancho, e o bispo saltou.

Os anciãos inclinaram-se diante dele, ele os abençoou, os anciãos se inclinaram ainda mais profundamente. O bispo começou a falar-lhes:

– Ouvi dizer que vós, anciãos de Deus, estais vivendo aqui a cuidar de vossa salvação e a rezar pelos homens a Nosso Senhor Jesus Cristo. Sou, pela graça de Deus, um indigno servo de Cristo, encarregado de pastorear o Seu rebanho. Por isso quis visitar-vos a vós também, servos de Deus, e dar-vos ensinamentos, se puder.

Os anciãos, calados, sorriam, entreolhando-se.

– Dizei-me: como procurais a vossa salvação e como servis a Deus? – perguntou o bispo.

O segundo ancião suspirou e olhou para o mais velho; o mais alto franziu o cenho, e olhou também para o mais velho. Sorriu o ancião mais velho e disse:

– Servo de Deus, nós não sabemos servir a Deus, nós servimos apenas a nós mesmos e nutrimos a nós mesmos.

– Como adorais a Deus? – perguntou o bispo.

– Adoramo-Lo assim: “Vós sois três, nós somos três, ajudai-nos” – replicou o mais velho dos anciãos.

Palavras não eram ditas, os três anciãos ergueram os olhos para o céu e disseram juntos:

– Vós sois três, nós somos três, ajudai-nos.

O bispo sorriu:

– Pois é: ouvistes falar na Santíssima Trindade, mas não é assim que deveis rezar. Afeiçoei-me a vós, anciãos de Deus, vejo que desejais ser agradáveis a Deus, mas não sabeis como servi-Lo. Não é assim que devemos adorá-Lo. Prestai-me atenção, vou ensinar-vos. O que vou ensinar-

-vos não fui eu que o inventei; tirei-o das Sagradas Escrituras, onde Deus ordenou a todos como devem adorá-Lo.

E o bispo entrou a contar aos anciãos como Deus se revelou aos homens: falou-lhes sobre Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, e disse:

– O Filho de Deus desceu à Terra para salvar os homens e ensinou a todos que O adorassem. Escutai e repeti depois de mim.

E disse o bispo:

– Pai nosso...

Um dos anciãos repetiu:

– Pai nosso...

O segundo repetiu:

– Pai nosso...

O terceiro também repetiu:

– Pai nosso...

– Que estais no Céu...

Os anciãos repetiram:

– Que estais no Céu...

Porém o segundo ancião emaranhou-se nas palavras, e repetiu-as erradas; o ancião mais alto, aquele que andava nu, tampouco as soube dizer: o bigode invadia-lhe a boca, não sabia pronunciar direito; o terceiro ancião, sem dentes, murmurava de modo inarticulado.

O bispo mais uma vez repetiu, os anciãos repetiram mais uma vez. E o bispo sentou-se numa pedra, e à volta dele os anciãos, em pé, olhavam-lhe a boca e repetiam, logo depois dele, tudo quanto ele dizia. E o bispo lidou com eles o dia inteiro, até à tarde, e repetiu cada palavra dez e vinte e cem vezes, e os anciãos repetiram-nas depois dele. E eles se confundiam, e ele os corrigia e os forçava a recomeçar de novo.

E o bispo não deixou os anciãos antes de lhes haver

ensinado todo o padre-nosso. Eles o diziam em coro com o bispo, e depois o repetiam sozinhos. Quem o gravou antes dos outros foi o segundo ancião, que repetiu sozinho a oração inteira. E o bispo ordenou-lhe que a repetisse mais e mais vezes, e os outros dois acabaram recitando eles mesmos toda a oração.

Já ia anoitecendo, e a lua emergia do mar, quando o bispo se resolveu a voltar ao navio. Despediu-se dos anciãos, os quais se inclinaram diante dele profundamente. Abraçou-os e beijou-os, um a um, mandou que rezassem como acabara de ensinar, subiu ao barco e tornou ao navio.

Enquanto se aproximava deste, ouvia, ainda, os três anciãos repetirem em três tons, em voz alta, a oração do Senhor. Chegou mais perto do navio e começou a deixar de ouvir as vozes dos anciãos, mas ainda via ao luar os três velhos, de pé no mesmo lugar da praia — um, o menor de todos, no meio; o mais alto, à direita; o segundo, à esquerda. O barco chegou ao navio, o bispo subiu a bordo. Levantaram a âncora, içaram as velas, estenderam-nas ao vento; o navio estremeceu, retomou o caminho. O bispo dirigiu-se à popa e sentou-se ali, continuando a fitar a ilhazinha. A princípio, ainda viu os anciãos; depois, a própria ilha desapareceu, só as ondas brincavam ao luar.

Os peregrinos foram dormir, e tudo ficou silencioso a bordo. Mas o bispo não tinha vontade de dormir. Sentado sozinho à popa do navio, continuava fitando, no mar, o ponto onde a ilha desaparecera, e pensando nos bons anciãos. Lembrava-se de como tinham ficado alegres por haverem aprendido a oração, e agradeceu a Deus ter-se servido dele fazendo que lhes ensinasse a palavra divina.

Assim meditava o bispo, sentado à popa, fitando o mar do lado onde a ilha desaparecera. E ante os seus olhos deslumbrados surge uma luz, saltando de um ponto a outro, sobre as ondas. De repente vê uma coisa branca brilhando ao luar: será uma ave, uma gaivota, ou a vela de um

barco? Olha com atenção e diz consigo mesmo: — “E um veleiro que corre atrás de nós. Há de nos alcançar dentro em breve. Ainda há pouco estava tão longe, e agora parece tão pertinho! Há de ser um barco... mas não é barco, não se parece com um veleiro. Seja o que for, corre atrás de nós... há de nos alcançar.” O bispo não pode imaginar o que seja aquilo: barco, ave ou peixe? Parece-se com um homem, mas é grande demais; depois, um homem não pode correr sobre o mar. Levanta-se o bispo, dirige-se ao timoneiro:

— Olha para ali: que é aquilo? Que poderá ser, irmão, que poderá ser?

E, enquanto pergunta, já vê: os anciãos correm sobre o mar, branquejam ao luar as longas barbas. Aproximam-se cada vez mais, como se o navio estivesse parado.

O timoneiro olha para trás, espanta-se, larga o leme, e exclama em voz alta:

— Santo Deus! Os anciãos correm atrás de nós sobre o mar como se fosse no chão.

Os viajantes ouvem, levantam-se, aproximam-se, às pressas, do leme, e veem: os anciãos vêm correndo, de mãos dadas. Os dos dois lados fazem sinais com a mão livre para que o navio pare. Os três correm na água como se fora em terra, e no entanto não mexem os pés.

Nem houve tempo de fazer parar o navio: já os anciãos o alcançavam, aproximavam-se do parapeito, levantavam a cabeça e exclamavam a uma voz:

— Esquecemos, servo de Deus, esquecemos o teu ensinamento! Enquanto o repetíamos, nos lembrávamos; paramos depois de uma hora — tínhamos pulado uma palavra, tínhamo-la esquecido, e tudo se foi. Já não nos lembramos de nada; ensina-nos outra vez.

Persignou-se o bispo, inclinou-se diante dos anciãos e disse-lhes:

— A vossa prece agrada a Deus, anciãos de Deus. Não me cabe a mim ensinar-vos. Rezai por nós, pecadores!

E o bispo inclinou-se profundamente diante dos velhos. Inclinararam-se os velhos também, viraram-se, e retomaram seu caminho sobre o mar. E, até a madrugada, via-se um rasto de luz do lado por onde tinham ido os velhos.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br/>

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

DEPOIS DO BAILE**Liev Tolstói**

— Então vocês pretendem que o homem não pode compreender por si mesmo o que é o bem e o que é o mal; que tudo depende do meio, que o meio abafa... Pois, na minha opinião, tudo depende do acaso. Deixem-me contar uma coisa que me aconteceu...

Foi com tais palavras que Ivan Vassilievitch, homem respeitado por todos, principiou a falar depois de uma conversa que tivéramos sobre a necessidade de, para o aperfeiçoamento dos indivíduos, mudarem-se antes de tudo as condições, o ambiente em que eles vivem. Na realidade ninguém dissera que o homem não podia compreender por si mesmo o que era o bem e o mal; mas Ivan Vassilievitch costumava responder assim aos seus próprios pensamentos sugeridos pela conversa e contar, em consequência de tais pensamentos, algum episódio da sua vida. Não raro esquecia por inteiro o assunto que constituía o ponto de partida, deixando-se arrastar pelas palavras, tanto mais quanto narrava com muita sinceridade e verdade.

Assim fez também nessa ocasião.

— Vou contar um caso que me aconteceu. Toda a minha vida teve este curso, e não outro, por causa não do ambiente, mas de outra coisa totalmente diversa.

— O quê? — perguntamos.

— É uma história comprida. Para a compreenderem, é preciso contar um bocado de coisas.

— Então conte!

Ivan Vassilievitch abanou a cabeça, pensativo:

— Pois é. Toda a minha vida mudou por causa de uma única noite, ou antes, uma madrugada.

— Como foi? — indagou um de nós.

— Aconteceu que me apaixonei de verdade. Tinha-me apaixonado várias vezes, mas esta foi a minha maior paixão. Coisas antigas: agora ela já tem filhas casadas. Foi pela Varienka B... (Ivan Vassilievitch disse o sobrenome.) Mesmo com 50 anos, ainda é de uma beleza notável; e, quando moça de seus 18 anos, era encantadora: alta, airosa, cheia de graça e de majestade, sim, de verdadeira majestade. Mantinha-se invariavelmente muito direita, como se não pudesse estar de outra maneira... a cabeça inclinada um pouco para trás, o que, com a sua beleza e o porte esbelto, lhe dava, a despeito da magreza quase esquelética, um ar de rainha, que até afugentaria os rapazes, não fosse aquele riso afável, aquela perpétua alegria nos cantos da boca, aqueles olhos de um brilho fascinante, toda aquela meiga juventude.

— Como Ivan Vassilievitch sabe descrever!

— Pode ser... mas, de qualquer maneira por que eu a descreva, não poderão ter uma ideia do que ela era... Aliás, não é isso o que importa. O que lhes vou contar sucedeu por volta de 1840. Era eu estudante numa universidade de província. Pode ser um bem ou um mal, não sei, mas naquele tempo não havia em nossa universidade nem círculos nem teorias; éramos simplesmente moços e vivíamos como vive a mocidade, estudando e divertindo-nos. Quanto a mim, era um rapaz bastante alegre, vivo e, ainda por cima, rico. Tinha o meu cavalo furta-passo, descia as encostas em trenó com as moças (ainda não estavam em moda os patins), ia à farra com os amigos. Naquela época não se bebia outra coisa senão champanha; quando não se tinha dinheiro, não se bebia nada, mas ninguém tomava vodca, como hoje. O meu principal divertimento, porém, eram os saraus, os bailes. Dançava bem, e não era feio...

— Deixe de modéstia — interrompeu-o uma das senhoras presentes. — Vimos em seu daguerreótipo daquele tempo. Não só não era feio, mas era até um rapaz bonito.

— Bonito ou não, não é disso que se trata. O que eu quero contar é que, no tempo em que o meu amor por ela atingia o auge, fui convidado para um baile, na última noite do carnaval, em casa do chefe da nobreza da província, velho camarista riquíssimo, hospitaleiro e cordial. Os hóspedes foram recebidos por sua esposa, não menos cordial, que trajava um vestido de pelúcia aveludada, a testa cingida de uma *ferronnière*⁸ de brilhantes, o decote deixando-lhe descobertos o colo e as espáduas brancas, balofas e velhas, como se vê nos retratos da imperatriz Isabel Piotrovna. O baile foi esplêndido. Uma bela sala com balcão, uma orquestra famosa no tempo, formada pelos servos de um proprietário amador, mesa magnífica, rios de champagne. Embora goste de champagne, não bebi, por estar, mesmo sem vinho, ébrio de amor; mas em compensação dancei até quase cair de cansaço, valsas e polcas, e, é claro, o mais possível com a Varienka. Usava ela vestido branco, cinto rosa, luvas de pelica branca, que lhe iam até aos cotovelos magros e pontiagudos, sapatos de cetim branco. A mazurca foi-me roubada pelo imbecil do engenheiro Anissimof — até hoje não lhe perdoei —, que convidara Varienka no momento de sua entrada, enquanto eu, tendo dado um pulo ao barbeiro à procura de luvas, me havia atrasado. Assim, dancei a mazurca, não com ela, mas com uma alemãzinha a quem antes, por sinal, já fizera a corte; temo, porém, que naquela noite me haja mostrado muito incivil para com ela, pois nem lhe falei nem a olhei. Não via mais que a silhueta graciosa e esbelta de vestido branco e cinto rosa, com as covinhas radiantes do rosto corado, os

8 *Ferronnière* (francês): ornato feminino — diadema de metal precioso que cinge os cabelos, fechado na fonte por um camafeu ou pedra preciosa.

olhos afáveis e doces. Não fui o único a admirá-la: admiravam-na todos, os homens e até as mulheres, embora ela a todas ofuscasse. Era impossível deixar de admirá-la. Ainda que formalmente, por assim dizer, não dançasse com ela a mazurca, na realidade com ela dancei quase todo o tempo. Sem hesitar, ela atravessava a sala na minha direção, e eu lançava-me ao seu encontro sem aguardar convite; então, agradecia-me com um sorriso o haver eu adivinhado. Quando, com outro cavalheiro, me aproximei dela, e ela, não adivinhando a minha qualidade, deu a mão ao outro, encolheu os ombros magros e, em sinal de pesar e consolação, sorriu-me. Já dançara com ela muito tempo as figuras valsadas da mazurca, e ela, ofegante, soprava-me a sorrir: — “*Encore!*”⁹ Valsei, valsei sem parar; já nem sentia o meu próprio corpo.

— Como não o sentia, se lhe enlaçava a cintura? Sentia, sim, senhor, não só o seu próprio corpo, mas também o dela — disse alguém da roda.

Ivan Vassilievitch corou de repente e respondeu quase a gritar de despeito:

— Eis aí a mocidade de hoje! Vocês não veem nada a não ser o corpo. No meu tempo não era assim. Quanto mais apaixonado eu estava, tanto mais imaterial se tornava ela aos meus olhos. Vocês hoje veem as pernas, os tornozelos, sei lá que mais! Vocês despem a mulher a quem amam, ao passo que para mim, como disse Alphonse Karr¹⁰ — belo escritor! —, o objeto dos meus desejos vestia sempre roupas de bronze. Nós outros não só não despimos, mas até procuramos vestir a nudez, como o bom filho de Noé¹¹. Mas vocês não compreendem isso.

9 *Encore!* (francês): Mais!

10 Alphonse Karr: jornalista e escritor francês (1808-1890), autor de numerosos romances, alguns deles humorísticos e satíricos, e de panfletos, dos quais os mais famosos são *As vespas* e *Novas vespas*.

11 Procuramos vestir a nudez, como o bom filho de Noé: tendo-se Noé, patriarca bíblico, embriagado, adormecido em postura pouco

— Não lhe dê atenção! — disse um de nós. — Que sucedeu depois?

— Bem, continuei a dançar com ela, e nem percebi que o tempo ia passando. Os músicos, no exaspero da fadiga — sabem como é sempre no fim de um baile —, repetiam o mesmo motivo da mazurca. Nas salas ao lado, os papais e as mães já se levantavam das mesas de jogo, esperando o jantar, e lacaios corriam atarefados, levando isto ou aquilo. Já passava de duas horas. Devia aproveitar os últimos minutos. Tirei-a de novo, e pela centésima vez demos a volta ao salão. — “Então, depois do jantar, a quadrilha será minha” — disse eu conduzindo-a ao seu lugar. — “Naturalmente, se não me levarem para casa” — respondeu ela sorrindo. — “Não o permitirei” — retorqui. — “Dê-me o meu leque” — pediu Varienka. — “Tenho pena de entregá-lo” — respondi, devolvendo-lhe o leque branco, sem grande valor. — “Isto é para você, para que não fique com tanta pena” — disse ela, e, arrancando uma plumazinha do leque, deu-ma. Agarrei a peninha, sem poder exprimir senão com os olhos todo o meu êxtase e a minha gratidão. Não estava apenas alegre e contente, estava feliz, bem-aventurado, sentia-me bom; já não era eu, mas como que um ser não terrestre, ignorante do mal, capaz somente de fazer o bem. Escondi a peninha na minha luva e ali fiquei, sem a força necessária para me separar dela. — “Olhe, pedem a papai que dance” — disse-me ela, apontando a figura alta e airoso de seu pai, um coronel de dragonas prateadas que conversava junto à porta com várias senhoras.

“— Varienka, venha cá — ouvimos a voz alta da dona da casa, a senhora de ferrennière e de colo isabelino.

“Varienka aproximou-se da porta, e eu atrás dela.

“— Persuada seu pai, *ma chère*¹², a dançar com você.

decorosa, seus filhos Sem e Jafet cobriram-lhe a nudez, ao passo que o outro, Cã, zombava dele, sendo por isso amaldiçoado.

12 *Ma chère*(francês): minha querida.

Vamos, Piotr Vladislavovitch, por favor! — acrescentou, voltando-se para o coronel.

“O pai era um velho esbelto e alto, vigoroso e muito elegante. Tinha o rosto corado, o bigode frisado à Nicolau I e as suíças alcançando o bigode, os cabelos puxados para as fontes, e o mesmo sorriso alegre da filha nos olhos e nos lábios. Homem de admirável compleição, com o peito largo e saliente dos militares, ornado de algumas condecorações, rijas espáduas, pernas longas e bem-proporcionadas: um daqueles velhos oficiais típicos produzidos pela disciplina de Nicolau I.

“Ao chegarmos à porta, o coronel ainda se recusava, dizendo que já desaprendera de dançar; no entanto levou a mão ao lado esquerdo e, retirando a espada do boldrié, entregou-a a um jovem cavalheiro prestativo e calçou a luva de camurça na mão direita.

“— Tudo deve ser feito segundo as regras — disse com um sorriso.

“Tomou a mão da filha e, dando um quarto de volta, esperou a música.

“Ao primeiro som da mazurca, bateu energicamente com um dos pés no chão, atirou o outro para a frente, e depois a sua figura alta e robusta, primeiro com doçura e vagar, em seguida com ruidosa impetuosidade, batendo com um pé no outro, fez a volta da sala. A graciosa silhueta de Varienka voava a seu lado, ora encurtando, ora alongando imperceptivelmente o passo de seus pezinhos metidos nos sapatos de cetim branco. A sala inteira acompanhava todos os movimentos do par. Quanto a mim, não só os admirava, mas até os contemplava com entusiástico enternecimento. Comoveram-me sobretudo as botas do coronel: sólidas botas de bezerro, mas não pontiagudas, segundo a moda, e sim à maneira antiga, com a ponta quadrada e sem salto, evidentemente feitas pelo sapateiro do batalhão. — ‘Para vestir a filha querida e conduzi-la à

sociedade, não compra botas modernas, manda fazê-las em casa' — dizia eu comigo; e sentia particular emoção à vista daquelas pontas quadradas. Via-se que outrora tinha sido um bailarino excelente, mas agora já estava pesado e faltava-lhe às pernas elasticidade suficiente para todos os passos elegantes e rápidos que procurava executar. No entanto, deu duas vezes a volta à sala com muito garbo. Quando, no fim, separou de repente as pernas, juntou-as depois e, embora um pouco pesadamente, pôs um joelho no chão, e ela, compondo com um sorriso a saia que ele por acaso amarfanhara, volteou em torno dele, todos aplaudiram rumorosamente. Erguendo-se com algum esforço, tomou a cabeça da filha com afetuosa ternura e, beijando-a na frente, aproximou-a de mim, pensando que eu era o seu cavalheiro na mazurca. Expliquei-lhe que não era eu.

“— Tanto faz, dê sempre uma volta com ela — disse o coronel com um sorriso gracioso, metendo a espada no boldrié.

“Como todo o conteúdo de uma garrafa se escoia aos borbotões mal se despejou a primeira gota, assim o amor que me prendia a Varienka libertava toda a capacidade de amar escondida em meu peito. No meu amor, eu abraçava então o mundo inteiro. Amava a dona da casa com a sua ferrennière e o seu busto isabelino, e o marido dela, e os convivas, e os lacaios, e até o engenheiro Anissimof, que se enfadara comigo. Quanto ao pai de Varienka, com as suas botas feitas em casa e o seu sorriso afável, parecido com o sorriso dela, eu sentia por ele um misto de entusiasmo e ternura.

“Terminou a mazurca, e os donos da casa convidaram os hóspedes a jantar, mas o coronel B. desculpou-se, alegando que no dia seguinte devia acordar cedo, e despediu-se. Receei que levasse consigo a filha, porém ela ficou com a mãe.

“Depois do jantar, dancei com ela a quadrilha prome-

tida, e, conquanto a minha felicidade me parecesse infinita, senti-a crescer cada vez mais. Nada dissemos a respeito de amor; eu não lhe perguntara, e nem sequer a mim mesmo, se ela me amava. Bastava-me que eu a amasse. E temia que qualquer coisa viesse a perturbar a minha felicidade.

“Ao chegar a casa, tirei o capote e pensei em dormir, mas compreendi que era de todo impossível. Tinha na mão a plumazinha tirada do leque de Varienka; mais ainda, uma de suas luvas, que ela me dera ao partir, quando, após haver ajudado sua mãe, a ajudei a subir ao carro. Olhei esses objetos e, sem fechar os olhos, via-a diante de mim, no momento em que ela, devendo escolher entre mim e outro cavalheiro, procurou adivinhar a minha condição; ainda ouvia a sua voz meiga dizendo — ‘Muito orgulho, hem?’ — e via-a dando-me a mão alegremente; via-a num outro momento, quando, durante o jantar, sorvia o champanha a pequenos goles, fitando-me de esguelha com um olhar acariciador; via-a, sobretudo, dançando com o pai, volteando graciosamente a seu lado, olhando, com feliz orgulho dele e de si mesma, os espectadores cheios de admiração; e, sem querer, reunia-os no mesmo sentimento de patética ternura.

“Naquela época eu vivia com um irmão, falecido depois. Ele em geral gostava pouco da sociedade e não ia a bailes; ainda por cima, preparava-se então para os seus últimos exames na universidade e levava uma vida muito regular. Estava dormindo quando eu cheguei. Examinei-lhe o rosto afundado no travesseiro, a cabeça meio escondida nos cobertores de flanela, e tive uma pena afetuosa dele, que não sabia nem podia compartilhar a felicidade que eu experimentava. O servo Pietrucha, nosso criado, veio ao meu encontro com uma vela e quis-me ajudar a despir-me, porém mandei-o embora. Seu rosto sonolento e seus cabelos emaranhados inspiravam-me comovida ternura. Procurando não fazer barulho, fui ao meu quarto nas pontas dos pés e sentei-me na cama. Não, estava demasiado feliz:

não podia dormir. Além disso, achava o quarto aquecido em excesso. E, sem tirar a farda, voltei em silêncio à antecâmara, vesti o capote, abri a porta e fui para a rua.

“Tinha saído do baile depois das quatro; no passeio até minha casa, na demora que tive lá, devia ter gasto umas duas horas, de sorte que quando saí já vinha amanhecendo. Era tempo de carnaval: névoa; a neve impregnada de água derretendo-se nas estradas, gotejando de todos os telhados. A família de Varienka morava então no fim da cidade, perto de um grande descampado, numa extremidade do qual havia um passeio e na outra um instituto de meninas. Atravessei o nosso beco deserto e cheguei à rua principal, onde já passavam alguns transeuntes e carreteiros conduzindo lenha em seus trenós, com os soqueiros roçando a calçada. Os cavalos, que monotonamente abanavam a cabeça gotejando sob o arco luzido; os carreteiros, que, em suas enormes botas, as costas cobertas de esteiras, patinhavam ao lado dos trenós; as ruas de casas que, na névoa, pareciam muito altas — tudo isso me deu uma impressão agradável e significativa.

“Ao chegar ao descampado perto da casa deles, percebi ao fundo, na direção do passeio, uma grande massa negra, e distingui sons de flauta e de tambor vindos de lá. Minha alma andava ainda cheia de cantos, e volta e meia parecia-me ouvir os motivos da mazurca. Mas aquela música vinda do outro lado era bem diferente, sem beleza, com algo de áspero.

“— ‘Que será isso?’ — pensei, e pela vereda escurra que cruzava o campo me dirigi para o lado de onde vinham os sons. Dados uns cem passos, comecei a divisar, por trás da neblina, muitas pessoas de preto. Eram soldados, provavelmente em instrução; junto com um ferreiro, de avental de peliça curta manchada de gordura, que caminhava diante de mim, levando alguma coisa, aproximei-me. Os soldados, de uniforme preto, formavam duas filas frente a frente, sem se moverem, fuzil aos pés. Atrás das

filas estavam os tambores e o flautista, que repetiam sem interrupção a mesma melodia aguda e desagradável.

“— Que estão fazendo? — perguntei ao ferreiro, que parara a meu lado.

“— Estão fustigando um tártaro por deserção — respondeu o ferreiro em tom ríspido, olhando para o extremo longínquo das fileiras.

“Encaminhei os olhos para o mesmo rumo, e vi, entre as duas alas, aproximar-se de mim algo horrível. A coisa horrível que se aproximava era um homem despido até à cintura e amarrado aos fuzis de dois soldados que o conduziam. Ao lado dele vinha um oficial de alta estatura, de capote e quepe, cuja figura me parecia conhecida. Com o corpo sacudido por um estremecimento contínuo, os pés a patinhar na neve derretida, o castigado movia-se em direção a mim, sob uma chuva de golpes que lhe vibravam dos dois lados. Ora caía para trás, e então os sargentos que o conduziam preso aos fuzis o empurravam para diante; ora tombava para a frente, e então os sargentos, erguendo-o, puxavam-no para trás. Sempre a seu lado, vinha, com o passo firme, o oficial alto. Era o pai dela, com seu rosto corado, suas suíças e seu bigode branco.

“A cada golpe o castigado, como que surpreendido, volvia o rosto enrugado pelo sofrimento e, mostrando os dentes alvos, repetia algumas palavras, sempre as mesmas. Ao chegar pertinho de mim, consegui distingui-las. Eram soluçadas, não faladas: — ‘Irmãos, tende piedade! Irmãos, tende piedade!’

“Os irmãos, porém, não tinham piedade, e, quando o cortejo se achava à minha altura, o soldado que estava diante de mim saiu da fila, deu um passo decidido à frente e, fazendo assobiar a vergasta, bateu com força nas costas do tártaro. Este atirou-se para diante, porém os sargentos o seguraram, e ele recebeu novo golpe do outro lado, e mais um deste lado, e mais um do outro... O coronel vinha atrás,

olhando ora para o chão, ora para o castigado. Sorvia o ar até encher as bochechas e soltava-o devagar por entre os lábios. Quando o cortejo passou onde eu estava, enxerguei rapidamente, entre as duas filas, as costas do castigado. Estavam tão manchadas, e molhadas, de um vermelho tão antinatural, que eu não podia crer que fizessem parte do corpo de um homem.

“— Deus do Céu! — disse a meu lado o ferreiro.

“O cortejo começou a afastar-se. Os golpes continuavam a cair dos dois lados sobre o homem, que cambaleava crispado; os tambores continuavam a rufiar e a flauta a sibilar; e a figura alta e airosa do coronel avançava sempre, a passos firmes, ao lado do infeliz. Súbito, o coronel parou e dirigiu-se rápido a um dos soldados.

“— Vou-te ensinar como se esfrega! — ouvi a sua voz irritada. — Quero ver se esfregarás melhor!

“E vi a sua mão forte, de luva de camurça, abater-se no rosto do soldado atônito, um rapaz baixo e franzino, por não ter este descido a vergasta com bastante força nas costas vermelhas do tártaro.

“— Tragam varas frescas! — gritou o coronel.

“E, ao olhar atrás de si, avistou-me. Fingindo não me haver reconhecido, voltou-se de pronto para o outro lado com cenho ameaçador e feroz. Por mim, senti tamanha vergonha que não sabia para onde olhar e, como se me houvessem surpreendido na prática de uma ação reprovável, baixei os olhos e apressei-me a voltar para casa. Durante todo o caminho ressoava-me aos ouvidos ora o ruflo do tambor e o silvo da flauta, ora as palavras do castigado: — ‘Irmãos, tende piedade!’ —, ora a voz firme e irritada do coronel a gritar: — ‘Vou-te ensinar como se esfrega!’ Ao mesmo tempo, senti-me empolgado por uma angústia física, que ia até à náusea, tão forte que várias vezes parei, pronto a vomitar todo o horror de que aquele espetáculo me enchera. Já não me lembro como cheguei a casa e fui

deitar-me. Mas, apenas adormeci, ouvi e vi outra vez tudo, e acordei num sobressalto.

“Pensava no coronel, dizendo comigo: — ‘Sem dúvida ele sabe uma coisa que eu ignoro. Se eu soubesse o que ele sabe, compreenderia o que acabo de ver e não ficaria nesta ânsia.’ Contudo, por mais que refletisse, não consegui compreender o que o coronel sabia, e só à noite conciliei o sono, ainda assim só depois de ter ido à casa de um amigo e tomado com ele uma borracheira.

“Pensam que eu considerava o que acabara de ver uma coisa má? Nada disso. Apenas repetia comigo: — ‘Se se fazia aquilo com tanta segurança e era por todos reconhecido como necessário, devia ser porque os outros sabiam uma coisa que eu ignorava.’ Procurei, pois, saber o que era. No entanto, por mais que procurasse, nunca cheguei a sabê-lo. Não o conseguindo, não me foi possível entrar no Exército, como tencionava dantes, nem aceitar nenhum cargo civil. E aqui estou, como vocês me veem, sem ter prestado para coisa nenhuma.”

— Bem, sabemos que você não presta para nada — disse um de nós. — Mas responda: quantas pessoas não prestariam para nada, se você não existisse?

— Ora, isso é uma grandíssima bobagem! — disse Ivan Vassilievitch com sincero desgosto.

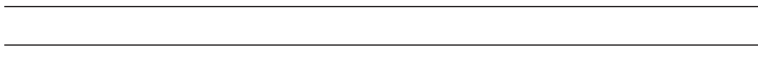
— Bem, e o amor? — perguntamos.

— O amor? Naquele dia principiou a diminuir. Cada vez que ela assumia uma expressão meditativa, com o sorriso nos lábios, o que lhe acontecia com frequência, logo me lembrava do coronel e ficava acanhado e áspero. Passei a vê-la com menos assiduidade, e afinal a minha paixão apagou-se inteiramente. É assim mesmo: acontece uma coisa destas e toda a vida da gente se modifica, toma outro rumo — concluiu. — E vocês ainda dizem...

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>



Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

O PRIMEIRO IMPULSO

Autor Persa Anônimo

Tooriri era um cidadão rico de Bagdá, universalmente famoso por suas virtudes. Não se limitava a assistir aos pobres a ponto de, em vez de levar uma existência das mais luxuosas, viver apenas confortavelmente; escutava com a mais delicada paciência as queixas de todos os sofredores que o procuravam, consolava-os com palavras carinhosas e ajudava-os de todas as maneiras possíveis.

Suportava com resignação as mil e uma pequenas misérias que constituem a maior parte da vida humana. Tolerante em alto grau, não se aborrecia se os outros não lhe partilhavam as opiniões — virtude difícil e rara, pois o desejo secreto de cada homem é que o resto da humanidade lhe seja inferior e, ao mesmo tempo, semelhante.

Casado com uma megera, mantinha-se-lhe fiel, perdoava-lhe o mau gênio, e jamais a fazia sentir que não era nem moça nem bonita. Prosador e poeta, regozijava-se com o êxito dos rivais e manifestava-lhes benevolência e amizade em expressões corteses e sinceras.

Numa palavra, sua vida era toda caridade, gentileza, lealdade e altruísmo, e consideravam-no, ao mesmo tempo, um santo e um perfeito cavalheiro.

Ao seu semblante, porém, faltava a serenidade que por via de regra caracteriza as feições de um santo. Parecia o de uma pessoa agitada por paixões violentas ou roída de secreta angústia. Não raro o viam estacar e baixar os olhos para recobrar o domínio de si mesmo e impedir que lhe adivinhassem os pensamentos. Mas ninguém prestava a isso a menor atenção.

Não longe de Bagdá vivia um eremita por nome Maitreya, autor de numerosos milagres, cuja morada era objeto da veneração de muitos peregrinos. Tendo-se posto acima das contingências do comum da humanidade, Maitreya conservava-se em tamanha imobilidade que as andorinhas vinham e construía-ninhos em seus ombros. A barba, espessa como a cauda das vacas sagradas, chegava-lhe à cintura, e o seu corpo semelhava um tronco de árvore. Vivia assim desde uns noventa anos, pois era este o seu ideal.

Certo dia um peregrino disse na sua presença:

— Tooriri, de tão bom, parece uma encarnação de Ormuzd¹³. Sem dúvida todo o sofrimento desapareceria da face da Terra se um homem destes pudesse fazer tudo quanto quisesse.

Ainda mais rígida se fez a imobilidade de Maitreya. Evidentemente o santo homem entrara em comunicação direta com o próprio Ormuzd. Depois de pensar uns instantes, respondeu ao peregrino:

— Não me é possível alcançar que Ormuzd conceda a Tooriri o poder de realizar todos os seus desejos, pois assim ele se tornaria um deus. No entanto, Ormuzd, em sua bondade, permite que, de amanhã por diante, o primeiro impulso deste santo homem, em todas as circunstâncias de sua vida, se transforme em realidade.

— É quase a mesma coisa! — exclamou o peregrino. — O primeiro impulso de Tooriri, como todos os seus desejos, será generoso e caridoso. Venerável Maitreya, acabais de me anunciar uma nova que há de trazer a ventura a muita gente, e eu vos agradeço.

Se a barba de Maitreya fosse menos impenetrável, poderia o peregrino ter vislumbrado a sombra de um sorriso em seus lábios empedernidos. Mas logo depois ele voltou a abismar-se nas suas eternas cismas.

13 Ormuzd: deus supremo do masdeísmo, religião da Pérsia, forma posterior do zoroastrismo.

Tornou à cidade o peregrino, regozijando-se de antemão com os muitos atos de caridade em que se havia de patentear no dia seguinte o poder do sábio Tooriri.

No dia seguinte, Tooriri despertou antes da mulher e fitou-a por um momento. Movida por força misteriosa, ela se levantou, dirigiu-se à janela, galgou o peitoral e precipitou-se, rachando a cabeça no pavimento da rua.

Ao sair de casa, aproximou-se dele um grupo de mendigos a pedir esmola. Não lhes disse nenhuma palavra dura, e automaticamente a sua mão se encaminhou à bolsa; mas, antes de alcançá-la, todos os mendigos lhe caíram mortos aos pés.

Adiante, encontrou a linda Mandaniki, e ele, o sábio, o virtuoso Tooriri, inclinou-se diante dela e acompanhou-a a casa. Ali, a mulher, enquanto lhe contava a história da própria vida e ele a apertava com ternura ao próprio coração, expirou-lhe nos braços.

Mal deixou a residência de Mandaniki, ficou detido numa encruzilhada por certo número de veículos que obstruíam a passagem, e começou a perder a paciência. Nisto, todos os cocheiros caíram das respectivas boleias e todos os cavalos tiveram os tendões cortados como por invisível foice.

À noite foi ele ao teatro, e pôs-se a discutir com o erudito Sarvilaka acerca de um verso atribuído por este a Nizami, e que Tooriri julgava escrito por Saadi, o poeta das rosas. De súbito, o letrado deixou-se cair na sua poltrona e vomitou uma golfada de sangue negro. A comédia representada naquela noite obteve grande êxito, sendo os atores unanimemente aplaudidos. Porém, poucos minutos antes que Tooriri resolvesse aderir ao reconhecimento do mérito do autor, este rendeu a alma ao Criador de maneira totalmente inesperada.

Tooriri voltou para casa horrorizado daquela mortandade geral. Desesperado, incapaz de compreender a razão

de tudo aquilo, matou-se, atravessando o coração com um punhal.

Na mesma noite morreu também o santo eremita Maitreya.

Compareceram os dois ao mesmo tempo perante o sábio Ormuzd. O eremita pensava: — “Não me seria nada desagradável assistir ao merecido castigo deste falso santo, cuja virtude foi por tanto tempo admirada pelos persas, mas que, num único dia em que pôde mostrar-se tal qual era na realidade, se cobriu de inúmeros pecados e crimes.”

Porém o sábio Ormuzd falou assim:

— Virtuoso Tooriri, homem realmente generoso e bom, meu leal e fiel servidor, vem, entra na paz eterna.

— Boa bola! — exclamou o eremita.

— Em momento algum de minha vida falei mais sério — replicou Ormuzd. — Tooriri, desejaste o aniquilamento de tua esposa porque não era bondosa e já não tinha beleza; quiseste a morte dos mendigos porque te importunaram e seu aspecto era hediondo; a de tua amante, porque era uma tola; o fim dos cocheiros e o extermínio dos cavalos, porque te forçaram a esperar quando tinhas pressa; o desaparecimento do letrado Sarvilaka, porque professava opinião diferente da tua; e do autor da comédia, porque obtivera aplausos maiores que os alcançados por ti. Todos esses desejos eram perfeitamente naturais. Os assassinios de que Maitreya te acusa foram, à tua revelia, efeitos do teu primeiro impulso, porquanto ninguém pode conter o seu primeiro impulso e desejo. Um homem odeia inevitavelmente o que o tolhe, e não menos inevitavelmente deseja o aniquilamento daquilo que odeia. A natureza é egoísta, e o nome do egoísmo é destruição. O mais virtuoso dos homens é, antes de tudo, no íntimo da alma, um patife, e, se lhe fosse concedido transformar em realidade o seu primeiro desejo, impulsivo e involuntário, dentro em pouco a Terra se transformaria num deserto, sem nenhum ser humano a habitá-la. Foi o que eu

pretendi mostrar, Tooriri, com o teu exemplo: o homem é julgado pelo seu segundo desejo, pois que este depende da sua vontade. Não fora o dom misterioso que, a teu pesar, tornou o teu último dia tão mortífero, tua vida teria continuado virtuosa e caridosa. O que devo considerar em ti não é a tua natureza, mas a tua vontade, que sempre tendeu para o bem e procurou sempre corrigir a tua natureza e aperfeiçoar a minha obra imperfeita. Eis por que, meu colaborador querido, eu hoje escancaro diante de ti a porta do meu paraíso.

– Essa é boa! – exclamou Maitreya. – Que fareis, então, por mim? Que recompensa me reservastes?

– A mesma – replicou Ormuzd –, embora só a tenhas merecido imperfeitamente. Foste um santo, mas, se em tudo deixaste de ser humano, humano foste no teu orgulho. Conseguiste a supressão do primeiro impulso; mas, se todos os homens fossem viver como tu, a humanidade desapareceria da face da Terra ainda mais depressa do que se cada homem possuísse o poder maravilhoso que por um dia infligi a este meu fiel servo. Ora, a mim me convém que a humanidade continue, porque isto me diverte e porque o espetáculo que me oferece chega a ser, às vezes, sublime. O teu esforço, mísero asceta, não era de todo desprovido de certa espécie de beleza, e por isso te perdooo o teu erro crasso. Numa palavra: a Tooriri abro as portas do Paraíso e o acolho em meu seio, porque sou justo; a ti, Maitreya, permito que entres, porque sou generoso.

– Mas... – disse Maitreya.

E Ormuzd, erguendo o austero semblante:

– Tenho dito.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

O COMPRADOR DE FAZENDAS

Monteiro Lobato

Pior fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já arruinara três donos, o que fazia dizer aos praguentos: “Espiga é o que aquilo é!”.

O detentor último, um Davi Moreira de Sousa, arrematara-a em praça, convicto de negócio da China; mas já lá andava, também ele, escalavrado de dívidas, coçando a cabeça, num desânimo...

Os cafezais em vara, ano sim ano não batidos de pedra ou esturrados de geada, nunca deram de si colheita de entupir tulha. Os pastos ensapezados, enguaxumados, ensammbaiados nos topes, eram acampamentos de cupins com entremeios de macegas mortiças, formigantes de carrapatos. Boi entrado ali punha-se logo de costelas à mostra, encarocado de bernes, triste e dolorido de meter dó.

As capoeiras substitutas das matas nativas revelavam pela indiscrição das tabocas a mais safada das terras secas. Em tal solo a mandioca bracejava a medo varetinhas nodosas; a cana-caiana assumia aspectos de caninha, e esta virava um taquariço magrela dos que passam incólumes entre os cilindros moedores.

Piolhavam os cavalos. Os porcos escapos à peste encruavam na magrém faraônica das vacas egípcias.

Por todos os cantos imperava o ferrão das saúvas, dia e noite entregues à tosa dos capins para que em outubro se toldasse o céu de nuvens de içás, em saracoteios amorosos com enamorados savitus.

Caminhos por fazer, cercas no chão, casas de agregados engoteiradas, combalidas de cumeeira, prenunciando

feias taperas. Até na moradia senhorial insinuava-se a breca, aluindo panos de reboco, carcomendo assoalhos. Vidraças sem vidro, mobília capengante, paredes lagarteadas... intacto que é que havia lá?

Dentro dessa esborcinada moldura, o fazendeiro, ave-lhuscado por força de sucessivas decepções e, a mais, roído pelo cancro feroz dos juros, sem esperança e sem conserto, coçava cem vezes ao dia a coroa da cabeça grisalha.

Sua mulher, a pobre dona Isaura, perdido o viço do outono, agrumava no rosto quanta sarda e pé de galinha inventam os anos de mãos dadas à trabalhosa vida.

Zico, o filho mais velho, saíra-lhes um pulha, amigo de erguer-se às dez, ensebar a pastinha até às onze e consumir o resto do dia em namoricos mal azarados.

Afora este malandro tinham Zilda, então nos 17, menina galante, porém sentimental mais do que manda a razão e pede o sossego da casa. Era um ler Escrich¹⁴, a rapariga, e um cismar amores de Espanha.

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda maldita para respirar a salvo de credores. Coisa difícil, entretanto, em quadra de café a cinco mil-réis, botar unhas num tolo das dimensões requeridas. Iludidos por anúncios manhosos alguns pretendentes já haviam abicado ao Espi-gão; mas franziam o nariz, indo-se a arrenegar da pernada sem abrir oferta.

— De graça é caro! — cochichavam de si para consigo.

O redemoinho capilar de Moreira, a cabo de coçadeiras, sugeriu-lhe um engenhoso plano mistificatório: entre-verar de caetés, cambarás, unhas-de-vaca e outros padrões de terra boa, transplantados das vizinhanças, a fímbria das capoeiras e uma ou outra entrada acessível aos visitantes. Fê-lo, o maluco, e mais: meteu em certa grota um pau-d'álho trazido da terra roxa, e adubou os cafeeiros mar-

14 Escrich: Enrique Pérez Escrich (1829-1897), escritor espanhol de romances patéticos e moralizantes.

geantes ao caminho no suficiente para encobrir a mazela do resto.

Onde um raio de sol denunciava com mais viveza um vício da terra, ali o alucinado velho botava a peneirinha...

Um dia recebeu carta de seu agente de negócios anunciando novo pretendente. "Você tempere o homem", aconselhava o pirata, "e saiba manobrar os padrões que este cai. Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito prosa, e quer fazenda de recreio. Depende tudo de você espigá-lo com arte de barganhista ladino."

Preparou-se Moreira para a empresa. Advertiu primeiro aos agregados para que estivessem a postos, afiadíssimos de língua. Industriados pelo patrão, estes homens respondiam com manha consumada às perguntas dos visitantes, de jeito a transmutar em maravilhas as ruindades locais.

Como lhes é suspeita a informação dos proprietários, costumam os pretendentes interrogar à socapa os encontrados. Ali, se isso acontecia — e acontecia sempre, porque era Moreira em pessoa o maquinista do acaso —, havia diálogos desta ordem:

— "Gea por aqui?"

— "Coisinha, e isso mesmo só em ano brabo."

— "O feijão dá bem?"

— "Nossa Senhora! Inda este ano plantei cinco quartas e malhei cinquenta alqueires. E que feijão!"

— "Berneia o gado?"

— "Qual o quê! Lá um ou outro carocinho de vez em quando. Para criar, não existe terra melhor. Nem erva, nem feijão-bravo¹⁵. O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto virava um fazendão."

Avisados os espoletas, debateram-se à noite os preparativos da hospedagem, alegres todos com o revistar das esperanças emurchecidas.

15 Plantas venenosas para o gado. (Nota da edição de 1946.)

— Estou com palpite que desta feita a “coisa” vai! — disse o filho maroto. E declarou necessitar, à sua parte, de três contos de réis para estabelecer-se.

— Estabelecer-se com quê? — perguntou admirado o pai.

— Com armazém de secos e molhados na Volta Redonda...

— Já me estava espantando uma ideia boa nessa cabeça de vento. Para vender fiado à gente da Tudinha, não é?

O rapaz, se não corou, calou-se; tinha razões para isso.

Já a mulher queria casa na cidade. De há muito trazia de olho uma de porta e janela, em certa rua humilde, casa baratinha, de arrançados.

Zilda, um piano — e caixões e mais caixões de romance.

Dormiram felizes essa noite e no dia seguinte mandaram cedo à vila em busca de gulodices de hospedagem — manteiga, um queijo, biscoitos.

Na manteiga houve debate.

— Não valé a pena! — reguingou a mulher. — Sempre são seis mil-réis. Antes se comprasse com esse dinheiro a peça de algodãozinho que tanta falta me faz.

— É preciso, filha! Às vezes uma coisa de nada engambela um homem e facilita um negócio. Manteiga é graxa — e a graxa engraxa!

Venceu a manteiga.

Enquanto não vinham os ingredientes, meteu dona Isaura unhas à casa, varrendo, espanando e arrumando o quarto dos hóspedes; matou o menos magro dos frangos e uma leitoa manquitola; temperou a massa do pastel de palmito, e estava a folheá-la quando:

— Ei, vem ele! — gritou Moreira da janela, onde se postara desde cedo, muito nervoso, a devassar a estrada por um velho binóculo; e sem deixar o posto de observa-

ção foi transmitindo à ocupadíssima esposa os pormenores divisados.

— É moço... Bem trajado... Chapéu-panamá... Parece Chico Canhambora...

Chegou, afinal, o homem. Apeou-se. Deu cartão: Pedro Trancoso de Carvalhais Fagundes. Bem-apegoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante mais que quantos até ali aparecidos.

Contou logo mil coisas com o desembaraço de quem no mundo está de pijama em sua casa — a viagem, os acidentes, um mico que vira pendurado num galho de imbaúba.

Entrados que foram para a saleta de espera, Zico, incontinênti, grudou-se de ouvido ao buraco da fechadura, a cochichar para as mulheres ocupadas na arrumação da mesa o que ia pilhando à conversa.

Súbito, esganiçou para a irmã, numa careta sugestiva:

— É solteiro, Zilda!

A menina largou disfarçadamente os talheres e sumiu-se.

Meia hora depois voltava trazendo o melhor vestido e no rosto duas redondinhas rosas de carmim.

Quem a essa hora penetrasse no oratório da fazenda notaria nas vermelhas rosas de papel de seda que enfeitavam o santo Antônio, a ausência de várias pétalas, e aos pés da imagem uma velinha acesa. Na roça, o ruge e o casamento saem do mesmo oratório.

Trancoso dissertava sobre variados temas agrícolas.

— O canastrão? Pfff! Raça tardia, meu caro senhor, muito agreste. Eu sou pelo Poland Chine. Também não é mau, não, o Large Black. Mas o Poland! Que precocidade! Que raça!

Moreira, chucro na matéria, só conhecedor das pelhancas famintas, sem nome nem raça, que lhe grunhiam nos pastos, abria insensivelmente a boca.

— Como em matéria de pecuária bovina — continuou Trancoso — tenho para mim que, de Barreto a Prado, andam todos erradíssimos. Pois não! Er-ra-dís-si-mos! Nem seleção, nem cruzamento. Quero a adoção i-me-di-a-ta das mais finas raças inglesas, o Polled Angus, o Red Lincoln. Não temos pastos? Façamo-los. Plantemos alfafa. Fenemos. Ensilemos. Assis¹⁶ confessou-me uma vez...

Assis! Aquele homem confessava os mais altos pare-dros da agricultura! Era íntimo de todos eles — Prado, Barreto, Cotrim... E de ministros!

— Eu já aleguei isso ao Bezerra...¹⁷

Nunca se honrara a fazenda com a presença de cava-lheiro mais distinto, assim bem relacionado e tão viajado. Falava da Argentina e de Chicago como quem veio ontem de lá. Maravilhoso!

A boca de Moreira abria, abria, e acusava o grau máximo de abertura permitida a ângulos maxilares, quando uma voz feminina anunciou o almoço.

Apresentações.

Mereceu Zilda louvores nunca sonhados, que a puse-ram de coração aos pinotes. Também os teve a galinha enso-pada, o tutu com torresmos, o pastel e até a água do pote.

— Na cidade, senhor Moreira, uma água assim, pura, cristalina, absolutamente potável, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebê-la!

A família entreolhou-se; nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e cada um insensivel-mente sorveu o seu golezinho, como se naquele instante travassem conhecimento com o precioso néctar. Zico che-gou a estalar a língua...

16 Assis Brasil, Antônio Prado, Luís Pereira Barreto, Eduardo Cotrim, homens de muita autoridade em assuntos de pecuária, na época. (Nota da edição de 1946.)

17 José Bezerra, ministro da Agricultura. (Nota da edição de 1946.)

Quem não cabia em si de gozo era dona Isaura. Os elogios à sua culinária puseram-na rendida; por metade daquilo já se daria por bem paga da trabalhadeira.

– Aprenda, Zico – cochichava ela ao filho –, o que é educação fina.

Após o café, brindado com um “delicioso!”, convidou Moreira o hóspede para um giro a cavalo.

– Impossível, meu caro, não monto em seguida às refeições; dá-me cefalalgia.

Zilda corou. Zilda corava sempre que não entendia uma palavra.

– À tarde sairemos, não tenho pressa. Prefiro agora um passeiozinho pedestre pelo pomar, a bem do quilo.

Enquanto os dois homens em pausados passos para lá se dirigiam, Zilda e Zico correram ao dicionário.

– Não é com S – disse o rapaz.

– Veja com C – alvitrou a menina.

Com algum trabalho encontraram a palavra cefalalgia.

– “Dor de cabeça!” Ora! Uma coisa tão simples...

À tarde, no giro a cavalo, Trancoso admirou e louvou tudo quanto ia vendo, com grande espanto do fazendeiro que, pela primeira vez, ouvia gabos às coisas suas. Os pretendentes em geral malsinam de tudo, com olhos abertos só para defeitos; diante de uma barroca, abrem-se em exclamações quanto ao perigo das terras frouxas; acham más e poucas as águas; se enxergam um boi, não desprezam a vista dos bernes.

Trancoso, não. Gabava! E quando Moreira, nos trechos mistificados, com dedo trêmulo assinalou os padrões, o moço abriu a boca.

– Caquera? Mas isto é fantástico!...

Em face do pau-d’alho culminou-lhe o assombro.

– É maravilhoso o que vejo! Nunca supus encon-

trar nesta zona vestígios de semelhante árvore! — disse, metendo na carteira uma folha como lembrança.

Em casa, abriu-se com a velha.

— Pois, minha senhora, a qualidade destas terras excedeu de muito à minha expectativa. Até pau-d’alho! Isto é positivamente famoso!...

Dona Isaura baixou os olhos. A cena passava-se na varanda. Era noite. Noite trilada de grilos, coaxada de sapos, com muitas estrelas no céu e muita paz na terra. Refestelado numa cadeira preguiçosa, o hóspede transfez o sopor da digestão em quebreira poética.

— Este cri-cri de grilos, como é encantador! Eu adoro as noites estreladas, o bucólico viver campesino, tão sadio e feliz...

— Mas é muito triste!... — aventurou Zilda.

— Acha? Gosta mais do canto estridente da cigarra, modulando cavatinas em plena luz? — disse ele, amelaçando a voz. — É que no seu coraçãozinho há qualquer nuvem a sombreá-lo...

Vendo Moreira assim atizado o sentimentalismo, e desta feita passível de consequências matrimoniais, houve por bem dar uma pancada na testa e berrar:

— Oh, diabo! Não é que eu ia me esquecendo do...

Não disse do quê, nem era preciso. Saiu precipitadamente, deixando-os sós.

Proseguiu o diálogo, mais mel e rosas.

— O senhor é um poeta! — exclamou Zilda a um regorjeio dos mais sucados.

— Quem o não é, debaixo das estrelas do céu, ao lado duma estrela da terra?

— Pobre de mim! — suspirou a menina, palpitante.

Também do peito de Trancoso subiu um suspiro.

Seus olhos alçaram-se a uma nuvem que fazia no céu

as vezes da Via Látea, e sua boca murmurou em solilóquio um rabo de arraia desses que derrubam meninas.

— O amor!... A Via Látea da vida!... O aroma das rosas, a gaze da aurora! Amar, ouvir estrelas... Amai, pois só quem ama entende o que elas dizem.

Era zurrapa de contrabando; não obstante, ao paladar inexperto da menina soube a fino moscatel. Zilda sentiu subir à cabeça um vapor. Quis retribuir. Deu busca aos ramilhetes retóricos da memória em procura da flor mais bela. Só achou um bogari humílimo:

— Lindo pensamento para um cartão-postal!

Ficaram no bogari; o café com bolinhos de frigideira veio interromper o idílio nascente.

Que noite aquela! Dir-se-ia que o anjo da bonança dis-tendera suas asas de ouro por sobre a casa triste. Via Zilda realizar-se todo o Eschich deglutido. Dona Isaura gozava-se da possibilidade de casá-la rica. Moreira sonhava qui-tações de dívidas, com sobras fartas a tilintar-lhe no bolso. E imaginariamente transeito em comerciante, Zico fiou, a noite inteira, em sonhos, à gente da Tudinha, que, cativa de tanta gentileza, lhe concedia afinal a ambicionada mão da pequena.

Só Trancoso dormiu o sono das pedras, sem sonhos nem pesadelos. Que bom é ser rico!

No dia imediato visitou o resto da fazenda, cafezais e pastos, examinou criação e benfeitorias; e como o gentil mancebo continuasse no enlevo, Moreira, deliberado na véspera a pedir quarenta contos pela Espiga, julgou de bom aviso elevar o preço. Após a cena do pau-d'álho, sus-pendeu-o mentalmente para 45; findo o exame do gado, já estava em sessenta. E quando foi abordada a magna ques-tão, o velho declarou corajosamente, na voz firme de um *alea jacta*:

— Sessenta e cinco! — e esperou de pé atrás a ventania.

Trancoso, porém, achou razoável o preço.

— Pois não é caro — disse —, está um preço bem mais razoável do que imaginei.

O velho mordeu os lábios e tentou emendar a mão.

— Sessenta e cinco, sim, mas... o gado fora!...

— É justo — respondeu Trancoso.

— ... e fora também os porcos!...

— Perfeitamente.

— ...e a mobília!

— É natural.

O fazendeiro engasgou; não tinha mais o que excluir e confessou de si para consigo que era uma cavalgada. Por que não pedira logo oitenta?

Informada do caso, a mulher chamou-lhe pax-vóbis.

— Mas, criatura, por quarenta já era um negócio! — justificou-se o velho.

— Por oitenta seria o dobro melhor. Não se defenda. Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e sarambé. É do sangue. Você não tem culpa.

Amuaram um bocado; mas a ânsia de arquitetar castelos com a imprevista dinheirama varreu para longe a nuvem. Zico aproveitou a aura para insistir nos três contos do estabelecimento — e obteve-os. Dona Isaura desistiu da tal casinha. Lembrava-se agora de outra maior, em rua de procissão — a casa de Eusébio Leite.

— Mas essa é de 12 contos — advertiu o marido.

— Mas é outra coisa que não aquele casebre! Muito mais bem repartida. Só não gosto da alcova pegada à copa; escura...

— Abre-se uma claraboia.

— Também o quintal precisa de reforma; em vez do cercado das galinhas...

Até noite alta, enquanto não vinha o sono, foram

remendando a casa, pintando-a, transformando-a na mais deliciosa vivenda da cidade. Estava o casal nos últimos retoques, dorme não dorme, quando Zico bateu à porta.

— Três contos não bastam, papai; são precisos cinco. Há a armação, de que não me lembrei, e os direitos, e o aluguel da casa, e mais coisinhas...

Entre dois bocejos o pai concedeu-lhe generosamente seis.

E Zilda? Essa vogava em alto-mar dum romance de fadas. Deixemo-la vogar.

Chegou enfim o momento da partida. Trancoso despediu-se. Sentia muito não poder prolongar a deliciosa visita, mas interesses de monta o chamavam. A vida do capitalista não é tão livre como parece... Quanto ao negócio, considerava-o quase feito; daria a palavra definitiva dentro de semana.

Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos — gostara muito da raça de galinhas criada ali; e um saquito de carás — petisco de que era mui guloso. Levou ainda uma bonita lembrança, o rosilho de Moreira, o melhor cavalo da fazenda. Tanto gabara o animal durante os passeios, que o fazendeiro se viu na obrigação de recusar uma barganha proposta e dar-lho de presente.

— Vejam vocês! — disse Moreira, resumindo a opinião geral. — Moço, riquíssimo, direitão, instruído como um doutor e no entanto amável, gentil, incapaz de torcer o focinho como os pulhas que cá têm vindo. O que é ser gente!

À velha agradara sobretudo a sem-cerimônia do jovem capitalista. Levar ovos e carás! Que mimo!

Todos concordaram, louvando-o cada um a seu modo. E assim, mesmo ausente, o gentil ricaço encheu a casa durante a semana inteira.

Mas a semana transcorreu sem que viesse a ambicionada resposta. E mais outra. E outra ainda.

Escreveu-lhe Moreira, já apreensivo e nada. Lembrou-

-se dum parente morador na mesma cidade e endereçou-lhe carta pedindo que obtivesse do capitalista a solução definitiva. Quanto ao preço, abatia alguma coisa. Dava a fazenda por 55, por cinquenta e até por quarenta, com criação e mobília.

O amigo respondeu sem demora. Ao rasgar do envelope, os quatro corações da Espiga pulsaram violentamente: aquele papel encerrava o destino de todos quatro.

Dizia a carta: “Moreira. Ou muito me engano ou estás iludido. Não há por aqui nenhum Trancoso Carvalhais capitalista. Há o Trancosinho, filho de Nhá Veva, vulgo Sacatrapo. É um espertalhão que vive de barganhas e sabe iludir aos que o não conhecem. Ultimamente tem corrido o estado de Minas, de fazenda em fazenda, sob vários pretextos. Finge-se às vezes comprador, passa uma semana em casa do fazendeiro, a caceteá-lo com passeios pelas roças e exames de divisas; come e bebe do bom, namora as criadas, ou a filha, ou o que encontra — é um vassoura de marca! —, e no melhor da festa some-se. Tem feito isto um cento de vezes, mudando sempre de zona. Gosta de variar de tempero, o patife. Como aqui Trancoso só há este, deixo de apresentar ao pulha a tua proposta. Ora Sacatrapo a comprar fazenda! Tinha graça...”.

O velho caiu numa cadeira, aparvalhado, com a missiva sobre os joelhos. Depois o sangue lhe avermelhou as faces e seus olhos chisparam.

— Cachorro!

As quatro esperanças da casa ruíram com fragor, entre lágrimas da menina, raiva da velha e cólera dos homens.

Zico propôs-se a partir incontinenti na peugada do biltre, a fim de quebrar-lhe a cara.

— Deixe, menino! O mundo dá voltas. Um dia cruzo-me com o ladrão e justo contas.

Pobres castelos! Nada há mais triste que estes repentinos desmoronamentos de ilusões. Os formosos palácios

da Espanha, erigidos durante um mês à custa da mirífica dinheirama, fizeram-se taperas sombrias. Dona Isaura chorou até os bolinhos, a manteiga e os frangos.

Quanto a Zilda, o desastre operou como pé de vento através de paineira florida. Caiu de cama, febricitante. Encovaram-se-lhe as faces. Todas as passagens trágicas dos romances lidos desfilaram-lhe na memória; reviu-se na vítima de todos eles. E dias a fio pensou no suicídio.

Por fim habituou-se a essa ideia e continuou a viver. Teve azo de verificar que isso de morrer de amores, só em Eschrich.

Acaba-se aqui a história — para a plateia; para as torrinhas segue ainda por meio palmo. As plateias costumam impar umas tantas finuras de bom gosto e tom muito de rir; entram no teatro depois de começada a peça e saem mal as ameaça o epílogo.

Já as galerias querem a coisa pelo comprido, a jeito de aproveitar o rico dinheirinho até ao derradeiro vintém. Nos romances e contos pedem esmiuçamento completo do enredo; e se o autor, levado por fórmulas de escola, lhes arruma para cima, no melhor da festa, com a caudinha retenciada a que chama “nota impressionista”, franzem o nariz. Querem saber — e fazem muito bem — se Fulano morreu, se a menina casou e foi feliz, se o homem afinal vendeu a fazenda, a quem e por quanto.

Sã, humana e respeitabilíssima curiosidade!

— “Vendeu a fazenda o pobre Moreira?”

Pesa-me confessá-lo: não! E não a vendeu por artes do mais inconcebível quiproquó de quantos têm armado neste mundo o diabo — sim, porque afora o diabo, quem é capaz de intrincar os fios da meada, com laços e nós cegos, justamente quando vai a feliz remate o crochê?

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cinquenta contos na loteria. Não se riam. Por que motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e ele tinha no bolso um

bilhete? Ganhou os cinquenta contos, dinheiro que para um pé-atrás daquela marca era significativo de grande riqueza.

De posse do bolo, após semanas de tonteira deliberou afazendar-se. Queria tapar a boca ao mundo realizando uma coisa jamais passada pela sua cabeça: comprar fazenda. Correu em revista quantas visitara durante os anos de malandragem, propendendo, afinal, para a Espiga. Ia nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha e a ideia de meter na administração ao sogro, de jeito a folgar-se uma vida vadia de regalos, embalada pelo amor de Zilda e os requintes culinários da sogra. Escreveu, pois, ao Moreira anunciando-lhe a volta, a fim de fechar-se o negócio.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de cólera, entremeio a bufos de vingança.

— É agora! — berrou o velho. — O ladrão gostou da pândega e quer repetir a dose. Mas desta feita curo-lhe a balda, ora se curo! — concluiu, esfregando as mãos no antegoço da vingança.

No murcho coração da pálida Zilda, entretanto, bateu um raio de esperança. A noite de sua alma alvorejou ao luar de um “Quem sabe?”. Não se atreveu, todavia, a arrosar a cólera do pai e do irmão, concertados ambos num tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Acendeu outra velinha a santo Antônio...

O grande dia chegou. Trancoso rompeu à tarde pela fazenda, caracolando o rosilho.

Desceu Moreira a esperá-lo embaixo da escada, de mãos às costas.

Antes de soffrear as rédeas, já o amável pretendente abria-se em exclamações.

— Ora viva, caro Moreira! Chegou enfim o grande dia. Desta vez compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre apeasse e mal Trancoso, lançando as rédeas, dirigiu-se-lhe de braços

abertos, todo risos, o velho saca de sob o paletó um rabo de tatu e rompe-lhe para cima com ímpeto de queixada.

— Queres fazenda, grandessíssimo tranca? Toma, toma fazenda, ladrão! — e lepte, lepte, finca-lhe rijas rabadas coléricas.

O pobre rapaz, tonteado pelo imprevisto da agressão, corre ao cavalo e monta às cegas, de passo que Zico lhe sacode no lombo nova série de lambadas de agravadíssimo ex-quase cunhado.

Dona Isaura atija-lhe os cães:

— Pega, Brinquinho! Ferra, Joli!

O mal-azarado comprador de fazendas, acuado como raposa em terreiro, dá de esporas e foge a toda, sob uma chuva de insultos e pedras. Ao cruzar a porteira inda teve ouvidos para distinguir na grita os desaforos esganiçados da velha:

— Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma! Em outra não hás de cair, ladrão de ovo e cará!...

E Zilda?

Atrás da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em nuvens de pó, o cavaleiro gentil dos seus dourados sonhos.

Moreira, o caipora, perdia assim naquele dia o único negócio bom que durante a vida inteira lhe deparara a Fortuna: o duplo descarte — da filha e da Espiga...

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAL, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: após-guerra**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 10. (Mar de História, 10).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

O SEMELHANTE

Miguel de Unamuno

Como todos fugiam de Celestino, o maluco, tomando-o, quando muito, como um João-teimoso para se divertirem, o pobrezinho evitava as pessoas, passeando só pelo campo solitário, sumido naquilo que o rodeava, assistindo sem consciência de si mesmo ao desfile de quanto se lhe punha ante os olhos. Celestino, o maluco, vivia de veras dentro do mundo como em um útero materno, entretecendo com realidades frescas sonhos infantis, para ele tão reais quanto aquelas, numa meninice estagnada, apegada ao calidoscópico vivo como à placenta o feto, e, como este, ignorante de si. Sua alma abrangia tudo em pura simplicidade; tudo era estado de sua consciência. Deixava-se ir pela maior solidão das alamedas do rio, rindo-se dos mergulhos dos patos, dos voos curtos dos pássaros, dos entrelaçados adejos dos pares de mariposas. Uma de suas maiores diversões era ver virar-se um escaravelho que ele pusera no chão de patas para cima.

Só uma coisa o inquietava: a presença do inimigo, do homem. Ao aproximar-se-lhe algum, Celestino olhava-o de vez em quando com um sorriso em que pretendia dizer-lhe: — “Não me façás nada, que eu não vou fazer-te mal” — e, quando o tinha bem perto, sob aquele olhar de indiferença e sem amor baixava a vista ao chão, desejando tornar-se pequenino que nem uma formiga. Se algum conhecido, encontrando-o, lhe dizia: — “Alô, Celestino!” — inclinava com mansidão a cabeça e sorria, esperando o sopapo. Se via crianças ao longe, estugava o passo; tinha-lhes justificado horror: eram o pior do gênero humano.

Certa manhã, esbarrou Celestino com outro solitário

passeante e, ao cruzar com ele e, como de hábito, sorrir-lhe, viu naquela cara o reflexo do seu próprio sorriso, um saudar de compreensão. E, voltando a cabeça, logo depois de se cruzarem, viu que também o desconhecido a tinha voltada, e tornaram a sorrir um para o outro. Devia de ser um semelhante. Todo aquele dia Celestino o passou mais alegre que de costume, cheio do calor que lhe deixou na alma aquele eco de sua singeleza que o mundo, por um rosto humano, lhe devolvera.

Na manhã seguinte, defrontaram-se outra vez no momento em que um pardal, com muito ruído, foi pousar num salgueiro próximo. Apontou-o Celestino ao outro, e disse, a rir:

– Que passarinho!... É um pardal.

– É mesmo, é um pardal – o outro respondeu, rindo também.

E, mutuamente excitados, riram-se a mais não poder: primeiro, do pássaro que lhes fazia coro chilrando, depois, de estarem rindo. E assim ficaram amigos os dois tolos, ao ar livre e sob o céu de Deus.

– Como te chamas?

– Pepe.

– E eu, Celestino.

– Celestino... Celestino... – gritou o outro, rompendo a rir com toda a alma. – Celestino, o maluco... Celestino, o maluco...

– E tu, Pepe, o maluco... – replicou vivamente Celestino, enfadado.

– É verdade: Pepe, o maluco, e Celestino, o maluco...

E terminaram os dois bobos rindo de sua bobice a bandeiras despregadas, absorvendo, ao fazê-lo, haustos de ar livre. O riso deles perdia-se na alameda, confundido com as vozes todas do campo, como uma entre tantas.

Desde então, reuniam-se diariamente para passear

juntos, comungar em impressões, apontando um ao outro a primeira coisa que Deus lhes punha adiante, vivendo “dentro” do mundo, prestando-se mutuamente calor e estímulo como gêmeos que coparticipam de um mesmo útero.

– Hoje faz calor.

– Sim, faz calor: é verdade que faz calor...

– Neste tempo costuma fazer calor...

– É verdade, costuma fazer calor neste tempo... e no inverno, frio.

E assim prosseguiam, sentindo-se semelhantes e gozando em descobrir a todos os momentos aquilo que acreditamos ter para todos eles descoberto, os que o havemos cristalizado em conceitos abstratos e metido em enquadramento lógico. Para eles era sempre novo tudo debaixo do Sol, toda impressão era fresca, e o mundo uma criação perpétua e sem nenhuma segunda intenção. Que ruidosa explosão de alegria a de Pepe quando viu o escaravelho com as patas para cima! Apanhou uma pedra, na exaltação do seu gozo, para desafozá-lo esmigalhando o bichinho; porém Celestino o impediu, dizendo-lhe:

– Não, ele não é mau...

A imbecilidade de Pepe não era, como a do seu novo amigo, congênita e invariável, mas adventícia e progressiva, devida a um amolecimento da massa encefálica. Celestino o conheceu, embora sem se compenetrar disso; percebeu confusamente o princípio daquilo que os diferenciava no fundo de semelhança, e desta observação inconsciente, soterrada nas profundezas tenebrosas de sua alma virgem, brotou nele um amor ao pobre Pepe, ao mesmo tempo de irmão, de pai e de mãe. Quando, por vezes, o seu amigo quedava adormecido à beira do rio, Celestino, ao lado dele, afugentava as moscas e mutucas, atirava pedras nos remansos para que se calassem as rãs, diligenciava para que as formigas não lhe subissem à cara, e olhava inquieto para um e outro lado a ver se vinha algum homem. E, ao

avistar meninos, batia-lhe o coração com violência e aproximava-se mais do amigo, metendo pedras nos bolsos. Se no semblante do adormecido vagava um sorriso, Celestino sorria sonhando o mundo que o encerrava.

Pelas ruas corriam as crianças aos pares, gritando:

Bobo com bobo,
Bobos duas vezes!

Certo dia em que um moleque chegou a bater no enfermo, despertou em Celestino um instinto até aí adormecido; correu atrás do pequeno e encheu-o de pescoções e sopapos. A súcia, a um tempo irritada e alvoroçada com a imprevisível revolta do maluco, empreendeu-a com a dupla, e Celestino, escudando o outro, defendeu-se heroicamente a socos e patadas, até que chegou um guarda a pôr a meninada em fuga. E o guarda repreendeu o maluco... Homem, afinal de contas!

No progresso de sua idiotia, chegou Pepe a tal entorpecimento de sentidos que se limitava a repetir entre dentes, sonolento, o que o amigo lhe ia dizendo das pessoas e coisas que lhe desfilavam ante os olhos, como intérprete de cosmorama.

Um dia, Celestino, o maluco, não viu o seu pobre amigo, e andou a procurá-lo por toda parte, encarando com ódio os garotos e sorrindo mais do que nunca aos homens. Por fim, ouviu dizer que ele morrera como um passarinho; sentiu algo como fome espiritual, apanhou uma pedra, metendo-a no bolso; encaminhou-se à igreja a que o levavam à missa, ajoelhou-se ante um Cristo, sentando-se logo sobre os calcanhares e, depois de persignar-se várias vezes com grande celeridade, repetia:

– Quem o matou? Dize-me quem o matou...

E, recordando vagamente, à vista do Cristo, que um

dia, ali, sem tirar-lhe de cima os olhos, ouvira num sermão que aquele crucificado ressuscitava mortos, exclamou:

— Ressuscita-o! Ressuscita-o!

Ao sair, rodeou-o um bando de garotos: um puxava-o pelo casaco, outro deitou-lhe o chapéu no chão, outro lhe cuspiu; e perguntavam-lhe: — “E o outro maluco?” Recoilhendo-se em si mesmo, Celestino perdia aquela fugitiva coragem, filha do amor, e murmurando: — “Patifes, patifes, duas vezes patifes... canalhas... foram eles que o mataram... patifes” —, deixou cair a pedra e picou o passo para se pôr a salvo em sua casa.

Quando passeava novamente só pelas alamedas à margem do rio, as ondas de impressões frescas que, como sangue espiritual, recebia como de placenta do campo livre, vinham reunir-se e adquirir vida em torno da vaga e penumbrosa imagem do rosto sorridente de seu amigo adormido. Assim humanizou a natureza, antropomorfizando-a a seu modo, em pura singeleza e inconsciência: vertia em suas formas frescas, qual substância de vida, a ternura paterno-maternal que, ao contato de um semelhante, nele brotara e, sem dar por isso, vislumbrou vagamente a Deus, que do céu lhe sorria com sorriso de semelhante humano.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAL, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: tempo de crise**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 9. (Mar de História, 9).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

O MENDIGO E A DONZELA ORGULHOSA**Rainer Maria Rilke**

Sucedeu que nós dois — o sr. professor e eu — testemunhamos este pequeno acontecimento. Perto de nossa casa, à beira do bosque, aparece de quando em quando um velho mendigo. Hoje esteve lá de novo, mais pobre e miserável do que nunca, indistinguível quase, graças a um compassivo mimetismo, dos sarrafos da carcomida cerca onde se encostava. De repente uma meninazinha aproximou-se dele para dar-lhe um tostão. O que fazia nada tinha de admirável; surpreendente era apenas o modo por que o fazia. Fez uma mesura, bem direito, deu o presente ao velho, depressa, como para evitar que outros vissem, fez outra mesura, e lá se foi — mas essas duas mesuras eram dignas pelo menos de um imperador.

O sr. professor estava particularmente aborrecido. Quis logo dirigir-se ao mendigo, sem dúvida para enxotá-lo de perto da cerca, pois, como se sabe, pertencia ao comitê da associação de caridade e tinha forte aversão à mendicância nas ruas. Detive-o.

— Estes homens são auxiliados por nós, até abastecidos, pode-se dizer — afirmou com veemência. — O fato de se atreverem a mendigar nas ruas é simplesmente desaforo!

— Ilustre sr. professor — procurei tranquilizá-lo, mas ele continuava a puxar-me para a beira do bosque. — Ilustre sr. professor — pedi-lhe —, tenho uma história para lhe contar.

— Com tanta pressa? — perguntou-me, mordaz.

“Não é de estranhar que os homens que entoavam esse poema tivessem sido empolgados por uma precipitação, uma vontade de amontoar todas as festas naquele hoje, a única rocha sobre a qual vale a pena construir? Assim se pode explicar o tumulto nos quadros dos pintores florentinos, que diligenciavam reunir numa só pintura todos os seus príncipes, suas mulheres e seus amigos; pintava-se devagar, e ninguém podia saber se no momento do próximo quadro todos eles seriam ainda tão jovens, coloridos e unidos. Esse espírito da impaciência exprimia-se naturalmente com mais clareza nos moços.

“Os mais brilhantes destes últimos, sentados, após um banquete, no terraço do Palazzo Strozzi, conversavam dos jogos que iam ser realizados proximamente diante da Igreja da Santa Croce. Um pouco à parte, numa *loggia*¹⁹, estava Palla degli Albizzi com seu amigo Tomaso, o pintor. Pareciam discutir com animação cada vez mais viva, até que Tomaso exclamou: — ‘Isto nunca farás, aposto que não o farás!’ Nisto os outros se voltaram para eles. — ‘De que se trata?’ — perguntou Gaetano Strozzi, aproximando-se com alguns companheiros. — ‘Palla pretende — explicou — ajoelhar-se, durante a festa, aos pés de Beatrice Altichieri, a altiva, pedindo-lhe permissão para lhe beijar a poeirenta bainha do vestido.’ Todos riram, e Leonardo, da família Ricardi, observou: — ‘Palla há de pensar, antes; ele bem sabe que as mais formosas damas têm para ele um sorriso que ninguém lhes vê para os outros.’

“O outro acrescentou: — ‘Beatrice, aliás, é tão moça ainda! Os seus lábios são de uma infantil dureza que lhes impede sorrir. Por isso é que parece tão altiva!’ — ‘Não — replicou Palla degli Albizzi com exagerada veemência. — Se ela é altiva, isso não é culpa da sua mocidade. É altiva

Mas tão rápida nos foge!/ Sejamos alegres hoje,/ Do amanhã saber quem há-de?”

19 Loggia: galeria. (Em italiano, no texto.)

como uma pedra nas mãos de Miguel Ângelo, altiva como uma flor em imagem da madona, altiva com um raio de sol que atravessa diamantes...’ Gaetano Strozzi interrompeu-o com certa severidade: — ‘E tu, Palla, não és altivo, tu também? Ouvindo-te, tenho a impressão de que desejas colocar-te entre os mendigos que, ao toque das ave-marias, aguardam no adro da Santíssima Annunziata que Beatrice Altichieri lhes dê, com os olhos desviados, um soldo.’ — ‘É isso que farei!’ — exclamou Palla com o olhar cintilante; e, acotovelando os amigos, dirigiu-se à escada, onde desapareceu. Tomaso quis correr-lhe atrás. — ‘Deixe-o — conteve-o Strozzi. — Tem de ficar sozinho agora; assim lhe voltará o juízo mais cedo.’ Nisto os moços se espalharam pelo jardim. No adro da Santíssima Annunziata, essa tarde também, uns vinte mendigos esperavam o toque das ave-marias. Beatrice, que os conhecia a todos pelo nome e de vez em quando lhes descia até às pobres moradas, ao pé da Porta de San Niccolò, para visitar as crianças e os doentes, costumava, ao passar por eles, dar a cada um uma moedinha de prata. Naquele dia, parecia estar atrasada; já os sinos tinham chamado, e apenas uns fiozinhos de sua voz pendiam, ainda, das torres sobre o crepúsculo. Os pobres foram tomados de certa inquietação, tanto mais quanto um mendigo novo, desconhecido, se esgueirava nas trevas da porta da igreja. Iam protestar, por inveja, quando uma donzela jovem, de vestido preto quase de freira, apareceu no adro e, retardada pela sua bondade, dirigiu-se a um, depois a outro, enquanto uma de suas companheiras segurava uma bolsa aberta, de onde ela retirava os seus pequenos presentes. Os mendigos caíam de joelhos, soluçavam, e com os seus dedos murchos procuravam tocar, um segundo pelo menos, a cauda do vestido simples de sua benfeitora, ou beijavam-lhe a orla com lábios balbuciantes e úmidos. Chegava Beatrice à extremidade da fila; não faltava nenhum dos pobres seus conhecidos. Foi então que avistou, na sombra da porta, mais uma figura em trapos,

desconhecida, e assustou-se. Era um acontecimento para deixá-la conturbada. Conhecía todos os seus pobres desde criança, e esmolá-los tinha-se tornado para ela coisa natural, como o gesto de mergulhar os dedos na pia de mármore, cheia de água benta, que nos acolhe à entrada de toda igreja. Mas nunca lhe ocorrera pudessem existir mendigos estranhos; como se podia reivindicar o direito de os esmolar também, se a gente não merecera a confiança de sua pobreza por algum conhecimento que dela houvesse? Não seria de uma presunção incrível oferecer esmola a um desconhecido? No conflito desses obscuros sentimentos passou a menina, como se não o tivesse visto, pelo novo mendigo, e pressurosa entrou na igreja alta e fresca. Mas, ao começar as suas devoções, não se lembrava de nenhuma prece. Foi tomada de angústia ao pensar que, terminadas as ave-marias, talvez o pobre não mais se encontrasse à porta da igreja, e que ela não fizera nada para aliviar-lhe a miséria, agora que a noite vinha tão perto, a noite, quando a pobreza é mais desamparada e triste. Fez sinal à companheira que trazia a bolsa e retirou-se com ela em direção à entrada. O adro tinha-se esvaziado, mas o estranho lá estava sempre, encostado a uma coluna, e parecia escutar o canto que, saído embora da igreja, vinha de muito longe, como que do céu. Trazia o rosto quase inteiramente coberto, como fazem os leprosos, que em geral não descobrem suas chagas repugnantes a não ser quando lhes ficamos bem perto e eles estão certos de que compaixão e nojo falam igualmente em seu favor. Beatrice hesitava. Segurava a própria bolsa, onde suas mãos só encontravam umas poucas moedas. De repente, com rápida decisão, aproximou-se do pedinte e disse com voz incerta, algo cantante, sem levantar das mãos os olhos fugitivos: — ‘Sem querer ofender-vos, senhor... parece-me, se bem vos conheço, ter eu uma dívida convosco. Foi vosso pai, se não me engano, que fez em nossa casa a rica balaustrada, aquela de ferro batido, já sabeis, que nos orna a escadaria. Ao depois, um

dia... encontraram no gabinete... onde ele costumava trabalhar... uma bolsa... deve tê-la perdido... com certeza...' Mas a desesperada mentira dos seus lábios vergou-lhe os joelhos diante do estrangeiro. Meteu-lhe à força a bolsa de brocado nas mãos cobertas pelo manto, e balbuciou: — 'Perdoai...' Ainda sentiu que o mendigo tremia. Então, com a companheira assustada, Beatrice refugiou-se na igreja. Pela porta entreaberta jorrava um breve júbilo de vozes. — A história está acabada. Messer Palla degli Albizzi ficou em seus trapos. Distribuiu tudo o que tinha, e, pobre, descalço, lá se foi por esse mundo fora. Dizem que algum tempo depois passou a morar perto de Subiaco."

— Que tempo aquele! — exclamou o sr. professor. — Aliás, de que servia tudo isso? O moço estava caminhando para ser um estroina; esse acontecimento fez dele um vago-bundo, um original. Hoje, decerto, ninguém mais se lembra dele.

— Desculpe — repliquei modestamente —, o nome do moço é lembrado de vez em quando nas igrejas católicas, entre os intercessores, nas grandes ladainhas, pois acabou santo.

As crianças vieram a saber desta história, e pretendem, em que pese ao sr. professor, que nela também figure o bom Deus. Até eu fico surpreso com isso, pois prometera ao sr. professor contar-lhe uma história sem o bom Deus. Mas, naturalmente, as crianças devem sabê-lo.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

A SOMBRA**Hans Christian Andersen**

Nos países tropicais o Sol queima de verdade. A gente fica da cor do mogno, e nas regiões mais quentes as pessoas se tostem de tal maneira que até se tornam negras. Ora, foi a um desses países tropicais que chegara um homem sábio, vindo das terras frias. Pensava ele que podia, aí, andar de um lado para outro, como fazia na sua terra natal; mas logo teve de se convencer do contrário. Como todas as pessoas prudentes, ele tinha de passar o tempo dentro de casa. As venezianas e as portas permaneciam fechadas o dia inteiro; a casa toda parecia dormir ou estar deserta. A rua estreita, de casas altas, onde residia, era construída de modo que o Sol batia ali da manhã até o anoitecer; era, realmente insuportável! O sábio das terras frias — homem jovem e muito inteligente — tinha a impressão de estar num forno em brasa; aquilo fazia-lhe mal; emagrecia; até a sua sombra encurtava, ficava muito menor do que na sua terra; e o Sol atormentava-o. Só principiava a reanimar-se quando, caindo a noite, o Sol desaparecia.

Dava gosto ver: mal traziam o lume para a sala, a sombra se estendia pela parede acima, e projetava-se até o teto tão comprida ficava; era preciso espreguiçar-se bastante para lhe voltarem as forças. O homem ia até à varanda a espairecer, e, quando as estrelas surgiam no ar claro e agradável, era como se ele se reanimasse. Em todas as varandas da rua — nos países quentes há uma varanda diante de cada janela — aparecia gente, pois é necessário respirar um ar fresco, mesmo aos que são da cor do mogno. Tudo se animava, então. Sapateiros e alfaiates, todo o mundo se mudava para o meio da rua; apareciam mesas e cadeiras,

e o lume ardia, milhares de lumes, e um falava, outro cantava, alguns passeavam, as carruagens rodavam, os burros andavam — tlim, tlim, tlim — ao toque das campainhas; levavam-se cadáveres para o cemitério ao som de cantos religiosos, os garotos soltavam bombas cabeça de negro, os sinos tocavam; havia na rua uma vida movimentada. Somente na casa situada bem em frente àquela onde residia o sábio estrangeiro tudo era quieto. Entretanto, ali morava alguém, pois viam-se flores na varanda; cresciam bem ali, e isto seria possível sem que alguém as regasse; deveria, pois, haver gente ali. A porta abria-se ao cair da noite, porém lá dentro era escuro, pelo menos na sala da frente. Ouvia-se música, vinda de trás. O sábio estrangeiro achava-a maravilhosa; mas é bem possível que só tivesse tal impressão por achar tudo maravilhoso naquelas terras quentes — tudo, menos o Sol. O encarregado da casa onde residia o estrangeiro disse que não sabia quem morava na casa do outro lado da rua, pois lá nunca se via ninguém; quanto à musica, julgava-a muito monótona.

— É como se alguém estivesse estudando sempre a mesma melodia, sem jamais conseguir aprendê-la. — “Vou aprendê-la” — parece dizer, mas não o consegue, por mais que toque.

Dormia o estrangeiro com a porta da varanda aberta. Uma noite, despertando, viu a cortina a levantar-se, batida pelo vento, e pareceu-lhe vir da varanda do outro lado um brilho estranho. As flores brilhavam como chamas das mais variadas cores, e no meio das flores encontrava-se uma esbelta e linda jovem. Era como se ela também brilhasse. O sábio sentia doer-lhe a vista; e não era de admirar, pois arregalava muito os olhos, mal saído do sono. Dum salto estava ele no meio do quarto, e muito de manso se aproximou da cortina; mas a jovem desaparecera e com ela se fora todo o brilho. As flores não resplandeciam, mas achavam-se ali, como de costume. A porta estava entreaberta, e dos fundos vinha a música, suave e bela. Aquilo

dava que pensar. Parecia sacrilégio. Afinal, quem morava ali? Onde era a entrada? Todo o andar térreo era ocupado por lojas, e evidentemente nem sempre se poderia passar pelas lojas.

Uma noite, achava-se o estrangeiro sentado em sua varanda; na sala, atrás dele, ardia uma vela, e era, portanto, muito natural que sua sombra se projetasse na parede da casa do outro lado. Lá estava ela, sentada entre as flores da varanda, e, quando o estrangeiro se movia, a sombra mexia-se também, como é seu hábito.

— Creio que a minha sombra é a única coisa viva que se vê lá do outro lado — disse o sábio. — Vejam só como está sentada no meio das flores! A porta está entreaberta. Ela devia aproveitar a ocasião para entrar, olhar lá por dentro e depois vir contar-me o que viu. É, você bem poderia fazer alguma coisa útil — disse brincando. — Faça o favor de entrar! Então, vai ou não vai?

E acenou com a cabeça para a sombra, e a sombra acenou para ele.

— Pois então vá; mas tome cuidado, não vá perder-se!

O estrangeiro levantou-se, e a sombra, na varanda lá do outro lado, também se levantou; ele voltou-se, e a sombra também. E, se alguém houvesse observado com atenção, teria visto, bem claro, que a sombra entrara pela porta meio aberta da varanda do outro lado da rua, exatamente no mesmo instante em que o estrangeiro entrou no seu quarto e deixou cair a cortina atrás de si.

Na manhã seguinte saiu o estrangeiro para tomar café e ler os jornais. — “Que é isto?” — disse ao chegar à rua, banhada de sol. — “Onde está minha sombra? Então foi mesmo embora ontem à noite e não voltou mais? Que coisa aborrecida!” Sentia-se incomodado, não tanto porque a sombra tinha ido embora, mas por saber que havia uma história dum homem sem sombra, que todos lá nos países frios conheciam; e, se agora fosse contar a sua história,

diriam que não passava de um plágio — coisa que ele queria evitar. Resolveu, então, nada dizer a esse respeito, no que andou muito acertado.

À noite, sentou-se, outra vez, em sua varanda. Pôs o lume direitinho atrás de si, pois sabia que a sombra sempre gosta de que o dono lhe sirva de proteção contra a luz. Não conseguiu, porém, atrair a sombra. Tentava fazer-se pequeno, ou grande, mas não havia sombra; fazia — Hum! hum! — e nada adiantava.

Era uma coisa aborrecida, mas nos países quentes tudo cresce muito depressa, e depois de uns oito dias ele percebeu, com vivo prazer, que uma nova sombra começava a crescer das suas pernas, quando andava ao Sol; a raiz, evidentemente, ficara. Três semanas quando andava ao sol; a raiz, evidentemente, ficara. Três semanas após, tinha uma sombra bem regular, e quando partia para os países do norte, ela crescia durante a viagem; no fim, era tão comprida, tão grande, que a metade seria bastante.

O sábio chegou à sua terra, e pôs-se a escrever livros sobre tudo que havia de verdadeiro no mundo, e sobre o que havia de bom e o que havia de belo. E passaram-se os dias e os anos, passaram-se muitos anos.

Certa noite estava ele sentado no seu quarto, quando alguém lhe bateu à porta.

— Entre!

Mas ninguém entrou. Foi abrir, e à sua frente se achava um homem tão estranhamente magro que ele ficou todo sem jeito. Porém o homem vestia-se bem; deveria ser pessoa importante.

— Com quem tenho a honra de falar? — perguntou o sábio.

— Eu bem desconfiava — disse o homem elegante — que o senhor não me reconheceria! Arranjei bastante corpo, carne e roupas. Decerto o senhor nunca esperou ver-me em tão boas condições. Então não conhece a sua velha som-

bra? Provavelmente pensava que eu jamais voltasse. Para mim as coisas correram muito bem desde que pela última vez estive em sua companhia. Sob todos os aspectos, fui muito bem-sucedido! Se for preciso pagar para me livrar do antigo serviço, posso fazê-lo!

E fez tinir uma porção de medalhas e sinetes que lhe pendiam do relógio, e pôs a mão numa grossa corrente de ouro que trazia ao pescoço. E como os seus dedos resplandeciam de anéis de brilhantes! e tudo era verdadeiro!

— Não posso compreender — declarou o sábio. — Que significa tudo isso?

— Bem, não é um acontecimento comum — respondeu a sombra —, mas o senhor também é uma coisa fora do comum, e, como sabe, desde a minha infância tenho acompanhado os seus passos. Assim que o senhor julgou que eu estava suficientemente preparado para enfrentar a vida, seguiu o meu próprio caminho; agora estou em ótimas condições. Porém me sobreveio uma espécie de saudade, um desejo de vê-lo antes que o senhor morresse, que o senhor há de morrer um dia! Também queria rever estas terras, pois a gente gosta do lugar onde nasceu. Soube que o senhor arranjou outra sombra. Se tenho alguma coisa que pagar a ela, ou ao senhor, queira-me dizer.

— Mas é mesmo você? — perguntou o sábio. — Coisa esquisita! Nunca pensei que minha velha sombra havia de voltar em forma de homem!

— Diga-me o que tenho de pagar — insistiu a sombra. — Não desejo ficar devendo coisa alguma.

— Como pode falar assim? — retrucou o sábio. — Como é possível, entre nós, tratar-se de dívida? Sua boa sorte me alegra imenso. Sente-se, meu velho amigo, e conte-me tudo o que houve, e que viu na casa do outro lado da rua, naquela terra quente.

— Contarei tudo — afirmou a sombra, sentando-se —, desde que me prometa nunca dizer a ninguém, aqui na

cidade, onde quer que me encontre, que eu fui sua sombra. Estou em véspera de noivar; acho-me em condições de sustentar até mais de uma família.

– Fique descansado – disse o homem. – A ninguém direi que é realmente você. Aqui tem minha mão: um homem, uma palavra.

– Uma palavra, um sombra – disse a sombra.

Era a sua maneira de falar.

Aliás, era extraordinário como se tornara, em tudo, um homem. Trajava roupas pretas das mais finas, trazia sapatos de verniz e uma cartola das mais modernas, para não falar no que já sabemos – sinetes, medalhas, corrente de ouro e anéis de brilhantes. Sem dúvida a sombra estava muito bem vestida, e era isso justamente que a transformara tão por inteiro num homem.

– Vou contar – disse ela.

E pousou os pés, com os sapatos de verniz, bem pesadamente, na manga da nova sombra do sábio, a qual jazia a seus pés como um cão de fila. Assim fez, ou de orgulhosa ou para experimentar se a nova sombra poderia ficar colada a ela. Mas a nova sombra continuou deitada ali, muito quieta, imóvel, para escutar bem: queria saber como poderia alcançar a liberdade e ficar senhora do seu nariz.

– Sabe quem morava na casa do outro lado da rua? – disse a primeira sombra. – A mais bela de todas as criaturas: a Poesia! Fiquei lá durante três semanas, e foi como se estivesse vivido três mil anos e lido tudo quanto já se escreveu em prosa e verso; isto eu afirmo, pois que é a verdade. Vi tudo e sei tudo!

– A Poesia! – exclamou o sábio. – Sim, sim, muitas vezes leva ela a vida de um emitão no meio das grandes cidades. A Poesia! Sim, vi-a por um breve instante; porém meus olhos estavam cheios de sono. Ela encontrava-se na varanda e brilhava como a aurora boreal. Conte-me, con-

te-me tudo! Você estava na varanda, entrou pela porta, e então?

— Então cheguei à antessala — declarou a sombra. — O senhor se mantinha sentado olhando para a antessala. Não havia luz alguma, era como um crepúsculo; mas uma porta em frente da outra estava aberta para uma longa fila de salas e quartos. Lá dentro, tudo era tão iluminado que eu teria morrido de tanta luz se houvesse entrado até onde achava a jovem. Mas tive calma, não me precipitei; é sempre bom conservar a calma.

— E o que viu você, então? — perguntou o sábio.

— Vi tudo, e vou-lhe contar; mas — não é orgulho de minha parte —, livre como estou, e com os conhecimentos que tenho, para não falar da minha boa colocação, das minhas ótimas condições de vida, eu gostaria que não me tratasse por “você”!

— Oh, desculpe! — replicou o sábio. — É um velho hábito que ainda permanece. O senhor tem toda a razão! Vou ter cuidado com isso! Mas agora conte-me tudo o que viu!

— Tudo — disse a sombra —, pois vi tudo e sei tudo!

— Como era nas salas mais para dentro? — perguntou o sábio. — Era como na verde floresta? Era como numa santa igreja? As salas eram como o céu estrelado para quem está no alto das montanhas?

— Havia de tudo ali! — respondeu a sombra. — É verdade que não fui até os compartimentos mais interiores; fiquei na antessala, na penumbra. Lá me senti muito bem; vi tudo e sei tudo. Estive na corte da Poesia, na antessala.

— Mas que viu o senhor? Os deuses da antiguidade passeavam pelas salas? Os grandes heróis do passado lutavam lá? Havia lá crianças brincando e contando seus sonhos?

— Como lhe estou dizendo, estive lá, e o senhor deve

compreender que vi tudo o que havia. Se o senhor tivesse ido lá, não se teria tornado homem como eu me tornei! E, além disso, cheguei a conhecer a minha natureza íntima, as minhas qualidades inatas, o meu parentesco com a Poesia. Quando estava na companhia dela, não pensava nisto. No entanto, como o senhor sabe, sempre que o Sol se levantava ou descia, eu ficava muito grande, e ao luar eu era quase mais compacta do que o senhor. Naquele tempo não conhecia a minha própria natureza; mas na antessala da Poesia logo a compreendi. Tornei-me homem! Saí de lá maduro; mas já o senhor não estava nas terras quentes. Como homem, eu tinha vergonha de andar daquela maneira. Precisava de sapatos, de roupas, de todo esse verniz, enfim, que faz reconhecer o homem. Fugi — bem, ao senhor posso contá-lo, pois estou certo de que vai publicar isto no jornal —; fugi, e escondi-me debaixo da saia da vendedora de doces, na rua. A mulher não sabia o que guardava debaixo da saia. Só à noite saí do meu esconderijo. Andei correndo pela rua ao luar. Fiz-me comprido, encostado à parede; dá umas cócegas gostosas pelas costas. Subia, descia; espiei pelas janelas mais altas, nas salas e nos sótãos; espiei onde ninguém podia espiar, e vi o que nenhuma outra pessoa poderia e o que ninguém devia ver. Na verdade é um mundo muito reles este em que vivemos; eu não queria ser homem, se não considerassem grande coisa sê-lo. Vi as coisas mais incríveis entre as mulheres e os homens, entre pais e filhos; vi coisas más na casa do vizinho, coisas que ninguém podia, mas que todos têm tanta vontade de saber. Tivesse eu escrito um jornal, e se teria tornado o mais lido do mundo. Mas eu escrevia diretamente às pessoas, e produzia-se um rebuliço enorme em todas as cidades por onde eu passava. Tinham-me grande medo, mas gostavam muito de mim! Os professores fizeram-me professor; os alfaiates davam-me roupas novas, de maneira que estou muito bem-provido. Os homens da Casa da Moeda faziam dinheiro novo para mim, as mulhe-

res achavam que eu era tão bonito! Foi assim que me tornei o homem que sou. Por enquanto, adeus! Aqui está o meu cartão. Moro ao lado do Sol e estou sempre em casa quando chove.

– Coisa estranha! – exclamou o sábio.

Passaram-se os dias; um ano passou antes que a sombra voltasse.

– Como vai? – perguntou ela.

E o sábio respondeu:

– Escrevo sobre o que é verdadeiro, bom e belo, mas ninguém quer ouvir falar de tais coisas; estou muito desanimado, pois isso me aborrece tanto!

– Comigo não é assim – afirmou a sombra. – Estou engordando, e é disso que a gente precisa. O senhor não compreende o mundo! Está ficando doente! Precisa viajar. Vou fazer uma viagem no próximo verão; quer vir comigo? Gostaria de ter um companheiro. Quer-me acompanhar como minha sombra? Terei muito prazer em levá-lo comigo; pago a viagem.

– O senhor quer muita coisa! – disse o sábio.

– Depende – retrucou a sombra. – A viagem lhe fará muito bem. Se quiser ser minha sombra, terá tudo de graça.

– É muita arrogância! – exclamou o sábio.

– O mundo é assim – replicou a sombra –, e assim continuará a ser.

E foi-se embora.

O sábio não estava passando bem. Vivia atormentado de tristezas e preocupações, e o que ele dizia sobre as coisas verdadeiras, boas e belas era, para a maioria dos homens, como rosas para uma vaca. Acabou ficando enfermo de verdade. – “O senhor parece uma sombra” – diziam-lhe os amigos. E o sábio assustava-se quando isso ouvia, pois tinha lá os seus pensamentos.

— O senhor precisa fazer uma estação de águas — declarou a sombra quando veio visitá-lo. — Não há outro remédio. Em vista da nossa antiga amizade, vou levá-lo comigo. Pagarei a viagem, e dela o senhor fará descrições, que servirão para me entreter no caminho. Preciso ir às águas, pois minha barba não quer crescer direito; isso também é uma doença, porque a gente precisa de barba. Tome juízo e aceite a minha oferta. Viajaremos como amigos.

Partiram. A sombra passou a ser o patrão, e o patrão a ser a sombra. Andavam juntos de carro, a cavalo e a pé. Seguiam lado a lado ou um à frente do outro, conforme a posição do Sol. A sombra tomava todo o cuidado em sempre se conservar no lugar do patrão. O sábio não ligava importância: era um bom coração, e muito amável. Um dia, falou à sombra:

— Como agora nos tornamos companheiros de viagem, e como temos estado juntos desde a infância, não será melhor que nos tratemos de “você”? É mais íntimo!

— A ideia não é má! — respondeu a sombra, que era agora o verdadeiro patrão. — Como o senhor é tão franco e sincero, serei também franco e muito sincero. O senhor, que é sábio, sabe decerto como a natureza é às vezes esquisita. Há pessoas que não suportam tocar num papel cinzento; isso lhes faz mal. Para outros é uma tortura quando alguém arranha uma vidraça com um prego. Eu tenho uma sensação parecida ao ouvi-lo chamar-me “você”; sinto-me como esmagado e rebaixado à minha posição primitiva. O senhor compreende, é uma coisa que sinto; não é orgulho. Não posso consentir em que me trate por “você”; mas eu, por minha parte, tratá-lo-ei assim. Desta maneira, sempre satisfação pela metade o seu desejo.

E daí por diante a sombra passou a tratar o seu antigo patrão por “você”. — “Já é demais” — pensou ele. — “Eu digo ‘o senhor’, e ele me responde com um ‘você.’” Mas agora tinha de ser assim.

Chegaram, afinal, à estação de águas, onde havia muitos estrangeiros, e entre eles a filha de um rei, a qual sofria duma doença muito grave: enxergar demais.

Percebeu ela, sem demora, que o homem que acabara de chegar era uma pessoa inteiramente diversa de todas as outras.

– Dizem que ele está aqui para fazer a barba crescer; porém já sei a verdadeira causa: ele não tem sombra!

Ficou muito curiosa, e logo no primeiro passeio pegou a conversar com o recém-chegado. Filha de rei, como era, não precisava de fazer muitas cerimônias, e foi dizendo à queima-roupa:

– Sua doença é não ter sombra!

– V. A. já deve estar muito melhor – a sombra replicou. – Bem sei que seu mal é enxergar demais. Mas esse mal evidentemente desapareceu; já está boa. Pois saiba que eu tenho justamente a mais extraordinária das sombras. Então V. A. não vê sempre a pessoa que sempre me acompanha? Outros homens têm sempre uma sombra comum; mas eu não gosto das coisas comuns. Para a libré do criado a gente costuma usar tecidos melhores do que para si mesmo; assim, eu fiz minha sombra ficar homem e, como vê, até lhe dei uma sombra própria. É muito dispendioso, mas gosto das coisas fora do comum.

– “O quê?” – pensou a princesa. – “Estarei mesmo curada? Não há estação de águas como esta! Em nossos dias a água possui forças maravilhosas. Mas não irei embora, pois a coisa agora vai ficar divertida. Gosto imensamente desse estrangeiro. Tomara que a sua barba não cresça, para ele não ir embora.”

À noite a princesa dançou com a sombra, no grande salão de baile. Ela era leve, porém ele ainda mais; nunca tivera ela parceiro semelhante. Disse o país onde nasceu, e ele conhecia o país; estivera lá, mas então ela não estava. Tinha espiado pelas janelas para cima e para baixo, e vira

as coisas mais estranhas, e por isso sabia responder à princesa e fazia insinuações que a encheram de espanto. Ele devia ser o homem mais sábio deste mundo. Apoderou-se dela um enorme respeito a este saber, e, quando dançavam pela segunda vez, apaixonou-se por ele. A sombra percebeu isto; a princesa quase a atravessava com o olhar. Dançaram ainda uma vez, e a moça ia-lhe confessar o seu amor; mas era prudente e pensou na sua terra, no seu reino e em todos os homens que ia governar. — “É um homem sábio” — disse consigo —, “isto é bom; dança admiravelmente, e isto também é bom. Mas terá conhecimentos profundos? Pois também são necessários. Temos de examiná-lo”. Começou, então, a fazer-lhe as perguntas mais difíceis, a que ela própria não sabia responder. A sombra fez uma cara muito esquisita.

— A isto o senhor não sabe responder — disse a princesa.

— São coisas de crianças — declarou a sombra. — Creia que até minha sombra, ali à porta, sabe responder a isso.

— Sua sombra! — exclamou a princesa. — Seria muito estranho.

— Bem, não garanto — disse a sombra —, mas creio que ela sabe. Há muitos anos que me acompanha, e ouve tudo com extrema atenção, de modo que eu penso que ela sabe responder. Mas permita V. A. que lhe chame à atenção para uma coisa: ela tem tanto orgulho de ser considerada homem que é preciso tratá-la como homem para fazê-la ficar de bom humor, e é preciso que ela esteja de bom humor para dar boas respostas.

— Está bem — afirmou a princesa.

Dirigiu-se então ao sábio, que estava junto à porta de entrada, conversou com ele sobre o Sol a Lua, e sobre os homens, tanto por dentro como por fora, e ele respondeu muito bem e com muita sabedoria. — “Que homem não

deve ser ele para ter uma sombra tão sábia!” — pensou a princesa. — “Seria um verdadeiro benefício para o meu povo e o meu reino, se eu o escolhesse para marido. É o que vou fazer.”

Bem depressa concordaram os dois, princesa e sombra; mas ninguém havia de saber coisa alguma a esse respeito antes de ela chegar ao seu país.

— Ninguém, nem sequer a minha sombra! — assegurou a sombra, que tinha lá as suas razões para isso.

Chegaram ao país onde a princesa governava quando estava em casa.

— Ouça, meu amigo — falou a sombra ao sábio. — Sou agora tão feliz e tão poderoso quanto o pode ser um homem; vou fazer uma coisa especial em seu benefício. Você vai viver sempre comigo, aqui no palácio, andar a passeio comigo, na minha carruagem real, e vai receber cem mil táleres por ano. Não dirá a ninguém que já foi homem, e uma vez por ano, quando eu me sentar ao Sol, na varanda, para ser visto pelo povo, você ficará deitado a meus pés. Como convém a uma sombra. Posso ainda acrescentar-lhe que vou casar com a princesa. O casamento será hoje à tarde.

— Não, isso também é demais — disse o sábio. — Isso não quero e não faço. É enganar ao país inteiro e até à princesa também. Vou dizer tudo: que sou homem, e que tu és apenas uma sombra vestida de homem.

— Ninguém acreditará — objetou a sombra. — Tome juízo, senão chamo a guarda!

— Vou direto à princesa — declarou o sábio.

— Mas eu vou primeiro — comentou a sombra —, e você irá para a prisão.

E para lá foi ele: as sentinelas obedeciam à sombra, pois sabiam que era o desejo da princesa.

— Tremes — disse esta, quando a sombra entrou na

sala. — Que aconteceu? Não vás adoecer agora, que o nosso casamento está marcado para breve!

— Acabo de assistir à cena mais terrível que se pode imaginar — disse a sombra. — Calcula que a minha sombra (o cérebro de uma pobre sombra é realmente muito fraco), a minha sombra enlouqueceu, e está convencida de que ela é o homem e eu — veja só —, eu sou a sombra!

— Que coisa medonha! — exclamou a princesa. — Já mandaste prendê-la?

— Já está presa. Receio que nunca mais se restabeleça.

— Pobre sombra! — lamentou a princesa. — Deve de ser muito infeliz. Seria um verdadeiro benefício livrá-la do pouco de vida que lhe resta. Pensando bem, acho que convém acabar com ela no maior segredo.

— É duro ter de fazer isso — afirmou a sombra. — Tem sido um servo fiel!

E deu um pequeno suspiro.

— És um nobre caráter! — disse a princesa.

À noite havia iluminação de festa na cidade inteira, os canhões atroavam, e os soldados apresentavam armas. Que casamento faustoso! A princesa e a sombra apareceram à varanda do palácio, para o povo pode vê-los e gritar — “Hurra!”

O sábio não ouvia nada de tudo isso: já lhe haviam dado fim.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

UMA ÁRVORE DE NATAL E UM CASAMENTO

Fiodor Dostoiévski

Um dia destes, vi um casamento... mas não, prefiro falar-vos de uma árvore de Natal. Achei o casamento bem bonito, mas a árvore de Natal me agradou mais. Nem sei como, olhando para o casamento, me lembrei da árvore. Eis como o caso se passou.

Há cerca de cinco anos, fui convidado, na véspera de Natal, para um baile infantil. A pessoa que me convidou era um conhecido homem de negócios, cheio de relações e maquinações, assim, não se há de estranhar que o baile infantil servisse apenas de pretexto para os pais se reunirem e, no meio da multidão, se ocuparem dos seus interesses materiais com ar inocente e surpreendido.

Como houvesse chegado ali por acaso e não tivesse nenhum assunto comum com os outros, passei a noite de maneira muito independente. Havia mais um cavalheiro que, como eu, não tinha, decerto, conhecidos no grupo, e participava casualmente da felicidade familiar. Ele deu-me na vista antes de todos. Era um homem alto e magro, muito sério, vestido muito decentemente. Notava-se que a felicidade da família não lhe comunicava a menor alegria; mal se retirava a um cantinho, cessava de sorrir e franzia as sobancelhas espessas e negras. Afora o dono da casa, não conhecia viva alma em todo o baile. Via-se que ele se entediava horrivelmente, mas que resolvera manter até o fim o papel do homem que se diverte e é feliz. Soube depois que era um provinciano vindo à capital a algum negócio importante e complicado. Trouxera carta de recomendação para o nosso hospedeiro, que o protegia, porém não *con*

*amore*²⁰. E o convidara, por cortesia, para o baile infantil. Não jogavam cartas com o provinciano, ninguém lhe oferecia um charuto nem com ele entabulava conversação, talvez porque reconhecessem de longe o pássaro pela plumagem, e, desse modo, o meu cavalheiro via-se obrigado, para ter que fazer das mãos, a alisar a noite inteira as suas suíças. Eram, aliás, umas suíças realmente belas — porém ele as acariciava com tanto zelo que a gente, ao fitá-lo, sentia-se inclinada a pensar que primeiro vieram ao mundo as suíças e só depois o homem, para cofiá-las, inserido entre elas.

Além desse personagem, que tomava parte na felicidade do dono da casa, pai de cinco garotos bem nutridos, do modo que acabo de relatar, outro convivia caíra no meu agrado. Mas este era de aspecto completamente diverso. Era um personagem a quem os outros chamavam Julião Mastakovitch. Percebia-se à primeira vista que era ele o convidado de honra. Estava para o dono da casa como este para o cavalheiro que aflagava as suíças. O dono e a dona da casa falavam-lhe com amabilidade extraordinária, cortejavam-no, enchiam-lhe o copo, amimavam-no, e lhe apresentavam, recomendando-os, vários convidados, ao passo que a ele não o apresentavam a ninguém. Notei até uma lágrima nos olhos do hospedeiro quando Julião Mastakovitch observou que raras vezes passara o tempo de maneira agradável como aquela noite. Comecei a sentir-me acabrunhadíssimo em presença de semelhante figura, e, depois de haver admirado as crianças, retirei-me a um pequeno salão, totalmente vazio, e fui sentar-me sobre o florido caramanchão da dona de casa, o qual ocupava quase a metade de toda a peça.

Eram as crianças incrivelmente gentis, e não queriam, apesar de todas as exortações das mães e das governantas, parecer-se com as pessoas grandes. Num piscar de olhos desmontaram toda a árvore de Natal, e conseguiram

20 *Con amore*: “com amor”. (Em italiano, no texto.)

quebrar a metade dos brinquedos antes mesmo de saber a quem eram destinados. Achei particularmente engraçado um menino de olhos pretos e cabelos frisados que à viva força me queria matar com a sua espingarda de pau. Entretanto, mais que todos, atraía-me a atenção sua irmã, menina de 11 anos, um amor de criança, meiga, cismativa, pálida, com grandes olhos sonhadores à flor do rosto. Parecia que os amiguinhos a tinham ofendido, pois veio ao salão onde eu estava sentado e, a um cantinho, pôs-se a brincar com suas bonecas. Os convidados apontavam, com respeito, um rico negociante, pai da menina, e alguém observou, cochichando, que ela já tinha trezentos mil rublos reservados como dote. Voltei-me para ver quem se interessava por esses pormenores, e o meu olhar caiu sobre Julião Mastakovitch, o qual, de mãos cruzadas atrás das costas e inclinando a cabeça para um lado, parecia acompanhar com particular atenção o mexerico de alguns senhores.

Pouco depois, não pude furtar-me a admirar a sabedoria dos anfitriões na distribuição dos brindes às crianças. A menina que já tinha seus trezentos mil rublos de dote ganhou uma boneca suntuosíssima. Desde então os presentes foram diminuindo de valor, de acordo com a diminuição da importância dos pais daquelas crianças felizes. Afinal, a última, um menino de dez anos, magrinho, baixinho, sardento e ruivo, ganhou apenas um livrinho de contos sobre as maravilhas da natureza, as lágrimas da sensibilidade etc., sem estampas e até sem vinhetas. Filho da governanta dos meninos da casa, uma pobre viúva, era um pequeno muitíssimo encolhido e tímido, metido num pobre paletozinho de nanquim. Recebido o seu livrinho, andou muito tempo à volta dos brinquedos dos outros. Tinha uma vontade imensa de brincar com as outras crianças, mas não se atrevia; claro, já sabia e compreendia sua situação.

Gosto muito de observar crianças. São sobremodo curiosas as suas primeiras manifestações independentes

na vida. Notei, pois, que o menino ruivo se deixava seduzir pelos brinquedos dos outros, sobretudo pelo teatro, em que ele se empenhava para representar um papel qualquer, a ponto de aviltar-se. Pegou a sorrir. Pegou a sorrir para os outros, a cortejá-los, deu a sua maçã a um pequeno gordo que já tinha o lenço cheio de presentes, e até se ofereceu a carregar outro, só para que não o afastassem do teatro. No entanto, poucos minutos após um rapazinho arrogante deu-lhe uma boa surra. O ruivinho nem teve coragem de chorar. Logo apareceu sua mãe, a governanta e ordenou-lhe não se intrometesse nos brinquedos alheios. O menino retirou-se para o salão onde estava a menina bonita. Esta o deixou aproximar-se, e as duas crianças entraram a enfeitar a suntuosa boneca.

Fazia já meia hora que eu estava sentado no caramanchão de hera, e quase adormecera ao zum-zum da conversa entre o ruivinho e a menina dos trezentos mil rublos de dote, que se entretinham a respeito da boneca, quando de repente vi entrar no salão Julião Mastakovitch. Aproveitando a distração dos presentes com uma briga surgida entre as crianças, saíra do salão principal sem fazer barulho. Notara eu, poucos minutos antes, que ele mantinha animada palestra com o pai da futura noiva rica, a quem mal acabara de conhecer, explicando-lhe as vantagens de qualquer emprego público sobre os demais. Parou à porta, tomando de hesitação, e parecia calcular alguma coisa nas pontas dos dedos.

— Trezentos... trezentos — murmurava. — 11... 12... 13... até 16, são cinco anos!... Façamos de conta que sejam quatro por cento, são 12... cinco vezes 12, sessenta; estes sessenta... bem, calculados por alto, ao cabo de cinco anos serão quatrocentos. Está certo... Mas naturalmente o malandro não os terá colocado a quatro por cento! Talvez receba oito ou até dez por cento. Suponhamos que sejam quinhentos, no mínimo, sim, quinhentos mil, na certa... o excedente gasta-se no enxoval, hum...

Acabou a meditação, assoou-se, e indo a sair do salão, súbito avistou a menina e estacou. Como eu estivesse assentado atrás dos vãos de flores, não me pôde ver. Tive a impressão de que o homem se achava muito excitado. Seria o cálculo que operava esse efeito sobre ele, ou outro motivo qualquer? Não sei; seja como for, o certo é que esfregava as mãos e não conseguia permanecer no mesmo lugar. Quando a sua agitação chegou ao cúmulo, parou um instante e lançou um segundo olhar, muito resoluto, à futura noiva. Quis aproximar-se dela, mas primeiro olhou em redor. Depois, como quem tem sentimentos criminosos, aproximou-se da criança nas pontas dos pés. Com um sorrisinho nos lábios, inclinou-se para ela e beijou-a na testa. A menina, não esperando a agressão, gritou assustada.

— Que é que você está fazendo aqui bela menina? — perguntou ele em voz baixa.

E, olhando em torno de si, deu-lhe uma palmadinha no rosto.

— Estamos brincando...

— Com ele? — disse Julião Mastakovitch fitando o menino de esguelha.

E logo acrescentou:

— Escuta, meu amigo, por que não vais para o salão?

O menino fitava-o sem falar, de olhos arregalados. Julião Mastakovitch olhou de novo em redor e aproximou-se outra vez da pequena.

— Que é que você tem aí, bela menina? Uma bonequinha?

— Uma bonequinha — respondeu a criança de cara fechada, cabisbaixa.

— Uma bonequinha... Mas você sabe, gentil menina, de que é feita a bonequinha?

— Não sei... — cochichou a pequena, abaixando ainda mais a cabeça.

— De trapos, minha alma... Mas tu, meu filho, deverias ir para o salão brincar com teus camaradas — disse Julião Mastakovitch encarando o menino com seriedade.

As duas crianças franziram a testa e agarraram-se pela mão. Não queriam separar-se.

— Sabe você por que lhe deram essa bonequinha? — perguntou Julião Mastakovitch baixando cada vez mais a voz.

— Não.

— Porque você é uma criança boa e se comportou bem a semana toda.

Perturbado a mais não poder, Julião Mastakovitch lançou mais uma vez um olhar em roda, e baixou a voz de modo que a sua pergunta, formulada em tom impaciente e embargada pela emoção, saiu quase imperceptível:

— Diga-me, gentil menina: você gostará de mim se eu fizer uma visita a seus pais?

Havendo proferido tais palavras, Julião Mastakovitch quis beijar a pequena mais uma vez; mas o menino ruivo, vendo-a prestes a romper no choro, puxou-a pela mão e, compadecido, começou ele próprio a choramingar.

Dessa vez Julião Mastakovitch aborreceu-se deveras.

— Vá-te embora — disse ao menino. — Vai para a sala brincar com os teus camaradas.

— Não vá, não — protestou a menina. — Você é que deve ir-se embora. Deixe-o aqui, deixe-o — disse quase soluçando.

Alguém fez barulho à porta. Assustado, Julião Mastakovitch ergueu no mesmo instante o corpo majestoso. O menino ruivo, porém, assustou-se ainda mais do que ele, largou a mão da menina e, devagarinho, roçando a parede, caminhou do salão à sala de jantar. Para não despertar suspeitas, Julião Mastakovitch também passou à sala de jantar. Estava vermelho feito uma lagosta e, mirando-se ao espe-

lho, parecia até envergonhado de si mesmo, talvez arrependido da sua sofreguidão. Teria sido o cálculo feito na ponta dos dedos que o arrebatara a ponto de inspirar-lhe, apesar de toda a sua seriedade e gravidade, um procedimento de criança? Aproximava-se de chofre do seu objetivo, embora este não viesse a tornar-se um objetivo real antes de cinco anos, no mínimo.

Acompanhei o respeitável cavalheiro à sala de jantar, e ali testemunhei um espetáculo curioso. Rubro de raiva e despeito, Julião Mastakovitch perseguia o menino ruivo, o qual, recuando cada vez mais, já não sabia para onde correr:

— Sai daqui? Que diabo vens fazer aqui, velhaco? Vieste roubar frutas, hem? Vieste? Fora daqui, patife! Vai, fedelho, procura os teus camaradas!

Espantado, o pequeno recorreu a um expediente extremo: foi esconder-se debaixo da mesa. Então o seu seguidor, no auge da excitação, puxou do bolso o grande lenço de batista e, brandindo-o, procurou enxotar o menino do seu esconderijo. Este se encolhia caladinho, sem se mexer. Cumpre observar que Julião Mastakovitch era um tanto gordo: rapaz bem nutrido, corado, barrigudo, de pernas robustas — em uma palavra, como se costuma dizer, redondo e forte como uma noz. Suava, enrubescia, arfava terrivelmente. Estava exasperado por um sentimento de indignação e, quem sabe, de ciúme.

Não pude conter uma gargalhada, Julião Mastakovitch virou-se e, a despeito de toda a sua importância, ficou mortalmente acanhado. Neste instante, na porta oposta, apareceu o dono da casa. O ruivinho saiu logo do esconderijo e pôs-se a limpar os joelhos e os cotovelos. Julião Mastakovitch, com um gesto rápido, levou ao nariz o lenço que tinha na mão, seguro por uma das extremidades.

O dono da casa fitava-nos aos três, perplexo; mas, como homem que conhece a vida e a considera pelo lado

sério, resolveu aproveitar a circunstância de encontrar-se quase a sós com o seu hóspede.

— É este o menino — disse indicando o ruivinho — que tive a honra de lhe recomendar...

— É? — respondeu Julião Mastakovitch, que ainda não voltara inteiramente a si.

— É filho da governanta de meus filhos — proseguiu o dono da casa em tom de solicitação —, uma senhora pobre, viúva de um funcionário honesto; portanto, Julião Mastakovitch... se for possível...

— Mas não é! — exclamou sem demora Julião Mastakovitch. — Perdoe-me, Filipe Alexeievitch, é totalmente impossível. Pedi informações... No momento não há vaga, e, ainda que houvesse, já se têm dez candidatas, cada um mais qualificado que este... Sinto muito... muitíssimo...

— É pena — disse o dono da casa — É um menino bonzinho, modesto...

— Pelo que vejo, é um grandíssimo vadio — estourou Julião Mastakovitch, com uma cara histérica. — Sai daí, menino. Que é que tu queres aí? Vai brincar com teus camaradas — disse ainda, voltando-se para o ruivinho.

Não conseguindo mais conter-se, olhou para mim de soslaio. Por minha vez, não pude deixar de lhe rir deliberadamente nas barbas. Ele desviou de mim os olhos, e em voz alta perguntou ao dono da casa quem era aquele rapaz esquisito. Saíram os dois da sala cochichando. Vi que Julião Mastakovitch, ouvindo as explicações de seu hospedeiro, abanava a cabeça, meio desconfiado.

Ri a bom rir com os meus botões, e voltei ao salão. Rodeado de mães, de papais e dos donos da casa, o grande homem explicava alguma coisa com muito calor a uma senhora a quem acabavam de apresentá-lo. Esta seguira pela mão a menina com quem, dez minutos antes, Julião Mastakovitch representara a sua cena no pequeno salão. Agora ele estava-se derramando em extáticos elogios

à beleza, aos talentos, à graça e à boa educação da gentil menina. Manifestamente engodava a mamãezinha, que o escutava quase com lágrimas de enlevo. Os lábios do pai sorriam. O dono da casa alegrava-se com essas alegres efusões. Os próprios convidados tomavam parte no júbilo; até os brinquedos das crianças foram suspensos para não se perturbar a conversa. Era uma atmosfera quase religiosa. Logo depois, ouvi a mãe da interessante pequena, comovida até o fundo da alma, pedir a Julião Mastakovitch, com expressões escolhidas, que lhe desse a subida honra de distinguir-lhe a casa com sua preciosa visita, e ele aceitou o convite com entusiasmo; enfim, ouvi os demais convidados, no momento da despedida, expandirem-se, como o exigiam as conveniências, em louvores comovidos ao rico negociante, a sua mulher e a sua filha, e principalmente a Julião Mastakovitch.

— É casado esse cavalheiro? — perguntei em voz quase alta a um conhecido que estava mais perto dele.

Julião Mastakovitch enviou-me um olhar indagador e feroz.

— Não — disse-me o meu conhecido, profundamente penalizado com a leviandade que eu de propósito cometera.

Passava eu, há pouco tempo, em frente à igreja de ***, quando um grande ajuntamento me despertou a atenção. Em redor falava-se de um casamento. O dia estava nublado, começava a choviscar; entrei na igreja abrindo caminho através da multidão. Logo avistei o noivo. Era um rapaz baixo, gordo, bem-nutrido, de ventre ponderável, muito enfeitado, que corria para todos os lados, se agitava sem parar, dava ordens. Enfim, levantou-se um murmúrio de vozes anunciando a chegada da noiva. Fendi a turba de curiosos e vi uma jovem de admirável beleza, para quem a primavera apenas começava. Mas estava pálida e parecia triste a linda noiva. Olhava distraída e tinha os olhos ver-

melhos, o que me deu impressão de lágrimas recentes. A severidade clássica de suas feições emprestava-lhe à beleza uma expressão algo solene. Através daquela severidade, daquela gravidade, de toda aquela tristeza, transpareciam os traços de uma criança inocente, algo de incrivelmente ingênuo, juvenil e ainda não formado, que parecia, sem palavras, implorar piedade.

Ouvi observar que ela mal acabava de completar 16 anos. Examinando atento o noivo, nele reconheci Julião Mastakovitch, que eu não via desde cinco anos. Olhei para ela... Meu Deus! Fendi a multidão outra vez para sair da igreja o mais breve possível. Ainda ouvi um espectador dizer que a noiva era rica, que tinha quinhentos mil rublos de dote... e não sei mais quanto para o enxoval.

– “Então o cálculo era justo” – disse comigo.

E saí para a rua.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o romantismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 3. (Mar de História, 3).

O EMPRÉSTIMO

Machado de Assis

Vou divulgar uma anedota, mas uma anedota no genuíno sentido do vocábulo, que o vulgo ampliou às historietas de pura invenção. Esta é verdadeira; podia citar algumas pessoas que a sabem tão bem como eu. Nem ela andou recôndita, senão por falta de um espírito repousado, que lhe achasse a filosofia. Como deveis saber, há em todas as cousas um sentido filosófico. Carlyle²¹ descobriu o dos coletes, ou, mais propriamente, o do vestuário; e ninguém ignora que os números, muito antes da loteria do Ipiranga, formavam o sistema de Pitágoras²². Pela minha parte creio ter decifrado este casode empréstimo; ides ver se me engano.

E, para começar, emendemos Sêneca²³. Cada dia, ao parecer daquele moralista, é, em si mesmo, uma vida singular; por outros termos, uma vida dentro da vida. Não digo que não; mas por que não acrescentou ele que muitas vezes uma só hora é a representação de uma vida inteira? Vede este rapaz: entra no mundo com uma grande ambição, uma pasta de ministro, um Banco, uma coroa de visconde, um báculo pastoral. Aos cinquenta anos, vamos achá-lo simples apontador de alfândega, ou sacristão da roça. Tudo isso que se passou em trinta anos, pode algum Balzac²⁴ metê-lo em trezentas páginas; por que não há de

21 Carlyle: Thomas Carlyle, escritor inglês, nascido na Escócia (1795-1881).

22 Pitágoras: filósofo grego (séc. VI a séc. V a.C.).

23 Sêneca: Lúcio Sêneca, filósofo latino, nascido em Córdova (c. 4 a.C.-65 d.C.).

24 A respeito de Balzac, v. *Mar de histórias*, vol. 3.

a vida, que foi a mestra de Balzac, apertá-lo em trinta ou sessenta minutos?

Tinham batido quatro horas no cartório do tabelião Vaz Nunes, à rua do Rosário. Os escreventes deram ainda as últimas penas: depois limpavam as penas de ganso na ponta de seda preta que pendia da gaveta ao lado; fecharam as gavetas, concertaram os papéis, arrumaram os livros, lavaram as mãos; alguns, que mudavam de paletó à entrada, despiram o do trabalho e enfiaram o da rua; todos saíram. Vaz Nunes ficou só.

Este honesto tabelião era um dos homens mais perspicazes do século. Está morto: podemos elogiá-lo à vontade. Tinha um olhar de lanceta, cortante e agudo. Ele adivinhava o caráter das pessoas que o buscavam para escrever os seus acordos e resoluções; conhecia a alma de um testador muito antes de acabar o testamento; farejava as manhas secretas e os pensamentos reservados. Usava óculos, como todos os tabeliões de teatro; mas, não sendo míope, olhava por cima deles, quando queria ver, e através deles, se pretendia não ser visto. Finório como ele só, diziam os escreventes. Em todo o caso, circunspecto. Tinha cinquenta anos, era viúvo, sem filhos, e, para falar como alguns outros serventuários, roía muito caladinho os seus duzentos contos de réis.

– Quem é? perguntou ele de repente olhando para a porta da rua.

Estava à porta, parado na soleira, um homem que ele não conheceu logo, e mal pôde reconhecer daí a pouco. Vaz Nunes pediu-lhe o favor de entrar; ele obedeceu, cumprimentou-o, estendeu-lhe a mão, e sentou-se na cadeira ao pé da mesa. Não trazia o acanho natural a um pedinte; ao contrário, parecia que não vinha ali senão para dar ao tabelião alguma cousa preciosíssima e rara. E, não obstante, Vaz Nunes estremeceu e esperou.

– Não se lembra de mim?

– Não me lembro...

– Estivemos juntos uma noite, há alguns meses, na Tijuca... Não se lembra? Em casa do Teodorico, aquela grande ceia de Natal; por sinal que lhe fiz uma saúde... Veja se se lembra do Custódio.

– Ah!

Custódio endireitou o busto, que até então inclinara um pouco. Era um homem de quarenta anos. Vestia pobremente, mas escovado, apertado, correto. Usava unhas longas, curadas com esmero, e tinha as mãos muito bem-talhadas, macias, ao contrário da pele do rosto, que era agreste. Notícias mínimas, e aliás necessárias ao complemento de um certo ar duplo que distinguia este homem, um ar de pedinte e general. Na rua, andando, sem almoço e sem vintém, parecia levar após si um Exército. A causa não era outra mais do que o contraste entre a natureza e a situação, entre a alma e a vida. Esse Custódio nascera com a vocação da riqueza, sem a vocação do trabalho. Tinha o instinto das elegâncias, o amor do supérfluo, da boa xira²⁵, das belas damas, dos tapetes finos, dos móveis raros, um voluptuoso, e, até certo ponto, um artista, capaz de reger a vila Torloni ou a galeria Hamilton. Mas não tinha dinheiro; nem dinheiro, nem aptidão ou pachorra de o ganhar; por outro lado, precisava viver. *Il faut bien que je vive*²⁶, dizia um pretendente ao ministro Talleyrand. *Je n'en vois pas la nécessité*²⁷, redarguiu friamente o ministro. Ninguém dava essa resposta ao Custódio; davam-lhe dinheiro, um dez, outro cinco, outro vinte mil-réis, e de tais espórtulas é que ele principalmente tirava o albergue e a comida.

Digo que principalmente vivia delas, porque o Custódio não recusava meter-se em alguns negócios, com a condição de os escolher, e escolhia sempre os que não pres-tavam para nada. Tinha o faro das catástrofes. Entre vinte

25 Boa xira: boa alimentação, bom passado; bona-xira.

26 *Il faut bien que je vive*(francês): "É preciso que eu viva."

27 *Je n'en vois pas la nécessité*(francês): "Não vejo por quê."

empresas, adivinhava logo a insensata, e metia ombros a ela, com resolução. O caiporismo, que o perseguia, fazia com que as 19 prosperassem, e a vigésima lhe estourasse nas mãos. Não importa; aparelhava-se para outra.

Agora, por exemplo, leu um anúncio de alguém que pedia um sócio, com cinco contos de réis, para entrar em certo negócio, que prometia dar, nos primeiros seis meses, oitenta a cem contos de lucro. Custódio foi ter com o anunciante. Era uma grande ideia, uma fábrica de agulhas, indústria nova, de imenso futuro. E os planos, os desenhos da fábrica, os relatórios de Birmingham, os mapas de importação, as respostas dos alfaiates, dos donos de armarinho etc., todos os documentos de um longo inquérito passavam diante dos olhos de Custódio, estrelados de algarismos, que ele não entendia, e que por isso mesmo lhe pareciam dogmáticos. Vinte e quatro horas; não pedia mais de 24 horas para trazer os cinco contos. E saiu dali, cortejado, animado pelo anunciante, que, ainda à porta, o afagou numa torrente de saldos. Mas os cinco contos, menos dóceis ou menos vagabundos que os cinco mil-réis, sacudiam incredulamente a cabeça, e deixavam-se estar nas arcas, tolhidos de medo e de sono. Nada. Oito ou dez amigos, a quem falou, disseram-lhe que nem dispunham agora da soma pedida, nem acreditavam na fábrica. Tinha perdido as esperanças, quando aconteceu subir a rua do Rosário e ler no portal de um cartório o nome de Vaz Nunes. Estremeceu de alegria; recordou a Tijuca, as maneiras do tabelião, as frases com que ele lhe respondeu ao brinde, e disse consigo que este era o salvador da situação.

– Venho pedir-lhe uma escritura...

Vaz Nunes, armado para outro começo, não respondeu: espiou para cima dos óculos e esperou.

– Uma escritura de gratidão, explicou o Custódio; venho pedir-lhe um grande favor, um favor indispensável, e conto que o meu amigo...

— Se estiver nas minhas mãos...

— O negócio é excelente, note-se bem; um negócio magnífico. Nem eu me metia a incomodar os outros sem certeza do resultado. A cousa está pronta; foram já encomendas para a Inglaterra; e é provável que dentro de dois meses esteja tudo montado, é uma indústria nova. Somos três sócios; a minha parte são cinco contos. Venho pedir-lhe esta quantia, a seis meses — ou a três, com juro módico...

— Cinco contos?

— Sim, senhor.

— Mas, sr. Custódio, não disponho de tão grande quantia. Os negócios andam mal; e ainda que andassem muito bem, não poderia dispor de tanto. Quem é que pode esperar cinco contos de um modesto tabelião de notas?

— Ora, se o senhor quisesse...

— Quero, decerto; digo-lhe que se se tratasse de uma quantia pequena, acomodada aos meus recursos, não teria dúvida em adiantá-la. Mas cinco contos! Creia que é impossível.

A alma do Custódio caiu de bruços. Subira pela escada de Jacó até o Céu; mas em vez de descer como os anjos no sonho bíblico, rolou abaixo e caiu de bruços. Era a última esperança; e justamente por ter sido inesperada, é que ele supôs que fosse certa, pois, como todos os corações que se entregam ao regímen do eventual, o do Custódio era supersticioso. O pobre-diabo sentiu enterrarem-se-lhe no corpo os milhões de agulhas que a fábrica teria de produzir no primeiro semestre. Calado, com os olhos no chão, esperou que o tabelião continuasse, que se compadecesse, que lhe desse alguma aberta; mas o tabelião, que lia isso mesmo na alma do Custódio, estava também calado, girando entre os dedos a boceta de rapé, respirando grosso, com um certo chiado nasal e implicante. Custódio ensaiou todas as atitudes; ora pedinte, ora general. O tabelião não se mexia. Custódio ergueu-se.

– Bem, disse ele, com uma pontazinha de despeito, há de perdoar o incômodo...

– Não há o que perdoar; eu é que lhe peço desculpas de não poder servi-lo, como desejava. Repito: se fosse alguma quantia menos avultada, não teria dúvida; mas...

Estendeu a mão ao Custódio, que com a esquerda pegara maquinalmente no chapéu. O olhar empanado do Custódio exprimia a absorção da alma dele, apenas convalescida da queda que lhe tirara as últimas energias. Nenhuma escada misteriosa, nenhum céu; tudo voara a um piparote do tabelião. Adeus, agulhas! A realidade veio tomá-lo outra vez com as suas unhas de bronze. Tinha de voltar ao precário, ao adventício, às velhas contas, com os grandes zeros arregalados e os cifrões retorcidos à laia de orelhas, que continuariam a fitá-lo e a ouvi-lo, a ouvi-lo e a fitá-lo, alongando para ele os algarismos implacáveis de fome. Que queda! e que abismo! Desenganado, olhou para o tabelião com um gesto de despedida; mas, uma ideia súbita clareou-lhe a noute do cérebro. Se a quantia fosse menor, Vaz Nunes poderia servi-lo, e com prazer; por que não seria uma quantia menor? Já agora abria mão da empresa; mas não podia fazer o mesmo a uns aluguéis atrasados, a dous ou três credores etc., e uma soma razoável, quinhentos mil-réis, por exemplo, uma vez que o tabelião tinha a boa vontade de emprestar-lhos, vinham a ponto. A alma do Custódio empertigou-se; vivia do presente, nada queria saber do passado, nem saudades, nem temores, nem remorsos. O presente era tudo. O presente eram os quinhentos mil-réis, que ele ia ver surdir da algibeira do tabelião, como um alvará de liberdade.

– Pois bem, disse ele, veja o que me pode dar, e eu irei ter com outros amigos... Quanto?

– Não posso dizer nada a este respeito, porque realmente só uma cousa muito modesta.

– Quinhentos mil-réis?

– Não; não posso.

– Nem quinhentos mil-réis?

– Nem isso, replicou firme o tabelião. De que se admira? Não lhe nego que tenho algumas propriedades; mas, meu amigo, não ando com elas no bolso; e tenho certas obrigações particulares... Diga-me, não está empregado?

– Não, senhor.

– Olhe; dou-lhe cousa melhor do que quinhentos mil-réis; falarei ao ministro da Justiça, tenho relações com ele, e...

Custódio interrompeu-o, batendo uma palmada no joelho. Se foi um movimento natural, ou uma diversão astuciosa para não conversar do emprego, é o que totalmente ignoro; nem parece que seja essencial ao caso. O essencial é que ele teimou na súplica. Não podia dar quinhentos mil-réis? Aceitava duzentos; bastavam-lhe duzentos, não para a empresa, pois adotava o conselho dos amigos: ia recusá-la. Os duzentos mil-réis, visto que o tabelião estava disposto a ajudá-lo, eram para uma necessidade urgente — “tapar um buraco”. E então relatou tudo, respondeu à franqueza com franqueza: era a regra da sua vida. Confessou que, ao tratar da grande empresa, tivera em mente acudir também a um credor pertinaz, um diabo, um judeu, que rigorosamente ainda lhe devia, mas tivera a aleivosia de trocar de posição. Eram duzentos e poucos mil-réis; e dez, parece; mas aceitava duzentos...

– Realmente, custa-me repetir-lhe o que disse; mas, enfim, nem os duzentos mil-réis posso dar. Cem mesmo, se o senhor os pedisse, estão acima das minhas forças nesta ocasião. Noutra pode ser, e não tenho dúvida, mas agora...

– Não imagina os apuros em que estou!

– Nem cem, repito. Tenho tido muitas dificuldades nestes últimos tempos. Sociedades, subscrições, maçonaria... Custa-lhe crer, não é? Naturalmente: um proprietário. Mas, meu amigo, é muito bom ter casas: o senhor é que não

conta os estragos, os concertos, as penas-d'água, as décimas, o seguro, os calotes etc. São os buracos do pote, por onde vai a maior parte da água...

– Tivesse eu um pote! suspirou Custódio.

– Não digo que não. O que digo é que não basta ter casas para não ter cuidados, despesas, e até credores... Crea o senhor que também eu tenho credores.

– Nem cem mil-réis?

– Nem cem mil-réis, pesa-me dizê-lo, mas é verdade. Nem cem mil-réis. Que horas são?

Levantou-se, e veio ao meio da sala. Custódio veio também, arrastado, desesperado. Não podia acabar de crer que o tabelião não tivesse ao menos cem mil-réis. Quem é que não tem cem mil-réis consigo? Cogitou uma cena patética, mas o cartório abria para a rua; seria ridículo. Olhou para fora. Na loja fronteira, um sujeito apreçava uma sobrecasaca, à porta, porque entardecia depressa, e o interior era escuro. O caixeiro segurava a obra no ar; o freguês examinava o pano com a vista e com os dedos, depois as costuras, o forro... Este incidente rasgou-lhe um horizonte novo, embora modesto; era tempo de aposentar o paletó que trazia. Mas nem cinquenta mil-réis podia dar-lhe o tabelião. Custódio sorriu – não de desdém, não de raiva, mas de amargura e dúvida; era impossível que ele não tivesse cinquenta mil-réis. Vinte, ao menos? Nem vinte. Nem vinte! Não; falso tudo, tudo mentira.

Custódio tirou o lenço, alisou o chapéu devagarinho; depois guardou o lenço, concertou a gravata, com um ar misto de esperança e despeito. Viera cerceando as asas à ambição, pluma a pluma; restava ainda uma penugem curta e fina, que lhe metia umas veleidades de voar. Mas o outro, nada. Vaz Nunes cotejava o relógio da parede com o do bolso, chegava este ao ouvido, limpava o mostrador, calado, transpirando por todos os poros impaciência e fastio. Estavam a pingar as cinco, enfim, e o tabelião, que as

esperava, desengatilhou a despedida. Era tarde; morava longe. Dizendo isto, despiu o paletó de alpaca, e vestiu o de casimira, mudou de um para outro a boceta de rapé, o lenço, a carteira... Oh! a carteira! Custódio viu esse utensílio problemático, apalpou-o com os olhos; invejou a alpaca, invejou a casimira, quis ser algibeira, quis ser o couro, a matéria mesma do precioso receptáculo. Lá vai ela; mergulhou de todo no bolso do peito esquerdo; o tabelião abotoou-se. Nem vinte mil-réis! Era impossível que não levasse ali vinte mil-réis, pensava ele; não diria duzentos, mas vinte, dez que fossem...

– Pronto! disse-lhe Vaz Nunes, com o chapéu na cabeça.

Era o fatal instante. Nenhuma palavra do tabelião, um convite ao menos, para jantar; nada; findara tudo. Mas os momentos supremos pedem energias supremas. Custódio sentiu toda a força deste lugar-comum, e, súbito, como um tiro, perguntou ao tabelião se não lhe podia dar ao menos dez mil-réis.

– Quer ver?

E o tabelião desabotoou o paletó, tirou a carteira, abriu-a, e mostrou-lhe duas notas de cinco mil-réis.

– Não tenho mais, disse ele; o que posso fazer é reparti-los com o senhor; dou-lhe uma de cinco, e fico com a outra; serve-lhe?

Custódio aceitou os cinco mil-réis, não triste, ou de má cara, mas risonho, palpitante, como se viesse de conquistar a Ásia Menor. Era o jantar certo. Estendeu a mão ao outro, agradeceu-lhe o obséquio, despediu-se até breve – um até breve cheio de afirmações implícitas. Depois saiu; o pedinte esvaiu-se à porta do cartório; o general é que foi por ali abaixo, pisando rijo, encarando fraternalmente os ingleses do comércio que subiam a rua para se transportarem aos arrabaldes. Nunca o céu lhe pareceu tão azul, nem a tarde tão límpida; todos os homens traziam na retina a alma da

hospitalidade. Com a mão esquerda no bolso das calças, ele apertava amorosamente os cinco mil-réis, resíduo de uma grande ambição, que ainda há pouco saíra contra o sol, num ímpeto de água, e ora habita modestamente as asas de frango rasteiro.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAL, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

**O ESPELHO:
ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA
HUMANA**

Machado de Assis

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de cousas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dous ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, se não impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião — uma conjectura, ao menos.

— Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

— Duas?

— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa — e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da

existência inteira. Shylock²⁸, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração.” Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

– Não?

– Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões²⁹ que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César³⁰ e de Cromwell³¹. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora – na verdade, gentilíssima – que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino³², a rua do Ouvidor, Petrópolis...

– Perdão; essa senhora quem é?

– Essa senhora é parenta do Diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião... E assim outros muitos casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato,

28 Shylock: a personagem principal de *O mercador de Veneza*, de Shakespeare, tipo do usuário feroz.

29 Camões(nascido em c. de 1524) morreu em 1580, dois anos após a derrota de Alcácer-Quibir, no ano em que Filipe II integrou Portugal no reino de Espanha.

30 César: Júlio César (101-44 a.C.), estadista, general e historiador romano.

31 Cromwell: Oliver Cromwell (1599-1658), lorde-protetor de Inglaterra, Irlanda e Escócia, vencedor de Carlos I, a quem condenou à morte.

32 Cassino: o Cassino Fluminense, que existiu na segunda metade do século XIX, situado na esquina da atual praça Tiradentes com a rua Visconde do Rio Branco.

porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus 25 anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a ama da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia³³. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que concerta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

— Tinha 25 anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional³⁴. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, d. Marcolina, viúva do capitão Pessanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraça-

33 Aquele pomo da mitologia: o pomo da discórdia, atributo da deusa grega Éris.

34 A Guarda Nacional, criada em 18 de agosto de 1831, para substituir as antigas milícias e ordenanças, destinava-se, entre outras coisas, a “defender a Constituição, a liberdade, a independência e a integridade do Império”.

va-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”. Um cunhado dela, irmão do finado Pessanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de d. João VI³⁵. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madreperla e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

– Espelho grande?

– Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o “senhor alferes” merecia muito mais. O certo é que todas essas cousas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural

35 Fugindo da invasão francesa, d. João VI chegou ao Rio de Janeiro em 7 de março de 1808.

sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

— Não.

— O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

— Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

— Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos; os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando³⁶. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado, e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cár-

36 Foi o grego Diógenes, o Cínico (413-327 a.C.), esse filósofo.

cere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alfe-res há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

– Matá-lo?

– Antes assim fosse.

– Causa pior?

– Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo, ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão somente, um par de mulas, que fi-losofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava

mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Pessanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinham saído havia já 36 horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; e à tarde comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Pessanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cuja pêndula, tique-taque, tique-taque, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow³⁷, e topei com este famoso estribilho: *Never, for ever!* — *For ever, never!*³⁸ confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: — *Never, for ever!* — *For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. Tique-taque, tique-taque. Ninguém nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

— Sim, parece que tinha um pouco de medo.

— Oh; fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra cousa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de

37 Longfellow: Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882).

38 *Never, for ever!* — *For ever, never!* (inglês): “Nunca, para sempre! — Para sempre, nunca!”

ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: — o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único — porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. *Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir?*³⁹ Nada, cousa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me nocanapé da sala. Tique-taque, tique-taque. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma cousa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como a tia Marcolina, deixava-se estar. *Soeur Anne, soeur Anne...* Cousa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

— Mas não comia?

— Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga⁴⁰, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. Às vezes fazia ginástica; outras dava belis-

39 *Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir?* (francês): "Irmã Ana, irmã Ana, não vês nada vir?" Palavras da esposa de Barba-Azul, no conto deste nome, de Perrault. V. *Mar de histórias*, vol. 2.

40 Gonzaga: Tomás Antônio Gonzaga, poeta brasileiro nascido em Portugal (1744-1810) e pertencente ao chamado *grupo mineiro*.

cões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tique-taque da pêndula. Tique-taque, tique-taque...

– Na verdade, era de enlouquecer...

– Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque, no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. – “Vou-me embora”, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente, por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha ideia...

– Diga.

– Estava a olhar para o vidro, com uma persistência

de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

– Mas, diga, diga.

– Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regímen pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

SINGULAR OCORRÊNCIA

Machado de Assis

— Há ocorrências bem singulares. Está vendo aquela dama que vai entrando na igreja da Cruz? Parou agora no adro para dar uma esmola.

— De preto?

— Justamente; lá vai entrando; entrou.

— Não ponha mais na carta. Esse olhar está dizendo que a dama é uma sua recordação de outro tempo, e não há de ser de muito tempo, a julgar pelo corpo: é moça de truz.

— Deve ter 46 anos.

— Ah! conservada. Vamos lá; deixe de olhar para o chão, e conte-me tudo. Está viúva, naturalmente?

— Não.

— Bem; o marido ainda vive. É velho?

— Não é casada.

— Solteira?

— Assim, assim. Deve chamar-se hoje d. Maria de tal.

Em 1860 florescia com o nome familiar de Marocas. Não era costureira, nem proprietária, nem mestra de meninas; vá excluindo as profissões e lá chegará. Morava na rua do Sacramento. Já então era esbelta, e, seguramente, mais linda do que hoje; modos sérios, linguagem limpa. Na rua, com o vestido afogado, escorrido, sem espanto, arrastava a muitos, ainda assim.

— Por exemplo, ao senhor.

— Não, mas ao Andrade, um amigo meu, de 26 anos, meio advogado, meio político, nascido nas Alagoas, e casado na Bahia, donde viera em 1859. Era bonita a mulher

dele, afetuosa, meiga e resignada; quando os conheci, tinham uma filhinha de dois anos.

– Apesar disso, a Marocas...?

– É verdade, dominou-o. Olhe, se não tem pressa, conto-lhe uma cousa interessante.

– Diga.

– A primeira vez que ele a encontrou, foi à porta da loja Paula Brito⁴¹, no Rossio. Estava ali, viu a distância uma mulher bonita, e esperou, já alvoraçado⁴², porque ele tinha em alto grau a paixão das mulheres. Marocas vinha andando, parando e olhando como quem procura alguma casa. Defronte da loja deteve-se um instante; depois, envergonhada e a medo, estendeu um pedacinho de papel ao Andrade, e perguntou-lhe onde ficava o número ali escrito. Andrade disse-lhe que do outro lado do Rossio, e ensinou-lhe a altura provável da casa. Ela cortejou com muita graça; ele ficou sem saber o que pensasse da pergunta.

– Como eu estou.

– Nada mais simples: Marocas não sabia ler. Ele não chegou a suspeitá-lo. Viu-a atravessar o Rossio, que ainda não tinha estátua nem jardim, e ir à casa que buscava, ainda assim perguntando em outras. De noite foi ao Ginásio; dava-se A dama das camélias⁴³; Marocas estava lá,

41 A loja de Paula Brito ficava “na antiga praça da Constituição, ao lado do teatro São Pedro, a meio caminho das ruas do Cano e dos Ciganos”. (ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d. p. 162.) [A praça da Constituição viria a ser o largo do Rossio e, depois, praça Tiradentes; a rua do Cano é a atual Sete de Setembro; e a dos Ciganos é hoje a rua da Constituição.] Como lembra Miécio Tati (*O mundo de Machado de Assis*. Estado da Guanabara: Secretaria da Educação e Cultura, 1961. p. 28), exerceria essa loja, “nos anos da mocidade de Machado, o papel mais tarde transferido à Casa Garnier..., de ‘ponto’ obrigatório de políticos e intelectuais”.

42 Alvoraçado: mantivemos esta forma dissimilada porque existe na língua e vem nalguns dicionários. Talvez o autor haja escrito *alvoraçado*.

43 *A dama das camélias*: drama do francês Alexandre Dumas Filho (1824-1895), representado pela primeira vez em 1852.

e, no último ato, chorou como uma criança. Não lhe digo nada; no fim de 15 dias amavam-se loucamente. Marocas despediu todos os seus namorados, e creio que não perdeu pouco; tinha alguns capitalistas bem bons. Ficou só, sozinha, vivendo para o Andrade, não querendo outra afeição, não cogitando de nenhum outro interesse.

— Como a dama das camélias.

— Justo. Andrade ensinou-lhe a ler. Estou mestre-escola, disse-me ele um dia; e foi então que me contou a anedota do Rossio. Marocas aprendeu depressa. Compreende-se; o vexame de não saber, o desejo de conhecer os romances em que ele lhe falava, e finalmente o gosto de obedecer a um desejo dele, de lhe ser agradável... Não me encobriu nada; contou-me tudo com um riso de gratidão nos olhos, que o senhor não imagina. Eu tinha a confiança de ambos. Jantávamos às vezes os três juntos; e... não sei por que negá-lo — algumas vezes os quatro. Não cuide que eram jantares de gente pândega; alegres, mas honestos. Marocas gostava da linguagem afogada, como os vestidos. Pouco a pouco estabeleceu-se intimidade entre nós; ela interrogava-me acerca da vida do Andrade, da mulher, da filha, dos hábitos dele, se gostava de veras dela, ou se era um capricho, se tivera outros, se era capaz de esquecer, uma chuva de perguntas, e um receio de o perder, que mostravam a força e a sinceridade da afeição... Um dia, uma festa de S. João, o Andrade acompanhou a família à Gávea, onde ia assistir a um jantar e um baile; dous dias de ausência. Eu fui com eles. Marocas, ao despedir-se, recordou a comédia que ouvira algumas semanas antes no Ginásio — Janto com minha mãe — e disse-me que, não tendo família para passar a festa de S. João, ia fazer como a Sofia Arnoult da comédia, ia jantar com um retrato; mas não seria o da mãe, porque não tinha, e sim do Andrade. Este dito ia-lhe rendendo um beijo; o Andrade chegou a inclinar-se; ela, porém, vendo que eu estava ali, afastou-o delicadamente com a mão.

— Gosto desse gesto.

— Ele não gostou menos. Pegou-lhe na cabeça com ambas as mãos, e, paternalmente, pingou-lhe um beijo na testa. Seguimos para a Gávea. De caminho disse-me a respeito da Marocas as maiores finezas, contou-me as últimas frioleiras de ambos, falou-me do projeto que tinha de comprar-lhe uma casa em algum arrabalde, logo que pudesse dispor de dinheiro; e, de passagem, elogiou a modéstia da moça, que não queria receber dele mais do que o estritamente necessário. Há mais do que isso, disse-lhe eu; e contei-lhe uma cousa que sabia, isto é, que cerca de três semanas antes a Marocas empenhara algumas joias para pagar uma conta da costureira. Esta notícia abalou-o muito; não juro, mas creio que ficou com os olhos molhados. Em todo o caso, depois de cogitar algum tempo, disse-me que definitivamente ia arranjar-lhe uma casa e pô-la ao abrigo da miséria. Na Gávea ainda falamos da Marocas, até que as festas acabaram, e nós voltamos. O Andrade deixou a família em casa, na Lapa, e foi ao escritório aviar alguns papéis urgentes. Pouco depois do meio-dia apareceu-lhe um tal Leandro, ex-agente de certo advogado, a pedir-lhe, como de costume, dois ou três mil-réis. Era um sujeito reles e vadio. Vivia a explorar os amigos do antigo patrão. Andrade deu-lhe três mil-réis, e, como o visse excepcionalmente risonho, perguntou-lhe se tinha visto passarinho verde. O Leandro piscou os olhos e lambeu os beiços; o Andrade, que dava o cavaco por anedotas eróticas, perguntou-lhe se eram amores. Ele mastigou um pouco, e confessou que sim.

— Olhe; lá vem ela subindo: não é ela?

— Ela mesma; afastemo-nos da esquina.

— Realmente, deve ter sido muito bonita. Tem um ar de duquesa.

— Não olhou para cá; não olha nunca para os lados. Vai subir pela rua do Ouvidor..

— Sim, senhor. Compreendo o Andrade.

— Vamos ao caso. O Leandro confessou que tivera na

véspera uma fortuna rara, ou antes única, uma cousa que ele nunca esperara achar, nem merecia mesmo, porque se conhecia e não passava de um pobre-diabo. Mas, enfim, os pobres também são filhos de Deus. Foi o caso que, na véspera, perto das dez horas da noite, encontrara no Rossio uma dama vestida com simplicidade, vistosa de corpo, e muito embrulhada num xale grande. A dama vinha atrás dele, e mais depressa; ao passar rentezinha com ele, fitou-lhe muito os olhos, e foi andando devagar, como quem espera. O pobre-diabo imaginou que era engano de pessoa; confessou ao Andrade que, apesar da roupa simples, viu logo que não era cousa para os seus beiços. Foi andando; a mulher, parada, fitou-o outra vez, mas com tal instância, que ele chegou a atrever-se um pouco; ela atreveu-se o resto... Ah! um anjo! E que casa, que sala rica! Cousa papa-fina. E depois o desinteresse... “Olhe, acrescentou ele, para V. S.a é que era um bom arranjo.” Andrade abanou a cabeça; não lhe cheirava o comborço. Mas o Leandro teimou; era na rua do Sacramento, números tantos...

– Não me diga isso!

– Imagine como não ficou o Andrade. Ele mesmo não soube o que fez nem o que disse durante os primeiros minutos, nem o que pensou nem o que sentiu. Afinal teve força para perguntar se era verdade o que estava contando; mas o outro advertiu que não tinha nenhuma necessidade de inventar semelhante cousa; vendo, porém, o alvoroço do Andrade, pediu-lhe segredo, dizendo que ele, pela sua parte, era discreto. Parece que ia sair; Andrade deteve-o, e propôs-lhe um negócio; propôs-lhe ganhar vinte mil-réis. – “Pronto!” – “Dou-lhe vinte mil-réis se você for comigo à casa dessa moça e disser em presença dela que é ela mesma.”

– Oh!

– Não defendo o Andrade; a cousa não era bonita; mas a paixão, nesse caso, cega os melhores homens.

Andrade era digno, generoso, sincero; mas o golpe fora tão profundo, e ele amava-a tanto, que não recuou diante de uma tal vingança.

— O outro aceitou?

— Hesitou um pouco, estou que por medo, não por dignidade; mas vinte mil-réis... Pôs uma condição: não metê-lo em barulhos... Marocas estava na sala quando o Andrade entrou. Caminhou para a porta, na intenção de o abraçar; mas o Andrade advertiu-a, com o gesto, que trazia alguém. Depois, fitando-a muito, fez entrar o Leandro; Marocas empalideceu. — “É esta senhora?”, perguntou ele. — “Sim, senhor”, murmurou o Leandro com voz sumida, porque há ações ainda mais ignóbeis do que o próprio homem que as comete. Andrade abriu a carteira com grande afetação, tirou uma nota de vinte mil-réis e deu-lha; e, com a mesma afetação, ordenou-lhe que se retirasse. O Leandro saiu. A cena que se seguiu foi breve, mas dramática. Não a soube inteiramente, porque o próprio Andrade é que me contou tudo, e, naturalmente, estava tão atordoado, que muita coisa lhe escapou. Ela não confessou nada; mas estava fora de si, e, quando ele, depois de lhe dizer as cousas mais duras do mundo, atirou-se para a porta, ela rojou-se-lhe aos pés, agarrou-lhe as mãos, lacrimosa, desesperada, ameaçando matar-se; e ficou atirada no chão, no patamar da escada; ele desceu vertiginosamente e saiu.

— Na verdade, um sujeito reles, apanhado na rua; provavelmente eram hábitos dela?

— Não.

— Não?

— Ouça o resto. De noite, seriam oito horas, o Andrade veio à minha casa, e esperou por mim. Já me tinha procurado três vezes. Fiquei estupefato; mas como duvidar, se ele tivera a precaução de levar a prova até à evidência? Não lhe conto o que ouvi, os planos de vingança, as exclamações, os nomes que lhe chamou, todo o estilo e todo o

repertório dessas crises. Meu conselho foi que a deixasse; que, afinal, vivesse para a mulher e a filha, a mulher tão boa, tão meiga... Ele concordava, mas tornava ao furor. Do furor passou à dúvida; chegou a imaginar que a Marocas, com o fim de o experimentar, inventara o artifício e pagara ao Leandro para vir dizer-lhe aquilo; e a prova é que o Leandro, não querendo ele saber quem era, teimou e lhe disse a casa e o número. E agarrado a esta inverossimilhança, tentava fugir à realidade; mas a realidade vinha – a palidez de Marocas, a alegria sincera do Leandro, tudo o que lhe dizia que a aventura era certa. Creio até que ele arrependia-se de ter ido tão longe. Quanto a mim, cogitava na aventura, sem atinar com a explicação. Tão modesta! maneiras tão acanhadas!

– Há uma frase de teatro que pode explicar a aventura, uma frase de Augier⁴⁴, creio eu: “A nostalgia da lama.”

– Acho que não; mas vá ouvindo. As dez horas apareceu-nos em casa uma criada de Marocas, uma preta forra, muito amiga da ama. Andava aflita em procura do Andrade, porque a Marocas, depois de chorar muito, trancada no quarto, saiu de casa sem jantar, e não voltara mais. Contive o Andrade, cujo primeiro gesto foi para sair logo. A preta pedia-nos por tudo que fôssemos descobrir a ama. “Não é costume dela sair?”, perguntou o Andrade com sarcasmo. Mas a preta disse que não era costume. “Está ouvindo?”, bradou ele para mim. Era a esperança que de novo empolgara o coração do pobre-diabo. “E ontem?...”, disse eu. A preta respondeu que na véspera sim; mas não lhe perguntei mais nada, tive compaixão do Andrade, cuja aflição crescia, e cujo pundonor ia cedendo diante do perigo. Saímos em busca da Marocas; fomos a todas as casas em que era possível encontrá-la; fomos à polícia; mas a noite passou-se sem outro resultado. De manhã voltamos à polícia. O chefe ou um dos delegados, não me lembra,

44 Augier:Émile Augier (1820-1889), autor dramático francês muito popular na época.

era amigo do Andrade, que lhe contou da aventura a parte conveniente; aliás a ligação do Andrade e da Marocas era conhecida de todos os seus amigos. Pesquisou-se tudo; nenhum desastre se dera durante a noite; as barcas da Praia Grande⁴⁵ não viram cair ao mar nenhum passageiro; as casas de armas não venderam nenhuma; as boticas, nenhum veneno. A polícia pôs em campo todos os seus recursos, e nada. Não lhe digo o estado de aflição em que o pobre Andrade viveu durante essas longas horas, porque todo o dia se passou em pesquisas inúteis. Não era só a dor de a perder; era também o remorso, a dúvida, ao menos, da consciência, em presença de um possível desastre, que parecia justificar a moça. Ele perguntava-me, a cada passo, se não era natural fazer o que fez, no delírio da indignação, se eu não faria a mesma cousa. Mas depois tornava a afirmar a aventura, e provava-me que era verdadeira, com o mesmo ardor com que na véspera tentara provar que era falsa; o que ele queria era acomodar a realidade ao sentimento da ocasião.

– Mas, enfim, descobriram a Marocas?

– Estávamos comendo alguma cousa, em um hotel, eram perto de oito horas, quando recebemos notícia de um vestígio: — um cocheiro que levava na véspera uma senhora para o Jardim Botânico, onde ela entrou em uma hospedaria, e ficou. Nem acabamos o jantar; fomos no mesmo carro ao Jardim Botânico. O dono da hospedaria confirmou a versão, acrescentando que a pessoa se recolhera a um quarto, não comera nada desde que chegou na véspera; apenas pediu uma xícara de café; parecia profundamente abatida. Encaminhamo-nos para o quarto; o dono da hospedaria bateu à porta; ela respondeu com voz fraca, e abriu. O Andrade nem me deu tempo de preparar nada; empurrou-me, e caíram nos braços um do outro. Marocas chorou muito e perdeu os sentidos.

– Tudo se explicou?

45 Praia Grande: antiga designação da cidade de Niterói.

– Cousa nenhuma. Nenhum deles tornou ao assunto; livres de um naufrágio, não quiseram saber nada da tempestade que os meteu a pique. A reconciliação fez-se depressa. O Andrade comprou-lhe, meses depois, uma casinha em Catumbi; a Marocas deu-lhe um filho, que morreu de dois anos. Quando ele seguiu para o Norte, em comissão do governo, a afeição era ainda a mesma, posto que os primeiros ardores não tivessem já a mesma intensidade. Não obstante, ela quis ir também; fui eu que a obriguei a ficar. O Andrade contava tornar ao fim de pouco tempo, mas, como lhe disse, morreu na província. A Marocas sentiu profundamente a morte, pôs luto, e considerou-se viúva; sei que nos três primeiros anos ouvia sempre uma missa no dia do aniversário. Há dez anos per-di-a de vista. Que lhe parece tudo isto?

– Realmente, há ocorrências bem singulares, se o senhor não abusou da minha ingenuidade de rapaz para imaginar um romance...

– Não inventei nada; é a realidade pura.

– Pois, senhor, é curioso. No meio de uma paixão tão ardente, tão sincera... Eu ainda estou na minha; acho que foi a nostalgia da lama.

– Não: nunca a Marocas desceu até aos Leandros.

– Então por que desceria naquela noite?

– Era um homem que ela supunha separado, por um abismo, de todas as suas relações pessoais; daí a confiança. Mas o acaso, que é um deus e um diabo ao mesmo tempo... Enfim, cousas!

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

ENTRE SANTOS

Machado de Assis

Quando eu era capelão de S. Francisco de Paula (contava um padre velho) aconteceu-me uma aventura extraordinária.

Morava ao pé da igreja, e recolhi-me tarde, uma noite. Nunca me recolhi tarde que não fosse ver primeiro se as portas do templo estavam bem fechadas. Achei-as bem fechadas, mas lobriguei luz por baixo delas. Corri assustado à procura da ronda; não a achei, tornei atrás e fiquei no adro, sem saber que fizesse. A luz, sem ser muito intensa, era-o demais para ladrões; além disso notei que era fixa e igual, não andava de um lado para outro, como seria a das velas ou lanternas de pes-soas que estivessem roubando. O mistério arrastou-me; fui a casa buscar as chaves da sacristia (o sacristão tinha ido passar a noite em Niterói), benzi-me primeiro, abri a porta e entrei.

O corredor estava escuro. Levava comigo uma lanterna e caminhava devagarinho, calando o mais que podia o rumor dos sapatos. A primeira e a segunda porta que comunicam com a igreja estavam fechadas; mas via-se a mesma luz e, porventura, mais intensa que do lado da rua. Fui andando, até que dei com a terceira porta aberta. Pus a um canto a lanterna, com o meu lenço por cima, para que não me vissem de dentro, e aproximei-me a espiar o que era.

Detive-me logo. Com efeito, só então adverti que viera inteiramente desarmado e que ia correr grande risco aparecendo na igreja sem mais defesa que as duas mãos. Correram ainda alguns minutos. Na igreja a luz era a mesma, igual e geral, e de uma cor de leite que não tinha a luz das

velas. Ouvi também vozes, que ainda mais me atrapalharam, não cochichadas nem confusas, mas regulares, claras e tranquilas, à maneira de conversação. Não pude entender logo o que diziam. No meio disto, assaltou-me uma ideia que me fez recuar. Como naquele tempo os cadáveres eram sepultados nas igrejas, imaginei que a conversação podia ser de defuntos. Recuei espavorido, e só passado algum tempo é que pude reagir e chegar outra vez à porta, dizendo a mim mesmo que semelhante ideia era um disparate. A realidade ia dar-me cousa mais assombrosa que um diálogo de mortos. Encomendei-me a Deus, benzi-me outra vez e fui andando, sorrateiramente, encostadinho à parede, até entrar. Vi então uma cousa extraordinária.

Dois dos três santos do outro lado, S. José e S. Miguel (à direita de quem entra na igreja pela porta da frente), tinham descido dos nichos e estavam sentados nos seus altares. As dimensões não eram as das próprias imagens, mas de homens. Falavam para o lado de cá, onde estão os altares de S. João Batista e S. Francisco de Sales. Não posso descrever o que senti. Durante algum tempo, que não chego a calcular, fiquei sem ir para diante nem para trás, arrepiado e trêmulo. Com certeza, andei beirando o abismo da loucura, e não caí nele por misericórdia divina. Que perdi a consciência de mim mesmo e de toda outra realidade que não fosse aquela, tão nova e tão única, posso afirmá-lo; só assim se explica a temeridade com que, dali a algum tempo, entrei mais pela igreja, a fim de olhar também para o lado oposto. Vi aí a mesma cousa: S. Francisco de Sales e S. João, descidos dos nichos, sentados nos altares e falando com os outros santos.

Tinha sido tal a minha estupefação que eles continuaram a falar, creio eu, sem que eu sequer ouvisse o rumor das vozes. Pouco a pouco, adquiri a percepção delas e pude compreender que não tinham interrompido a conversação; distingui-as, ouvi claramente as palavras, mas não pude colher desde logo o sentido. Um dos santos, falando para o

lado do altar-mor, fez-me voltar a cabeça, e vi então que S. Francisco de Paula, o orago da igreja, fizera a mesma cousa que os outros e falava para eles, como eles falavam entre si. As vozes não subiam do tom médio e, contudo, ouviam-se bem, como se as ondas sonoras tivessem recebido um poder maior de transmissão. Mas, se tudo isso era espantoso, não menos o era a luz, que não vinha de parte nenhuma, porque os lustres e castiçais estavam todos apagados; era como um luar, que ali penetrasse, sem que os olhos pudessem ver a lua; comparação tanto mais exata quanto que, se fosse realmente luar, teria deixado alguns lugares escuros, como ali acontecia, e foi num desses recantos que me refugiei.

Já então procedia automaticamente. A vida que vivi durante esse tempo todo não se pareceu com a outra vida anterior e posterior. Basta considerar que, diante de tão estranho espetáculo, fiquei absolutamente sem medo; perdi a reflexão, apenas sabia ouvir e contemplar.

Compreendi, no fim de alguns instantes, que eles inventariavam e comentavam as orações e implorações daquele dia. Cada um notava alguma cousa. Todos eles, terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma e a vida dos fiéis, e desfibravam os sentimentos de cada um, como os anatomistas escarpelam um cadáver. S. João Batista e S. Francisco de Paula, duros ascetas, mostravam-se às vezes enfadados e absolutos. Não era assim S. Francisco de Sales; esse ouvia ou contava as cousas com a mesma indulgência que presidira ao seu famoso livro da Introdução à vida devota.

Era assim, segundo o temperamento de cada um, que eles iam narrando e comentando. Tinham já contado casos de fé sincera e castiça, outros de indiferença, dissimulação e versatilidade; os dois ascetas estavam a mais e mais anojados, mas S. Francisco de Sales recordava-lhes o texto da Escritura: muitos são os chamados e poucos os escolhidos, significando assim que nem todos os que ali iam à igreja levavam o coração puro. S. João abanava a cabeça.

— Francisco de Sales, digo-te que vou criando um sentimento singular em santo: começo a descrever dos homens.

— Exageras tudo, João Batista, atalhou o santo bispo, não exageremos nada. Olha — ainda hoje aconteceu aqui uma cousa que me fez sorrir, e pode ser, entretanto, que te indignasse. Os homens não são piores do que eram em outros séculos; descontemos o que há neles ruim, e ficará muita cousa boa. Crê isto e hás de sorrir ouvindo o meu caso.

— Eu?

— Tu, João Batista, e tu também, Francisco de Paula, e todos vós haveis de sorrir comigo; e, pela minha parte, posso fazê-lo, pois já intercedi e alcancei do Senhor aquilo mesmo que me veio pedir esta pessoa.

— Que pessoa?

— Uma pessoa mais interessante que o teu escrivão, José, e que o teu lojista, Miguel...

— Pode ser, atalhou S. José, mas não há de ser mais interessante que a adúltera que aqui veio hoje prostrar-se a meus pés. Vinha pedir-me que lhe limpasse o coração da lepra da luxúria. Brigará ontem mesmo com o namorado, que a injuriou torpemente, e passou a noite em lágrimas. De manhã, determinou abandoná-lo e veio buscar aqui a força precisa para sair das garras do demônio. Começou rezando bem, cordialmente; mas pouco a pouco vi que o pensamento a ia deixando para remontar aos primeiros deleites. As palavras, paralelamente, iam ficando sem vida. Já a oração era morna, depois fria, depois inconsciente; os lábios, afeitos à reza, iam rezando; mas a alma, que eu espiava cá de cima, essa já não estava aqui, estava com o outro. Afinal persignou-se, levantou-se e saiu sem pedir nada.

— Melhor é o meu caso.

— Melhor que isto?, perguntou S. José, curioso.

— Muito melhor, respondeu S. Francisco de Sales, e não é triste como o dessa pobre alma ferida do mal da Terra, que a graça do Senhor ainda pode salvar. E por que não salvará também a esta outra? Lá vai o que é.

Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo; lembrou-me que eles, que veem tudo o que se passa no interior da gente, como se fôssemos de vidro, pensamentos recônditos, intenções torcidas, ódios secretos, bem podiam ter-me lido já algum pecado ou gérmen de pecado. Mas não tive tempo de refletir muito; S. Francis-co de Sales começou a falar.

— Tem cinquenta anos o meu homem, disse ele; a mulher está de cama, doente de uma erisipela na perna esquerda. Há cinco dias vive aflito porque o mal agrava-se e a ciência não responde pela cura. Vede, porém, até onde pode ir um preconceito público. Ninguém acredita na dor do Sales (ele tem o meu nome), ninguém acredita que ele ame outra cousa que não seja dinheiro, e logo que houve notícia da sua aflição, desabou em todo o bairro um aguaceiro de motes e dichotes; nem faltou quem acreditasse que ele gemia antecipadamente pelos gastos da sepultura.

— Bem podia ser que sim, ponderou S. João.

— Mas não era. Que ele é usurário e avaro não o nego; usurário, como a vida, e avaro, como a morte. Ninguém extraiu nunca tão implacavelmente da algibeira dos outros o ouro, a prata, o papel e o cobre; ninguém os amou com mais zelo e prontidão. Moeda que lhe cai na mão dificilmente torna a sair; e tudo o que lhe sobra das casas mora dentro de um armário de ferro, fechado a sete chaves. Abre-o às vezes, por horas mortas, contempla o dinheiro alguns minutos, e fecha-o outra vez depressa; mas nessas noites não dorme, ou dorme mal. Não tem filhos. A vida que leva é sórdida; come para não morrer, pouco e ruim. A família compõe-se da mulher e de uma preta escrava, comprada com outra, há muitos anos, e às escondidas, por

serem de contrabando. Dizem até que nem as pagou, porque o vendedor faleceu logo sem deixar nada escrito. A outra preta morreu há pouco tempo; e aqui vereis se este homem tem ou não o gênio da economia; Sales libertou o cadáver...

E o santo bispo calou-se para saborear o espanto dos outros.

— O cadáver?

— Sim, o cadáver. Fez enterrar a escrava como pessoa livre e miserável, para não acudir às despesas da sepultura. Pouco embora, era alguma cousa. E para ele não há pouco; com pingos d'água é que se alagam as ruas. Nenhum desejo de representação, nenhum gosto nobiliário; tudo isso custa dinheiro, e ele diz que o dinheiro não lhe cai do céu. Pouca sociedade, nenhuma recreação de família. Ouve e conta anedotas da vida alheia, que é regalo gratuito.

— Compreende-se a incredulidade pública, ponderou S. Miguel.

— Não digo que não, porque o mundo não vai além da superfície das cousas. O mundo não vê que, além de caseira eminente, educada por ele, e sua confidente de mais de vinte anos, a mulher deste Sales é amada deveras pelo marido. Não te espantes, Miguel; naquele muro aspérrimo brotou uma flor descorada e sem cheiro, mas flor. A botânica sentimental tem dessas anomalias. Sales ama a esposa; está abatido e desvairado com a ideia de a perder. Hoje de manhã, muito cedo, não tendo dormido mais de duas horas, entrou a cogitar no desastre próximo. Desesperando da Terra, voltou-se para Deus; pensou em nós, e especialmente em mim, que sou o santo do seu nome. Só um milagre podia salvá-la; determinou vir aqui. Mora perto, e veio correndo. Quando entrou trazia o olhar brilhante e esperançado; podia ser a luz da fé, mas era outra cousa muito particular, que vou dizer. Aqui peço-vos que redobreis de atenção.

Vi os bustos inclinarem-se ainda mais; eu próprio não pude esquivar-me ao movimento e dei um passo para diante. A narração do santo foi tão longa e miúda, a análise tão complicada, que não as ponho aqui integralmente, mas em substância.

— Quando pensou em vir pedir-me que intercedesse pela vida da esposa, Sales teve uma ideia específica de usurário, a de prometer-me uma perna de cera. Não foi o crente, que simboliza desta maneira a lembrança do benefício; foi o usurário que pensou em forçar a graça divina pela expectação do lucro. E não foi só a usura que falou, mas também a avareza; porque em verdade, dispondo-se à promessa, mostrava ele querer deveras a vida da mulher — intuição de avaro —, despende é documentar: só se quer de coração aquilo que se paga a dinheiro, disse-lhe a consciência pela mesma boca escura. Sabeis que pensamentos tais não se formulam como outros, nascem das entranhas do caráter e ficam na penumbra da consciência. Mas eu li tudo nele logo que aqui entrou alvoroçado, com o olhar fúlgido de esperança; li tudo e esperei que acabasse de benzer-se e rezar.

— Ao menos, tem alguma religião, ponderou S. José.

— Alguma tem, mas vaga e econômica. Não entrou nunca em irmandades e ordens-terceiras, porque nelas se rouba o que pertence ao Senhor; é o que ele diz para conciliar a devoção com a algibeira. Mas não se pode ter tudo; é certo que ele teme a Deus e crê na doutrina.

— Bem, ajoelhou-se e rezou.

— Rezou. Enquanto rezava, via eu a pobre alma, que padecia deveras, conquanto a esperança começasse a trocar-se em certeza intuitiva. Deus tinha de salvar a doente, por força, graças à minha intervenção, e eu ia interceder; é o que ele pensava, enquanto os lábios repetiam as palavras da oração. Acabando a oração, ficou Sales algum tempo olhando, com as mãos postas; afinal falou a boca do homem,

falou para confessar a dor, para jurar que nenhuma outra mão, além da do Senhor, podia atalhar o golpe. A mulher ia morrer... ia morrer... ia morrer... E repetia a palavra, sem sair dela. A mulher ia morrer. Não passava adiante. Prestes a formular o pedido e a promessa, não achava palavras idôneas, nem aproximativas, nem sequer dúbias, não achava nada, tão longo era o descostume de dar alguma cousa. Afinal saiu o pedido; a mulher ia morrer, ele rogava-me que a salvasse, que pedisse por ela ao Senhor. A promessa, porém, é que não acabava de sair. No momento em que a boca ia articular a primeira palavra, a garra da avareza mordida-lhe as entranhas e não deixava sair nada. Que a salvasse... que intercedesse por ela.

No ar, diante dos olhos, recortava-se-lhe a perna de cera, e logo a moeda que ela havia de custar. A perna desapareceu, mas ficou a moeda, redonda, lúzia, amarela, ouro puro, completamente ouro, melhor que o dos castiçais do meu altar, apenas dourados. Para onde quer que virasse os olhos, via a moeda, girando, girando, girando. E os olhos a apalpavam, de longe, e transmitiam-lhe a sensação fria do metal e até a do relevo do cunho. Era ela mesma, velha amiga de longos anos, companheira do dia e da noite, era ela que ali estava no ar, girando, às tontas; era ela que descia do teto, ou subia do chão, ou rolava no altar, indo da Epístola ao Evangelho⁴⁶, ou tilintava nos pingentes do lustre.

Agora a súplica dos olhos e a melancolia deles eram mais intensas e puramente voluntárias. Vi-os alongarem-se para mim, cheios de contrição, de humilhação, de desamparo; e a boca ia dizendo algumas cousas soltas — Deus —, os anjos do Senhor —, as bentas chagas —, palavras lacrimosas e trêmulas, como para pintar por elas a sinceridade da fé e a imensidade da dor. Só a promessa da perna é que

46 Epístola: o lado direito do altar, em relação aos assistentes, onde o celebrante da missa lê a Epístola, e que se opõe ao lado do Evangelho.

não saía. Às vezes, a alma, como pessoa que recolhe as forças, a fim de saltar um valo, fitava longamente a morte da mulher e reboitava-se no desespero que ela lhe havia de trazer; mas, à beira do valo, quando ia dar o salto, recuava. A moeda emergia dele e a promessa ficava no coração do homem.

O tempo ia passando. A alucinação crescia, porque a moeda, acelerando e multiplicando os saltos, multiplicava-se a si mesma e parecia uma infinidade delas; e o conflito era cada vez mais trágico. De repente, o receio de que a mulher podia estar expirando gelou o sangue ao pobre homem e ele quis precipitar-se. Podia estar expirando... Pedia-me que intercedesse por ela, que a salvasse...

Aqui o demônio da avareza sugeria-lhe uma transação nova, uma troca de espécie, dizendo-lhe que o valor da oração era superfino e muito mais excelso que o das obras terrenas. E o Sales, curvo, contrito, com as mãos postas, o olhar submisso, desamparado, resignado, pedia-me que lhe salvasse a mulher. Que lhe salvasse a mulher, e prometia-me trezentos — não menos —, trezentos padre-nossos e trezentas ave-marias. E repetia enfático: trezentos, trezentos, trezentos... Foi subindo, chegou a quinhentos, a mil padre-nossos e mil ave-marias. Não via esta soma escrita por letras do alfabeto, mas em algarismos, como se ficasse assim mais viva, mais exata, e a obrigação maior, e maior também a sedução. Mil padre-nossos, mil ave-marias. E voltaram as palavras lacrimosas e trêmulas, as bentas chagas, os anjos do Senhor... 1.000 — 1.000 — 1.000. Os quatro algarismos foram crescendo tanto, que encheram a igreja de alto a baixo, e com eles crescia o esforço do homem, e a confiança também; a palavra saía-lhe mais rápida, impetuosa, já falada, mil, mil, mil, mil... Vamos lá, podeis rir à vontade, concluiu S. Francisco de Sales.

E os outros santos riram efetivamente, não daquele riso descomposto dos deuses de Homero, quando viram

o coxo Vulcano⁴⁷ servir à mesa, mas de um riso modesto, tranquilo, beato e católico.

Depois, não pude ouvir mais nada. Caí redondamente no chão. Quando dei por mim era dia claro... Corri a abrir todas as portas e janelas da igreja e da sacristia, para deixar entrar o sol, inimigo dos maus sonhos.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

⁴⁷ Vulcano: entre os romanos, deus do fogo e das artes metalúrgicas, filho de Júpiter e de Juno.

LISTA DE CONTOS

O estudante - Anton Tchekhov.....	5
A aposta - Anton Tchekhov.....	11
Angústia - Anton Tchekhov.....	21
O homem que sabia javanês - Lima Barreto.....	29
De quanta terra precisa um homem - Liev Tolstói.....	41
Os três anciãos - Liev Tolstói.....	59
Depois do baile - Liev Tolstói.....	69
O primeiro impulso - Autor Persa Anônimo.....	83
O comprador de fazendas - Monteiro Lobato.....	89
O semelhante - Miguel de Unamuno.....	105
O mendigo e a donzela orgulhosa - Rainer Maria Rilke.....	111
A sombra - Hans Christian Andersen.....	117
Uma árvore de natal e um casamento - Fiodor Dostoiévski.....	131
O empréstimo - Machado de Assis.....	141
O espelho - Machado de Assis.....	151
Singular ocorrência - Machado de Assis.....	163
Entre santos - Machado de Assis.....	173

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

